

Kósmos

SUMMARIO

Chronica	Olavo Bilac.
Gloria in excelsis Deo.	Malaguli.
Bocage.	José Verissimo.
Flamboyants.	D. Julia L. de Almeida.
A Bordo	Virgilio Varzea.
Natal em 2005.	Dr. Souza Bandeira.
Natal - Desenho de Fiuza - Soneto Luiz Edmundo.	
Typos e Symbolos.	João Luso.
Um Natal na Bahia no seculo XVIII	Mario Behring.
Volta do Pasto - Trichromia	
Orações.	João do Rio.
Sonho	R. Amoêdo.
Bemditos Olhos.	Gonzaga Duque.
Fabulas.	Cons. Ferreira Vianna.
Vice-Mãe	Affonso Celso.
O Natal do Orphão.	Lima Campos.
Dor Suprema.	Mario Pederneiras.
O Estado Livre de Bremen.	Dario Freire.
Terra Maldita	Costa Macedo.
Natal do Amôr	Americo Fluminense.
Avenida Beira Mar - Gravuras.	
O ultimo conto do Natal.	Oliveira Gomes.

✠ ANNO II ✠
NUMERO XII
DEZEMBRO
✠ ✠ 1905 ✠ ✠

Rs. 2\$000



RAUL

R

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ALFANDEGA, 24
RIO DE JANEIRO



ANNO II

DEZEMBRO 1905

N. 12



Conta-nos uma lenda, e, como lenda christã, ungida de doce piedade pelos inferiores, que, estando São Calais no deserto de Lavaradin, onde fôra procurar solidão para mais se approximar de Deus, um dia lhe appareceu o fogo Childeberto com sua côrte a perseguir um bufalo selvagem, o qual se refugiára no escondrijo do santo que era seu amigo.

O rei Childeberto irritou-se com o acoutamento do bufalo e maltratou por palavras São Calais; este, porém, humilde e calmo, respondeu á colera do conquistador da Bourgogne com um suave convite para provar de seu vinho, cuja vinha elle plantára com suas proprias mãos de trabalho e cujos bagos elle proprio espremêra no seu lagar.

A mais irritou-se o filho de Clovis e de tal modo que, cingindo acicates na ilharga do ginete, procurou investir contra o sereno anachorêta. O animal, postoquê ferido, recuou e ficou immovel, como tocado por paralytia súbita. Então, movido por fé, um cortezão observou ao rei que subjugar o santo homem seria desprezar a Deus. E isso foi bastante para penetrar o coração do rude monarcha, que accitou do vinho espremido por São Calais.

O precioso liquido veio numa escudella. Childeberto bebeu delle e passou a vasilha a quem, dos da sua côrte, mais proximo lhe estava. E assim, de bocca em bocca, foi correndo a escudella sem que o liquido se exgotasse.

Façamos da lenda um apologo, si não ha impropriedade n'applicação do caso.

Kósmos chegou ao duodecimo mez do seu segundo anno como a escudella de São Calais, não se exgotou e a todos satisfiz. Póde ser que nessa affirmativa se intrometta um pouco de presumpção. Mas, descontado o exaggero, si exaggero existe, *Kosmos*, que resultou da força de enthusiasmo e perseverança de um modesto, pequeno numero de amadores de boas letras e de bellas-artes, e alcançou, ininterruptamente, vinte e quatro mezes de publicidade, tem o direito de se julgar um milagre num meio em que as tentativas congeneres sempre falharam por maiores que fossem as dedicações a ellas prestadas.

Já ao termo de 1904, quando iniciavamos o numero fim-de-anno, a exemplo das publicações europeas e norte-americanas, escreviamos:

«Graças ao apoio da imprensa, ao concurso brilhante dos nossos collaboradores, á sympa-



KOSMOS

thia encorajadora do publico, *Kosmos* pôde dizer no ultimo numero do seu primeiro anno como Paulo de Tarso: «Percorri o meu caminho, combati o meu combate e préguei a minha fé.» E *Kosmos* nada mais deseja do que repetir em todos os dezembros a mesma affirmativa.....»

O nosso caminho não foi tão liso e franco como se julgará. Por vezes sentimos as nossas forças minguarem-se, e foi preciso redobrar esforços para debellar desfallecimentos diante de incontados e sérios obstaculos. As esperanças de *Kósmos* foram como as illusões da Mocidade: o tempo as reduziu e, infelizmente, annulou não poucas.

Entretanto, queremos convencer-nos de que as dificuldades desapparecerão, o meio melhor corresponderá ao esforço feito, cultivando o amor pelas artes e *Kósmos*, dentro do seu molde, continuará a ser uma revista capaz de honrar no exterior o nome brasileiro, mantendo em suas paginas a prestigiosa collaboração que tem tido, quer litteraria, quer artistica.

E que, recordando a lenda de São Calais, em paga do milagre realisado, nos sejam concedidos o apoio e os dons necessarios ao desenvolvimento que almejamos, como ao solitario de Lavardin foram dados campos para o cultivo de novos vinhedos e montes para os mosteiros perpetuadores da sua fé.

Terminando com o presente numero o 2º anno da *Kósmos*, esperamos que seus assignantes, desta Capital e do exterior, se dignem reformar as suas assignaturas, prestando com isso o valioso concurso material que tanto ha concorrido para o desenvolvimento desta revista. -- E agradecendo mais esta prova de confiança, empenharemos os nossos esforços afim de tornar *Kósmos* um documento honroso da arte de nossa patria.

CHRONICA



DEZEMBRO... Mez das liquidações, mez do balanço final de cada anno...

Que interessante capitulo de psychologia poderia compôr qualquer de nós, se organisasse, durante todo o anno, dia a dia, hora a hora, a escripturação da sua vida, fechando-a, n'este mez de dezembro, com um balanço geral! Não me refiro, está claro, a uma escripturação commercial, em que se registrassem a receita e a despeza de cada dia e de cada mez. Refiro-me a uma escripturação... moral, em que tu, leitor amigo, fosses archivando os teus pensamentos bons e os teus pensamentos maus, as tuas alegrias e as tuas decepções, as tuas obras de misericordia e as tuas obras de vingança, os teus actos de tolerancia e os teus actos de rancor. Imagina que livro admiravel dariam, no fim do anno, essas paginas diarias!—n'esse livro estudarias a tua propria alma, e n'elle te reverias, como n'um espelho, em que, por milagre, se houvessem fixado todas as tuas ideias e todas as tuas acções durante trezentos e sessenta e cinco dias...

Mas isso é uuu sonho! não ha homem bastante sincero, bastante justo, bastante leal, para realisar esse trabalho com imparcialidade: cada um de nós teria o cuidado de sómente archivar, no livro da escripturação, as suas ideias nobres e as suas acções generosas, esquecendo as grandes e as pequeninas maldades, de que anda sempre cheia a vida do melhor dos homens...

Sem esse registro diario, não nos é possivel saber, com segurança, no fim de cada anno, se progredimos ou retrogradámos moralmente, se ficámos melhores ou piores do que eramos. Naturalmente ficamos piores, mais egoistas, mais duros: a Vida é uma rude escola, —e sómente um santo, um homem excepcionalmente bom, poderá conservar o coração immune do contagio dos maus corações que o rodeiam...

A nossa capital é que, decididamente, está ficando melhor.

Mas não nos deixemos inchar de um orgulho desmesurado: ainda lhe falta muito para que ella seja o que deve ser.

Sempre que chega o verão, — este terrivel estio carioca, que nos derrete os miolos dentro do craneo, — eu pergunto a mim mesmo, com espanto, porque é que não aproveitamos como deviamos, para residencia estival, estas admiraveis montanhas que cercam a cidade, — a Tijuca, por exemplo, — um paraíso situado tão perto de nós, e tão desprezado pela nossa inqualificavel indiferença. Todos sabem que a Tijuca é uma maravilha, todos o dizem, e todos affirmam com vaidade que não ha em toda a Terra uma cidade possuidora de igual fortuna. Essa fortuna, porém, alli está, ha seculos, desdenhada, como se fosse uma inutilidade. Podemos dizer, dando ás palavras o seu verdadeiro sentido, que a Tijuca é uma maravilha «para inglez ver»: porque só a sabem admirar alguns estrangeiros, quasi todos representantes d'esse forte povo inglez, tão curioso e «touriste» por temperamento, — que nasceu para viajar, para explorar a Terra, e para gosar tudo quanto ella tem de bom e de bello.

Como é que ainda ninguem se lembrou de fundar lá em cima, no alto da Tijuca, uma villa de verão, com palacetes confortaveis, com um Casino e um parque, com todas as commodidades de uma perfeita estancia estival, — onde a gente de dinheiro e de bom gosto vá passar, em plena floresta, mas perto dos seus negocios, e livre do calor e da poeira, estes mezes abrazados em que o Rio de Janeiro tem fogo vivo no ar? Ainda ninguem se lembrou d'isso... E a gente rica e de bom gosto continua a transferir, de dezembro a maio, os seus penates, para a humida e longinqua Petropolis, sujeitando-se a estafantes viagens diarias, que transformam o veranista em um martyr do «chic», em um calceta da elegancia...



Deixemos porém a Tijuca entregue aos inglezes, deixemos a gente rica preparar-se para se ir aborrecer em Petropolis, e louvemos o acto do Prefeito, ordenando que, entre as disciplinas escolares, nas Escolas Publicas,

figure todos os dias uma saudação dirigida á bandeira nacional.

E' um acto que tem uma alta significação, e que vae influir notavelmente no sentido de corrigir um dos nossos mais velhos e feios costumes: o costume de não saudar o pavilhão brasileiro, quando elle passa nas ruas no centro de um batalhão em marcha.

Bem sei que não é sómente esse simples gesto de tirar o chapeo da cabeça o que pode provar o patriotismo de alguém... Mas convém não esquecer que toda a vida social é feita de convenções. Os gestos e as palavras são a expressão unica dos sentimentos. Sem gestos e sem palavras, as ideias morreriam ao nascer, sem communição e sem proveito. O aperto de mão, o abraço, o sorriso, o choro, o beijo, — tudo é gesto, tudo é convenção, tudo é formula. E, sem esses gestos, sem essas convenções e essas formulas, não haveria troca de ideias nem de sentimentos. Não ha catholico praticante, que, ao passar por uma igreja, não tire o chapeo; ninguém assiste ao desfilar de uma procissão, sem fazer esse gesto, que vale por uma affirmação publica de respeito: e aquelles mesmos, que não teem crenças, acompanham os crentes n'essa demonstração, — porque todo o homem bem educado comprehende que tem o dever de não offender as crenças alheias. Sendo assim, porque é que todos (ou quasi todos) conservam o chapeo na cabeça, quando veem, em parada ou em marcha militar, a bandeira nacional, que tambem é o symbolo de uma religião, a imagem de um culto sacratissimo, a exteriorisação de uma ideia, — da mais nobre de todas as ideias? N'uma sacada de casa, n'um coreto, n'um embandeiramento festivo de edificio ou de rua, a bandeira é apenas um ornato; mas no centro de um batalhão, ella é a propria ideia da Patria, é a propria Patria, presente em espirito e em forma. Ora, a unica demonstração clara e forte de respeito, de amor, de veneração, que se pode dar a esse symbolo da Patria, que passa, é esse gesto, tão significativo e tão simples, da continencia com o chapeo, — gesto que, aliás, todos nós prodigalisamos e malbaratamos com uma facilidade pasmosa... Está claro que ninguém conserva o chapeo na cabeça, por um proposito reflectido. E' apenas um habito: mas é tão facil e tão bom corrigir os maus habitos!

A providencia dada pelo Prefeito vae de certo contribuir efficazmente para isso. Já que o exemplo não vae dos adultos para as crianças, dos paes para os filhos, — é preciso que vá dos filhos para os paes. Quando todas as crianças se descobrirem diante da bandeira nacional, os homens feitos hão-de envergonhar-se de não fazer o mesmo, e hão-de imital-as.



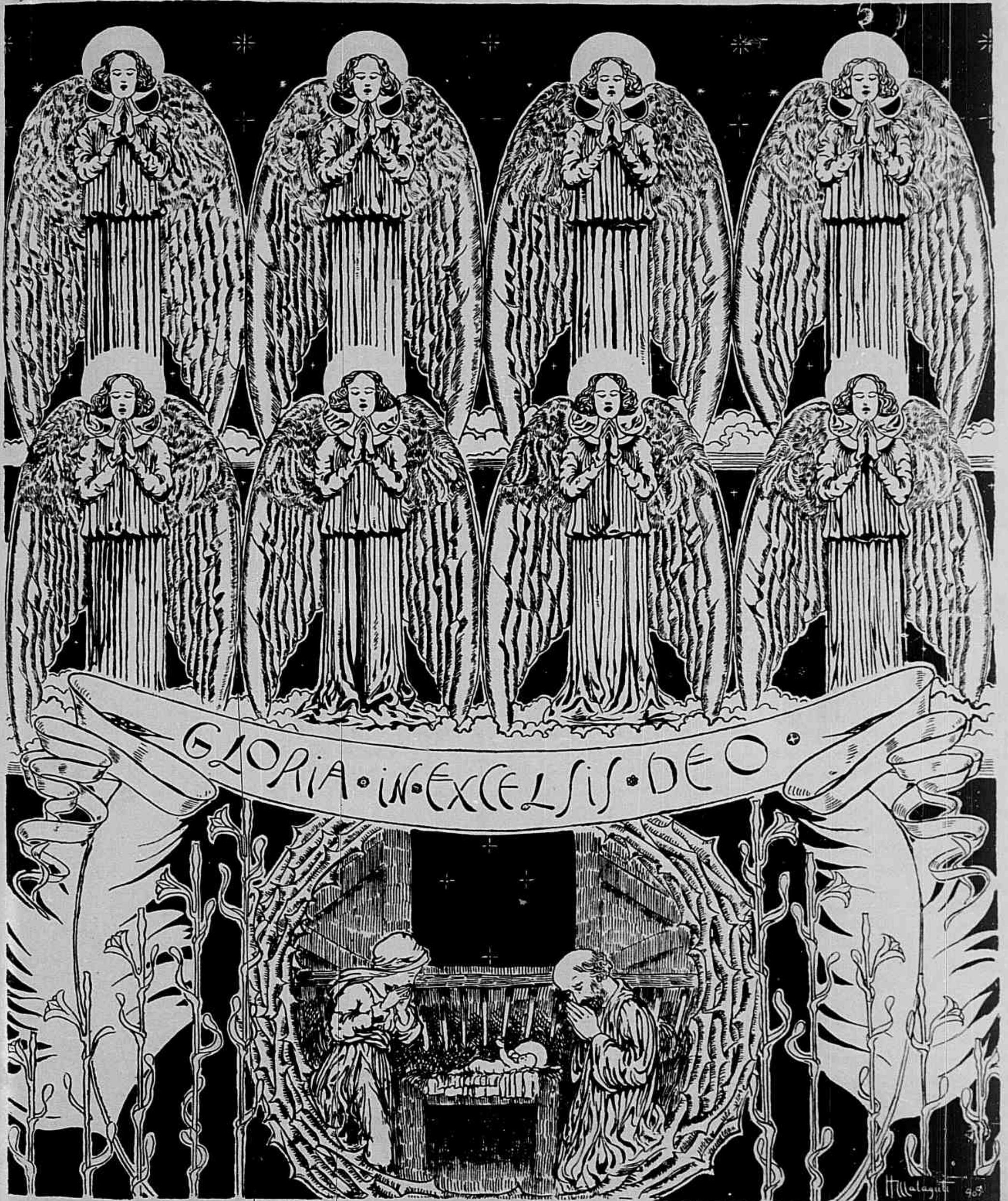
Ainda haveria muito assumpto para a «Chronica» da *Kósmos*; mas não quero, n'esta pagina, deixar de desejar «boas festas» a todos os meus leitores.

E' a epocha das festas... Pedem festas os carteiros, os telegraphistas, os barbeiros; toda a gente pede festas. Nas confeitarias, agglomeram-se os compradores de bonbons; e um amigo meu, que nunca perde a occasião de collocar um *bon mot*, dizia hontem: «estamos perdidos! chegou a epidemia da peste *bombonica!*»

Viva Deus! se ha um sacrificio, a que todos se devem submeter com prazer, é esse, de dar festas a quem ás pede. Eu, se fosse Vanderbilt ou Pierpont Morgan, daria festas a amigos e a indifferentes, a conhecidos e a desconhecidos; infelizmente, não sendo Pierpont Morgan, nem Vanderbilt, as festas que posso dar consistem apenas em abraços, que, se não teem cotação na praça, são ao menos dados com sinceridade e abundancia de alma. Cada um dá o que tem, e o que pode dar: e eu, por mim, já fico muito satisfeito, quando me dão abraços, e não pontapés...

N'estes dias de fim de anno, a phisionomia da cidade, de ordinario tão carrancuda e melancolica, adquire uma animação e um encanto desusados: quem está alegre, não receia mostrar a sua alegria; quem está triste, fica envergonhado da sua tristeza e finge estar alegre; só se encontram caras risonhas, — e isso, no Rio de Janeiro, é um espectáculo tão raro!...

E' pena que esta epocha seja tão curta! valha-nos ao menos, em cada anno, este curto periodo de alegria... Amigos! desejemo-nos uns aos outros boas festas, abracemo-nos, beijemo-nos, esqueçamos rancores! é cousa que não custa muito... Amemo-nos, durante estes poucos dias de jubilo, — porque, durante todo o resto do anno, sempre teremos tempo demais para o odio e para a briga!



GLORIA IN EXCELSIS DEO



BOCAGE

NO dia 21 deste mez de Dezembro, a cidade de Setubal, sua terra natal, e todo Portugal, celebram com festas commemorativas o primeiro centenario da morte do poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage.

O Brazil, parece não tomará nesta commemoração a parte, muito consideravel, que teve na de Camões ha vinte e cinco annos e se limitará a não deixar passar de todo despercebida esta data, celebrando-a modestamente com alguns discursos e arti-

gos, de fraco alcance. Os proprios portuguezes aqui residentes, sempre tão ciosos das glorias patrias, apenas mui parcamente commungarão com a sua metropole nas festas bocagianas. Esta differença em relação aos dous poetas portuguezes, Camões e Bocage, é ao cabo justa, e, ainda que talvez inconscientemente, indica uma exacta intuição da enorme distancia que os separa.

Já foi notado que Camões e Bocage são os unicos dos seus numerosos poetas que o povo portuguez conhece. E não só conhece, mas admira e estima. Poder-se-ia explicar este facto incontestavel menos por serem Camões e Bocage os dous poetas portuguezes que melhor exprimiram, cada um segundo o seu proprio genio, o do seu povo, do que por serem os unicos ao redor dos quaes se criou uma lenda de soffrimento, de dor e de martirio. Tal lenda devia impressionar profundamente, e de facto impressionou, um povo cuja natureza nostalgica, melancolica, amorosa e terna a poude gerar. De mais, si Camões foi o grandiloquo cantor das suas façanhas épicas e glorias immorredouras, e deu esplendida satisfação ao seu legitimo orgulho dos feitos memoraveis de sua nação, num livro em que ella immortalmente se revê embevecida, Bocage foi a expressão mais completa della no seu periodo de decadencia e o traductor mais exacto e mais fecundo de outras feições nacionaes, do que ha de voluptuoso, de incasto, de picaresco no temperamento portuguez. Camões é o idealizador do Portugal heroico, grandioso, cavalheiresco e illustre da Renascença, Bocage a expressão em synthese poetica do Portugal rebaixado e decadente do seculo XVIII, do Portugal, não dos navegadores e conquistadores, mas dos jesuitas, da inquisição, da fradaria lorpa e devassa, do beatismo estúpido e do absolutismo pulha. A ambos, porém, equiparou-os, ao menos no ingenuo sentimento popular, o soffrimento, as penas de amor, o expatriamento, a miseria da vida vagabunda e penosa.

Bocage teve a intuição desta equivalencia, que aliás apenas uma van apparencia legitima, quando exclamava:

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!

E da equipolencia dos fados o povo, que não examina, nem distingue, concluiu a dos engenhos, e os confundiu injustamente na sua admiração e estima.

O proprio Bocage, porem, sentiu que essa semelhança era toda exterior, de accidentes da vida, da paridade no infortunio, aliás muito maior em Camões por muito mais immerecido:

Modelo meu tu és, mas... ó tristeza!
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

Menos argutos que elle, os povos de lingua portugueza irmanaram e confundiram os dous poetas no seu apreço e no seu affecto; pelo menos na sua memoria são elles os unicos que vivem.

Bocage, um nome typico, um nome já de si mesmo qualificado e que dispensa epitheto, um nome synthese, um eponymo, nasceu na cidade de Setubal, á beira do Sado, junto ao Tejo, a 15 de Setembro de 1765, de uma familia portugueza misturada de franceza. Seu avô materno, Gillet Le Doux du Bocage, francez de origem e nascimento domiciliado em Portugal, official de marinha, chegou ao posto de vice-almirante na armada portugueza, por varios actos de bizzaria, entre outros pelo seu procedimento na repulsa de Duguay Trouin do Rio de Janeiro, em 1711. Na ascendencia de Bocage, quer no ramo portuguez, quer no francez, havia cabedal de letras e poesia. Uma das suas tias maternas teve em França no seculo XVII um pequeno renome, como poetisa. A mãe de Bocage era senhora de intelligencia e instrucção não communs no tempo e o pai, alem de proecto jurista, era cultor das letras e da poesia, como tantos bécas portuguezes.

Muito cedo, como quem herdára augmentado o dom poetico existente na familia, começou Bocage a versejar. Dos seus oito annos ha esta quadra, já reveladora da principal feição do seu éstro:

Fui ver a procissão de S. Francisco
A quem o vulgo chama da Cidade;
E, supposto o apertão, foi raridade
Que, indo eu em carne, não viesse em cisco.

E depois, em trinta e dous annos que viveu mais, trabalhosos, laboriosos mesmo alguns delles, atormentados, dissipados, tristes ou alegres, occupados ou desidiosos, não fez outra cousa si não versos, copiosos versos, em numero talvez não igualado por nenhum outro poeta, com uma facilidade extrema e uma prodigalidade de éstro ainda mais extraordinaria. A causa principal da sua popularidade no seu tempo, e por este herdado á posteridade, foi ser elle por excellencia o poeta do povo e para o povo, si não pela sua inspiração que, salvo nas suas poesias fesceninas, não era popular, pela sua vida relaxada, vivida no meio do povo, com os frequentadores das batotas e tabernas, os tunantes, os fadistas, as mulheres de vida airada, os poetas miseraveis e bohemios como elle, cuja existencia elle levava, de cujos prazeres e penas e até sentimentos participava. Para certa ordem de popularidade, renome e até gloria, literaria ou outra, ainda hoje são aquelles os melhores arautos.

Uma critica compassiva, que se poderia acaso desculpar com a caridade christã, si não fosse manifestamente irreligiosa, tem procurado justificar Bocage, explicando-lhe o mau comportamento e tradicional desregramento de vida pela sociedade em que se formou e desenvolveu o seu character. Não se póde regeitar em absoluto a explicação, mas quando desde verdes annos o vemos vivendo aquella vida, que serviu de fundamento real á sua lenda, comprazendo-se nella, sem procurar reagir contra o seu meio, si não em manifestações de satyrico habituado a elle, antes cedendo facilmente ao seu influxo, somos logicamente levados a crer que não havia no seu character as energias moraes que, sobrepujando as influencias deleterias do ambiente social, constituem a virtude. Outro é o exemplo de Camões. Este, como o demonstrou o maior dos seus biographos, o allemão Wilhelm Storck, salvou sempre a sua inteireza moral do ambiente perversor em que mais de uma vez foi obrigado a viver. Tambem ao contrario da de Camões, a obra de Bocage, não nos dá nunca a impressão de uma elevação moral do autor que nella se reflectisse. O que principalmente falta á essa obra é alma, vida interior, commoção pro-

funda e intensa, reveladora de uma sensibilidade extraordinaria. A sua sensibilidade é, ao envez, secundaria, por assim dizer physica, superficial. Pouquissimas vezes, em relação ao seu abundante poetar, consegue arrancar-lhe do mais íntimo do seu ser, donde vem a grande poesia, um grito, uma daquellas interjeições, que na sua simplicidade e energia projectam em nossa alma, como um raio de luz ou uma onda sonora, a emoção do poeta. Filho do arcadismo, de pouco antes d'elle, e irmão do *filintismo*, seu contemporaneo, o engenho poetico de Bocage não achou, nem no ambiente social e espirital em que se desenvolveu, nem na indole nativa do poeta, nenhuma força que pudessem fazer d'elle o que foram Sá de Miranda e Camões, no seculo dos quinhentos, e o que seria Garrett no XIX, um reformador, um criador. O elmanismo, como do seu nome arcadico se chamou o seu estylo poetico, sonoro, retumbante, ruidoso, mas vasio, é o filho incestuoso daquelle casal. Com enormes, extraordinarios dons de metrificador, e versejador descommunal, Bocage foi apenas mais um numero na serie interminavel de poetas portuguezes, um continuador, com mais veia e brilho, e menos medida e compostura, dos melhores dos arcades.

Abandonando as aulas de humanidades que cursava, Bocage, sem audiencia dos seus, sentou praça, aos quatorze annos, num batalhão de infantaria de sua terra natal. Ao cabo de dous annos de vida de soldado, passou-se para a marinha onde se matriculou na recém-criada Academia real, cujo curso, que comprehendia a mathematica e a nautica, concluiu, sendo nomeado guarda marinha para a armada da India em 1786, com 21 annos.

Foi nesta viagem para a India, com escala pelo Brazil, como ainda então se costumava, que Bocage passou pelo Rio de Janeiro e aqui esteve. Partindo de Lisboa em fevereiro daquelle anno chegou a Gôa em meados de abril, de sorte que a sua estada aqui no Rio não teria sido demorada, um mez ou pouco mais, quando muito. Segundo informação do Dr. A. J. de Mello Moraes (autoridade para mim de pouco peso) registrada por José Feliciano de Cas-

filho na sua *Noticia da Vida e Obras* de J. M. Barbosa du Bocage (Rio de Janeiro, Garnier, 1867, II, 43) teria Bocage residido na rua então das Violas, depois Theophilo Ottoni, em quarteirão entre esta rua e a de S. Joaquim, no sitio alcunhado de *Ilha Secca*, hoje desaparecido com as transformações da Cidade. Era por essa época governador geral do Brazil Luiz de Vasconcellos, que tão boa nomeada deixou de si nesta capital, muito caroavel ás letras, protector de alguns dos seus cultores aqui, homem intelligente, emprehendedor e bom. Como Bocage trouxesse já uma reputação de poeta, e fosse de genio communicativo, não lhe custaria relacionar-se com o governador, para o qual por ventura traria recommendações e cuja benevolencia parece obteve, como se deduz dos poemas em que lhe cantou a benignidade ou que lhe dedicou. Numa sua epistola á Getruria, mulher amada que lhe ficára em Lisboa, gaba-se elle de ter sido aqui namorado pelas bellezas fluminenses :

Puz finalmente os pés onde murmura
O placido *Janeiro*, em cuja arêa
Jazia entre delicias a ternura,
Ali, como nas margens da *Ulissêa*,
Prendendo corações brincavam, riam,
Os filhinhos gentis de *Cytherêa*.
Mil graças que a vangloria trocariam
Em vergonhosa inveja a tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumiam

Não ha d'elle outra lembrança na nossa terra, ou della. A sua vida na India portugueza, quando esta caía em decadencia material e moral, foi de desordem e dissipação, que chegaram até a deserção. Si elle repetiu por ali a *odysseá* de Camões, Gôa, Damão e Macáo, não foi compondo outros *Lusiadas*, mas principalmente versejando satyricamente, burlescamente, contra tudo e contra todos. Da possessão portugueza de Macáo, tão cheia da melancolica tradição de Camões, eis o que cantou Bocage:

Um governo sem mando, um bispo tal,
De freiras virtuosas um covil
Tres conventos de frade, cinco mil
Naires, chatins, christãos, que obram mui mal.

Uma Sé, que hoje existe tal e qual
Com quatorze prelados sem ceítíl;
Muita pobresa, muita mulher vil,
Cem portuguezes, tudo em um curral;

Seis fortes, cem soldados e um tambor.
Tres freguezias, cujo ornato é páo
C'um Vigario geral sem provedor;

Dois clerigos, e um delles muito máo
Um Senado, que a tudo é Superior
E' quanto Portugal tem em Macáo.

As sociedades primitivas, incipientes e misturadas, como a da India, e outras mais presumpçosas mas não menos matutas que conhecemos, não soffrem sem repulsa e odio os espiritos criticos ou satyricos como Bocage. Tambem do mesmo passo que os irritava e provocava, se desforrava elle em poemas famosos. Naquellas terras mestiças, de aventureiros, de filhos da fortuna, de adventicios envaidecidos dos feitos heroicos de pretensos avós, e de uma discutivel prosapia, criara-se, como tambem aconteceu no Brazil e denunciou nos seus versos Gregorio de Mattos, que é o nosso Bocage, um seculo antes do portuguez, uma fatuidade especial, um genero de indigenismo, ou nativismo como dizemos hoje, adverso ao advena, principalmente se este se distinguia delles por qualquer feição propria. Bocage que mal chegado entre elles principiou a malsinar-lhes a raça, a condição ou os costumes, teve de experimentar a sua antipathia. São écos destas reciprocas malquerenças os sonetos *á infatuação que predomina em certos naturaes* de Gôa :

Cala a bôca, satyrico poeta
Não te mettas no rol dos maldizentes;
Não tragas os mestiços entre os dentes;
Restitue ao carcaz hervada setta;

Dizes que é mã nação, que é casta abjecta,
Tintos de enxertos vis? Irra! Tu mentes;
Vae ver-lhe os seus papeis; são descendentes
Do solar d'Hidalcão por linha recta.

Vem d'heroes quaes não vem Carthago ou Roma;
De seus avós andantes cavalleiros
A chusma de brazões não cabe em somma;

E (se não mentem certos novelleiros)
A mui'os delles concedeu Mafoma
O foro de fidalgos escudeiros.

e mais outros quatro sonetos, com o mesmo endereço e da mesmo jaez, alem de outros muitos de identico thema, ou em que elle incidentemente apparece.

Em 1790, perdoado da sua deserção, recolhe Bocage a Portugal. Os quatro annos de peregrinação por terras exóticas e estranhas nenhuma influencia tiveram na sua indole. E' singular como o genio portuguez neste periodo de decadencia, que começa com o pseudo-classicismo do seculo XVII e se completa no periodo arcadico (e quem sabe si a essa época si não pôde descobrir os primordios até desde o periodo chamado aureo da civilização e das letras portuguezas?) fica alheio aos contactos dos mundos novos que elle descobri- ra, á influencia e estímulo da nova natureza e das novas cousas de que elle fôra o principal divulgador. Com sobeja razão pondera o Sr. Theophilo Braga que "as viagens do Brazil, da India e da China, desorientando o espirito de Bocage, não lhe suscitaram o senso da realidade das cousas, que dá ao genio essa forma particular da razão que sabe achar as relações mais inopinadas dos factos e deduzir dellas uma suprema unidade, que é a synthese poetica. Viu novas regiões, mas como um somnambulo, os seus versos não receberam desse viver differente nenhum interesse, dessa natureza nova nenhuma imagem, dessa variedade interminavel e impressionante nenhum colorido." (*Bocage*, Porto, Chardron, 1902, 96). Exactissimo, e só este facto basta para reduzir de muito a fama do talento de Bocage, si o talento não é, como creio, sinão a faculdade de descobrir aspectos novos nas cousas, e recusar-lhe o qualificativo de genio, com que a critica patriótica ou imponderada tão prodigamente o brindou. Não só elle não criou nada na lingua e na literatura portugueza, si não essa aberração do arcadismo que é o elmanismo, nem deu á sua poesia nenhuma obra realmente distincta e superior, que não o fosse somente por dons naturaes e secundarios de harmonia e sonoridade, mas não lhe trouxe ao menos uma impressão nova, uma sensação inedita, que seu engenho transformasse e affeioasse das terras estranhas e maravilhosas algumas, daquelles outros climas e outros céos, por onde peregrinou. Puro impulsivo, como o descreve o Sr. Theophilo Braga, mas sem sensibilida- de esthetica profunda e delicada, era no intimo uma natureza por certos aspectos

indifferente, incapaz de soffrer certa ordem de reacções. Camillo Castello Branco notou cousa semelhante em Camões e nos poetas portuguezes da Renascença, relativamente aos sentimentos e affeições de familia. Mostraram-se todos alheios e indifferentes a ellas. E Filinto Elysio atravessará em Paris a Revolução sem a perceber, o que talvez é uma especie de apathia maior que a de Bocage insensível aos mundos novos.

Os quinze annos que passaram desde a volta do Bocage a Lisboa até a sua morte ali, em 1805, foram de desordem, de descompostura de vida, de miseria material e moral e de lucta. Talvez por isso mesmo foram tambem o periodo da madureza e florescencia do seu genio e da sua maior e mais valiosa producção. Só o seu caracter e o da sua sociedade, a cujo mau influxo não teve elle as energias necessari s para resistir, impediram que essa obra não tivesse de facto a grandeza que lhe empresta a lenda ou uma critica demasiado complacente. Morto o pai, desfeita a familia, dissolvida a casa, sem recursos, nem occupação que lh'os dêsse, entrou Bocage a viver aquella vida que talvez principalmente o celebrizou, em noitadas festivas, numa desbriada vagabundagem, de favores e dadivas de protectores abastados e benevolos, fidalgos amigos de poetas e da poesia, como um parasita. Nos povos de pouca moralidade do meio dia da Europa, criados na abundancia e commodidade dos seus climas fartos e benignos e educados na mandriice monastica e no beaterio folgazão dos outeiros, das romarias, das peregrinações festivas e até das procissões e cirios mais recreativos que piedosos, os individuos como Bocage, a cuja vadiação e libertinagem o espirito e os dons poeticos dão relevo e pico, encontram uma condescendencia acoroçadora dos seus vicios e defeitos.

As idéas francezas, como em Portugal eram chamadas as da philosophia do seculo XVIII, triumphante em França com a Revolução, entravam então a furto no Reino, onde as perseguiam e combatiam a policia suspicaz de Pina Manique, a bruta crueza da Inquisição, já moribunda mas sempre malvada, e a doutrina manhosa e refalsada do jesuitismo. Dessas idéas fôra Bocage

contaminado, tanto mais facilmente que ellas se coadunavam com o seu espirito rebelde a toda a disciplina, os seus fortes instinctos de liberdade. Nesta situação achou-se elle, revoltado e satyrico de natureza, em conflicto com os governantes, com padres e frades, com a autoridade, com as crenças e opiniões communs, e com os poetas e literatos seus emulos ou rivales. Contra tudo e todos versejou, metrificou, satirizou, epigrammou, tanto mais applaudido pela corja que o acompanhava quanto mais baixo descia a sua veia inexgotavel ou mais alto gritava a sua voz destemperada. Dos frades e dos poetas da Nova Arcadia e outros, como esse triste Aretino portuguez que foi o padre José Agostinho de Macedo, e o brasileiro Caldas, fez elle os principaes alvos das suas descomposturas metricas, em que era fertilissimo, e desta inspiração, como da veia obscena e fescinina, deixou modelos incomparaveis pela energia da phrase, perfeição do verso, arrojo e excellencia dos tropos e novidade das imagens.

Mas, que ficou delle, o que vive desse poetar de trinta annos, abundante, facil, copioso até a intemperança? Delle resta um grande nome, até um nome demasiado grande, feito de dous elementos, admiração inconsiderada pelo seu assombroso engenho de versejador e improvisador e de liberal sympathia pela sua miseria e desgraça. Do seu poetar uns quatro centos sonetos mais eloquentes que commovidos, retumbantes, sonoros, harmoniosos como talvez nenhuns outros na lingua portugueza, e que são a propria essencia da sua alma vibratil, inconstante, toda á flor dos labios, e do seu temperamento impulsivo.

O resto da sua obra, como poucas copiosissima, em que, segundo as classificações do tempo, ha de tudo, canções, cançonetas, cantatas, cantigas, decimas, elegias, epicedios, epigrammas em barda, epistolas, epitaphios, fabulas, idyllios, madrigaes, odes, poemas, poesias diversas, quadras, satyras e até advinhações, passou de todo; mal completos cem annos é uma cousa morta e acabada, de que ainda se recolhem trechos nas anthologias e se fazem citações nas historias literarias, mas que ninguem lê nem recorda mais.

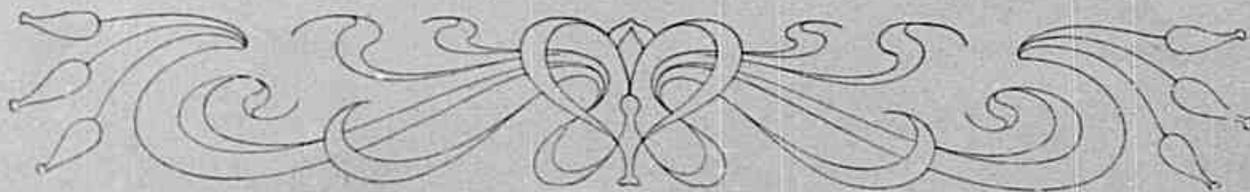
Como poeta, a obra superior de Bocage é aquella cuja leitura se não póde confessar, e que anda recolhida no 7º volume da edição de Innocencio, unico que se esgotou pelo muitissimo que foi lido. E' só nessa que elle é realmente genial.

Entre os seus numerosissimos sonetos, a critica escolheu uma duzia que são, sob o aspecto da forma e da harmonia, dos mais bellos da nossa lingua, e sobejamente conhecidos. Mas não bastam em todo caso para lhe justificar a reputação de grande poeta.

Bocage é um exemplo frisantissimo ao conceito, cuja exactidão me parece assentada, da fallacia do engenho sem character nem virtude, do qual a historia da literatura da nossa lingua nos fornece outros não menos concludentes testemunhos, como o daquelle padre José Agostinho citado, acerrimo inimigo e contendor do "numeroso Elmano".

JOSÉ VERISSIMO.

Da Academia Brasileira.



FLAMBOYANTS...

OS flamboyants, os flammejantes flamboyants, que davam ao Rio de Janeiro neste ardente mez de Dezembro a pompa da sua purpura vibrante e a sombra das suas espalhadas frondes, onde estão? Que machado perverso e mil vezes maldito, decepou pelo tronco, ao rez do chão, essa arvore encantadora, maravilha dos nossos verões abrasados? Não sei; pois não havia canto de arrabalde em que, ainda ha pouco tempo, se não visse, desdobrada na sua belleza victoriosa, a cupola estrondosamente escarlata d'essa arvore de tão variada feição, e que parecia já fazer parte da physiognomia da nossa cidade.

Olhando da minha varanda para as manchas verde-negras dos jardins urbanos, e para além, para as mattas que circumdam a cidade, em vão procuro a copã incendiada da arvore dos ramalhões alegres, onde o canto da cigarra tão bem se harmonisava com a vibração estridula da côr das flores...

Passando ha dias, numa hora ardente, por uma velha rua onde morei, senti não vêr na esquina um bonito flamboyant, que era a unica nota pittoresca do lugar. Esse tambem tinha cahido aos golpes de um braço inconsciente e rijo, deixando a calçada nua reverberando ao sol. Parei, sem poder reprimir um movimento piedoso, como se tivesse de improviso esbarrado numa sepultura...

Que mal teria feito essa pobre arvore, á sombra da qual a creançada pobre brincava de cabeça nua e a cujo tronco se recostava á noite o violeiro do bairro, acompanhando-se nas trovas da *Casa branca da serra*?

Aborreceram-se d'ella porque, extenuada por uma producção violenta, a infeliz despiu-se nos mezes em que as suas folhas, de um verde tão delicado, não fazem falta a ninguém. A terra no inverno gosta do sol.

Chegado o inverno a arvore do flamboyant desnuda-se, para que o sol beije a terra de que ella tão triumphalmente irrompe. Então os seus galhos seccos descrevem no chão, em curvas delgadas, sombras fantasticas, dizeres que a gente pisa sem procurar entender, seria inutil o esforço, ou erguem-se para os astros, como braços em oração, accenando-lhes:

— Não nos interponos entre a vossa luz benefica e a terra de que somos filhos.

Innundae-a de luz, penetrae-a de orvalho, enchei-a de caricias!

Os astros entendem as arvores!

Chegado o tempo em que a sombra é doce e o céu é inclemente, a arvore desabotoa-se repentinamente, e até onde pôdem chegar os seus braços, chega a doçura, a paz, a fresquidão!

Nós é que não entendemos a linguagem das arvores, e essa, nascida para as glorias da cigarra, companheira e nuncia do calor, florindo quando ella canta, seccando quando ella morre, ainda era para nós muito menos comprehensivel do que todas as outras, eternamente umbrosas, eternamente verdejantes.

Os nossos olhos egoistas, não se contentam com um espectáculo transitorio, mesmo que maravilhoso. Queixamo-nos de haver monotonia na nossa paizagem e sacrificamos as arvores que mudam, só porque mudam; as arvores que não cantam sempre a mesma cantiga, que não abrigam o anno inteiro o viandante e os ninhos, arvores que dormem e cuja alma errante vòa, como vôm as andorinhas, a reflorir em outras paragens frondes de outras arvores desertadas...

Quem nos diz... sim, quem sabe? se essas finas e fugitivas nuvens rosadas, que vemos no outomno deslisarem no céu ma-

KOSMOS

cio da tarde, não serão a magnifica essencia d'essas flores de luz, seguindo o destino de outros climas, para lá chegarem á hora quente em que a primeira cigarra inebriada cante o seu primeiro hymno ao sol?

Não sei ; ninguem sabe. A poesia adivinha alguma cousa, mas não explica tudo ; e ha um soffrimento e um deleite nesses mysterios apenas presentidos...

Só assim se explica a tristeza que anda no ar d'este Dezembro...

Quando a alma violenta da flor dos flamboyants voltou aos velhos ramos tão amados, já rarissimos, encontrou de pé. Os machados assassinos tinham decepado quasi todos durante os seus dias de abandono e de inercia, cortando-os cerce pela raiz.

Pobres almas vagabundas, e agora ? Voltae para d'onde viestes, voltae e ficae certas de que ha alguem que vos lamenta, alguem tão pequenina que o seu grito mais clamoroso se perderia a curta distancia, como um suspiro... alguem, que não tendo forças para nada, desejaria enraizar na terra da patria tudo o que inebria os seus olhos extaticos ; alguem que, para conforto das cigarras e alegria das florestas, gostaria de plantar, aqui e além, cortando os tufos negros da vegetação dos morros, os maravilhosos flamboyants de umbellas luminosas, esplendendo ao sol !

JULIA LOPES DE ALMEIDA

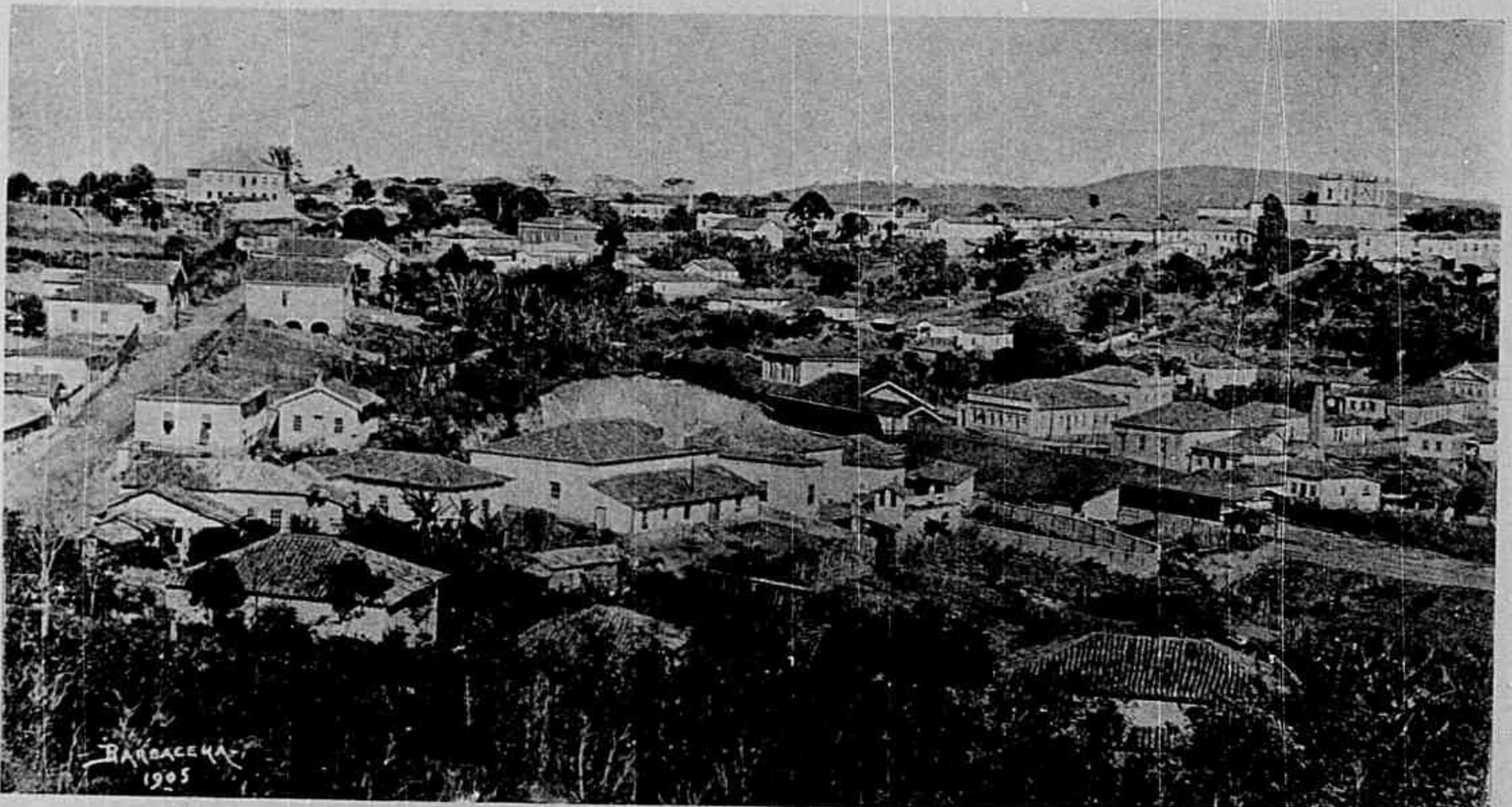


PHOTO. L. MICOM

A BORDO

CONTO DO NATAL

O capitão tinha tres filhas, duas ainda meninas, Alba e Vera, e a mais velha, já moça, Celina. A primeira contava apenas cinco annos, a segunda dez, a terceira quinze. Haviam nascido no mar e assignalava-as a singularidade de terem a separal-as umas das outras, em idade, periodos eguaes de tempo. Eram lindas, *tres servias*, como elle a rir-se costumava chamal-as, jubiloso e feliz no seu grande affecto de pai, alludindo humoristicamente não só ao nascimento d'ellas a bordo, em pleno oceano, como á sua vida de marítimo.

Alto e forte, musculoso e de hombros largos, cheio sem ser propriamente gordo, de olhos e cabellos negros, póрте erecto e naturalmente airoso, com um fallar grosso e rouco, suave e áspero ao mesmo tempo, meio carregado e cantado como o dos portuguezes das ilhas, apesar de brasileiro e catharinense, Braz Romano — tal o nome do capitão — era um desses *neptunos* morenos das nossas costas do sul que tripulam os navios da grande e pequena cabotagem, como capitães ou pilotos, contra-mestres ou marinheiros, moços de camara ou de convés, e que impressionam a todos pela robustez e saúde, pela opulencia do temperamento e do sangue, pela destreza, decisão e bravura invenciveis que mantêm e com que se batem com o pélagos, desde a mais tenra juventude á mais propecta velhice. Casara com uma robusta rapariga da Brusque, pequena villa de interior, que fôra outr'ora colonia allemã, no Estado de Santa Catharina. Realizara-se essa união havia quatro lustros. Elle era então muito novo — um mocetão de rosto oval ornado apenas de um buço. Beirava talvez, nesse tempo, os seus dezeseite annos. Com uma infancia reclusa, passada em viagens continuas, entre as bordas balouçantes dos barcos, isolada do convivio da familia e das rodas de escalares ou rapazio das ruas, fôra de fôdas as scenas e alvoroços da vida de terra, pois dos tres annos em diante, já orphão de mãe, sahira com o pai para bordo, crescendo e vivendo entre as immensas solidões azues do oceano e do céo, mostrava, em mocinho, quando apparecia na sociedade, o embaraço, o desestramento, a ingenuidade das naturezas solitarias, seggregadas longamente do attrito social. Mas apesar disso e do seu andar balançado, á maruja, as raparigas do Itajahy e da Brusque não sabiam ou não podiam resistir aos seus sorrisos attrahentes e aos seus olhares meigos e amorosos que tinham o quer que

fôsse de mysterio das velas, da aventura das viagens, do phosphorejar das ondas. E fôra isso de certo que lhe fizera merecer a dedicacão e o amor de Anna Wilmer — assim se chamava a esposa — moça teuto-brasileira, perfeita belleza saxonia de pelle branca de asucena e profusos cabellos côr de ouro. Experimentara por ella tal paixão que o levava em pouco ao casamento. Andava nessa época numa pequena sumaca do Itajahy, *Sereia*, onde tivera o seu primeiro commando. Casado, levava logo a amada descendente das walkyras rhenanas para bordo desse barco, onde lhe nasceram os primeiros filhos — os unicos varões do casal — Rodolpho e Carlos, ambos mortos de uma febre maligna, numa longa travessia oceanica, a bordo da galera *Aurora*, em viagem para a Allemanha. — Como Anna ainda chorava ao memorar essa manhã negra de lagrimas, nos escarcéos da Byscaya, quando os vira para sempre sumirem-se, amortalhadinhos em lona, nas aguas azues do Mar! — Fôra á volta dessa terrivel viagem, em que passara quasi dois annos em terras estranhas, que lhe nascera Celina, desde então e ainda agora o maior encanto de sua vida, sobretudo por se parecer extraordinariamente com a esposa quando tinha aquella idade e a vira á vez primeira, já la iam vinte annos, em casa do velho Wilmer...

Essas tres filhas do capitão eram a *great-attracion* do lúgar *Feliz* para os passageiros que nelle andavam entre as nossas cidades maritimas, nesse tempo de ha quarenta annos passados, em que existia apenas um ou outro paquete a vapor e os veleiros mercantes cruzavam, como os *steamers* de hoje — pequenos ou grandes — cheios de gente e de alegria pelas costas do Brasil. No seu genero, o *Feliz* era das poucas embarcações da carreira do Recife, Rio de Janeiro e Rio Grande que dispunham de boa camara e camarins confortaveis para a installação de passageiros isolados ou com familia. Todos por isso o procuravam e tambem pela circumstancia de ter o capitão Braz Romano o seu modesto e honrado lar dentro do proprio navio, offerecendo assim commodidades especiaes ás senhoras, o que só se encontrava então em duas quilhas mais dessa carreira — no brigue *Atlantico*, do commando do José da Motta, e no magnifico patacho *Lima I*, do commando do João Esteves, capitães esses que traziam igualmente a bordo as esposas. Mas esses navios haviam sido fretados para o estrangeiro e, ao momento, o primeiro estava no Prata e o segundo na Guyana Ingleza, onde tinham ido levar carregamentos. De sorte que o *Feliz* agora era unico e nas viagens que fazia andava atopetado de passageiros.

No entanto desta vez parecia ter diminuido a grande affluencia dos viajantes. Mas o facto era perfectamente explicavel, não só por occur-

rer esta viagem no bello mez do Natal em que ninguem se despega do lar senão em extrema necessidade, como porque o navio, por urgencia da carga, não tocára na Bahia nem no Rio de Janeiro. Ainda assim trazia vinte e dois passageiros, o que para um barco á vela já significava alguma coisa, mesmo naquella época.

Os passageiros, como em geral os que viajam em primeira classe, eram pessoas da melhor sociedade. Constavam elles de tres negociantes gaúchos que vinham de liquidar os negocios feitos durante o anno no Recife; do famoso estancieiro e capitalista pelotense Sebastião Vinhas que, tendo ido propositalmente a Pernambuco assistir á formatura de um filho, o Alfredo, muito ancho e orgulhoso, volvia agora com elle á familia, onde o *seu doutor* ia ser recebido com um semanario de banquetes e bailes; um velho general reformado, pertencente á brava styrpe guerrilheira dos Menna Barreto e que fizera com brilho as campanhas da Cisplatina no primeiro quartel do seculo, tanto como a dos Farrapos em 1835, e que fôra vêr na capital pernambucana o seu trigésimo bisneto gosando assim o condão de poder dizer a qualquer de suas filhas casadas como na phrase popular caracterizadora dos longevos *minha neta, dá cá o teu neto*; seis outros officiaes de linha—dois majores, tres capitães e um alferes—transferidos para os corpos do sul; e a familia Simas, composta de um velho casal, quatro moças, tres meninas e um rapazito de sete annos, muito magrinho e anemico, mas tão vivo e espigado que parecia ter nove. Sem falar no joven e gentil Alfredo Vinhas e no casquilho e irresistivel alferes Carlos Magno Romeu—um nome mavoritico e romantico ao mesmo tempo—o nervo da graça, do entusiasmo e da alegria a bordo era essa sympathica e attrahente familia, cujo chefe, o *velho Simas*, como em geral lhe chamavam, havendo deixado o cargo de inspector da Thesouraria de Fazenda do Recife para ir assumir equal posto na de Porto Alegre, era uma dessas creaturas felizes que, apesar das desillusões e desenganos da Vida, apesar de septuagenario e com os seus cabellos alvissimos, logram manter até á morte um espirito mansueto, folgazão, juvenil. Pois bem, no seio da familia, já de si perennemente ruidosa e cantante, elle era como um encanto a mais, entretendo e alegrando constantemente a todos com as suas anedoctas irresistiveis e, particularmente, com as langurosas modinhas bahianas que á noite cantava, na camara ou na tolda, ao som do seu cavaquinho.

As filhas mais velhas do Simas, a começar pela Adelaide—a primogenita—e a acabar na Laura, que tinha apenas doze annos mas se mostrava já bastante taluda, quasi uma moça, eram umas raparigas alegres, engraçadissimas, folionas como o pai, e mal haviam posto o

pé no navio, como já não enjoavam pelas frequentes viagens que tinham de sul a norte em toda a costa brasileira, não pararam mais com brinquedos, jogos e diversões de toda ordem, que sabiam como ninguem imaginar e pôr em pratica, deliciando a todos a bordo. Ellas e as irmanzinhas menores, todas morenas e pallidas, esguias e voadoras—tão leves eram de movimentos!—formavam um perfeito contraste physico com as alvas, rosadas e louras filhas do capitão. Mas espirital e moralmente pareciam irmans, tal a similitude de genios, gostos, predilecções e ideaes. Apenas se viram, uniram-se e estimaram-se como velhas camaradas. Depois a vida de bordo, muito junta e sempre á fala, fazendo que todos se vejam num *tête-à-tête* continuo, e se cruzem, e se acotovelem a cada passo pelos mesmos logares, as fizera fraternizarem ainda mais. Fôra com tão doces brincos e folguedos, sob uma esplendida bonança, que esta viagem do *Feliz* se tornara, sobre todas, agradavel e amena, desde a sahida do porto até ao ponto do littoral onde estavam agora, na altura do Arvoredo, á entrada norte da ilha de Santa Catharina, que já começava a desdobrar-se vagamente por estibordo, a oeste, numa saudosa e recortada mancha azul de altos montes, perdidos numa nevoa longinqua...

Diariamente, as Simas, apenas a manhã alvorava, iam buscar ao camarim as raparigas de bordo, e, todas ellas, de mãos dadas, nervosas e lépidas como corças ou aves marinhas, surgiam no tombadilho, numa tão grande grazinada de vózes frescas e festivas, que dir-se-iam uma estranha revoada de andorinhas felizes invadindo triumphalmente o navio. Espalhavam-se então por entre os passageiros—e era uma esfuziada geral de ditos, gracejos, risadas que não cessavam, nem sob os mais fortes balanços, senão já pela noite, quando os pharóes de esmeralda e rubim começavam de arder nas enxarcias, rastilhando de côres luminosas as vagas, ou quando o sino de bordo, pendendo a prôa, no castello, tocava a silencio, annunciando o primeiro quarto das deshoras, em badaladas metalicas, de uma alacridade borbulhante e aérea de campanario festivo, a principio, mas depois perdendo-se na noite e no mar numa infinita plangencia.

Mas nessa tarde as Simas não tinham subido para a tólda logo após o jantar, como os outros passageiros. Notava-se que, pela primeira vez nessa viagem, o tombadilho não retinia animadamente, alegremente, ao palratorio, aos ditos e risadas femininas em que viera envolvido até horas antes. E embora allí estivesse Celina, com Alba e a Vera, mais as tres meninas do Simas que tinham menos de dez annos—a Ignez, a Flora e a Livia—com o *canicinho* do irmão, o Gil, agora entretido lá para a prôa junto a um grupo de marinheiros que jogavam o dominó no convés,

havia um grande silencio apenas uma ou outra vez cortado pelas gargalhadas das crianças, as quaes, nessa occasião, mostravam-se mais quietas que de costume, parecendo pouparem-se então, ellas proprias, ás corridinhas e garrulices ruidosas de sempre. Depois, como Celina fôra postar-se a um dos recantos da borda, ao pé do espelho da pôpa, por entre ré do homem do leme, onde quasi não iam os passageiros, que em geral se accommodavam nos bancos ou cadeiras de lonas que ficavam junto ao mastro da gata ou ao longo das gaiutas, as rapariguitas alli se retinham tambem, sentadas no chão, a jogar a *Argolinha*, todas as pequeninas mãos estendidas, abertas, da palma para baixo nas taboas do salto, enquanto uma dellas, a graciosa Livia, com os seus olhinhos verdes muito vivos na face morena, corria beliscos sobre o dorso de cada uma daquellas mãosinhas, recitando os versos tradicionaes da antiquissima diversão infantil:

*Um e dois, e argolinha:
Finca o pé na pampolinha...*

Emquanto as crianças assim folgavam o Alfredo Vinhas, sem que os companheiros fizessem maior reparo, deixando a roda do general e mais militares onde se achava como o alferes Carlos Magno e onde só se falava de guerras e coisas de cazernas, viera collocar-se ao lado de Celina, a quem entrava a fazer as mais intimas confidencias, pois fôra para isso que lhe solicitara aquelle *rendez-vous* que a circumstancia da ausencia momentanea das Simas e o facto de se acharem á sombra do latino da gata que os occultava de certo modo do resto do tombadillo, muito favoreciam e propiciavam. Sim, porque o Alfredo e a moça amavam-se havia dois annos. Começara esse affecto na viagem que elle fizera ao Rio Grande a bordo do *Feliz*, nas ferias do seu terceiro anno de direito. Depois cresceram e se mantivera cada vez mais intenso, com as frequentes visitas delle á familia do Romano durante a estadia do navio em Pernambuco, porquanto desde aquella viagem até ao presente nunca mais se dera a coincidencia, sempre desejada, de estar o lugar de partida para a sua provincia quando tinha de embarcar para alli a gosar a pausa dos estudos, ou quando voltava a Pernambuco a proseguir nesses mesmos estudos. O capitão e a esposa sabiam de todo esse amor, homologavam-no com satisfação e achavam que era uma felicidade para a filha e para a familia se isso viesse dar em casamento, como tudo prognosticava. O rapaz era distincto e rico. Que mais queriam e que melhor sorte podia esperar a Celina? E não se lhes dava aguardar que elle se encarreirasse primeiro, para que aquella affeição alcançasse o almejado fim.

Mesmo porque nesse reciproca inclinação amorosa não havia intimidade—era toda cerimonia e respeitosa. Além disso aquelles dois namorados eram tão sóbrios e parcimoniosos nas manifestações que entre si trocavam que, apesar da familiaridade e das estreitezas do meio de bordo, ninguem os surprehendera ainda em nenhuma attitude ou embevecimento que lhes denunciasse os segredos d'alma. Apenas as Simas, muito observadoras e pesquisadoras de movimentos e impressões nas physionomias das pessoas com que se davam, especialmente entre moços e moças, por certos sorrisos e olhares trocados ás vezes, á mesa, entre Celina e Alfredo, desconfiavam de que elles se amassem. E andavam louquinhas por apanhar uma certeza. Mal sabiam ellas, porém—como aliás toda a familia do Romano—que, á noite, na camara, quando a criança se reunisse para vêr a sua *arvore querida* e todos entrassem a festejar o Natal (pois estava-se a 24 de dezembro), o joven bacharel rio-grandense pederia a Celina em casamento. Nem fôra para a avisar de outra coisa que elle estava agora alli, em entrevista com a amada naquelle recanto da pôpa. E as meninas, felizes e distrahidas, continuavam a cantar com as suas vózes frescas e sonóras os versos da *Argolinha*:

*Conta bem Manoel João
E recolhe este pezinho
Co'a conchinha desta mão...*

E apenas Celina acabava de murmurar trémula e emocionadamente o expressivo e symbolico *sim* das noivas e o rapaz, embevecido e arrebatado, depunha-lhe na testa o seu primeiro beijo de noivo, duas das Simas, a Bazilissa e a Laura—enquanto as outras duas irmãs, a Maria José e a Adelaide, demoravam-se ainda no salão da camara a ajudar a esposa do Romano a dar a ultima-de-mão á *arvore* que deveria, á noite, resplandecer cheia de luzes, de doces e de *bibelots* de mil feitios, fazendo a alegria e o supremo encanto das crianças de bordo—a Bazilissa e a Laura surgiram de repente junto delles e, numa maninada que fez logo alvoraçar a criança, exigiram-lhes intimativamente puzessem já para alli o *segredo* daquelle *rendez-vous* á capucha que, certo, tinha «um quer que era de extraordinario e solemne». Celina e Alfredo que não contavam com aquelle gracejo inopinado apanhando-os em flagrante *tête-à-tête* amoroso, que elles sempre procuravam cuidadosamente evitar mas que naquelle instante não fôra possível, ficaram a principio enleados e mudos, as faces côr de lacre, ante ás endemoninhadas e gentis zombadoras que continuavam a flagelal-os de frente com uma *verve* incessante. Mas como realmente não podiam occultar de

todo a attitude de intimidade destacante em que os surprehendera as duas adoraveis indiscretas, tentavam desculpar-se com as mais illogicas e inadmissiveis evasivas:

— Não, não ha nada. Que tolice! Um mero encontro casual... Então já não podiam, nem a bordo, um moço e uma moça estarem um momento juntinhos? Que malicia!... Não, assim tambem não era possível... Então ellas que ás vezes eram encontradas a parolar isoladamente, num recanto da borda, com o Carlos Magno, tambem estavam no mesmo caso delles. Mas ninguem lhes dizia isso. Por que, pois, haviam de julgar os demais por um outro prisma?...

As Simas protestaram vivamente:

— Ora deixem-se disso! Não colhe a evasiva! Era o que faltava! Um caso é muito diferente do outro... Negar assim uma coisa que estava a olhos vistos, ninguem seria capaz, Virgem Maria! Mas, enfim, a verdade havia de descobrir-se mais dia menos dia...

E insistiam no gracejo, ás gargalhadas, chamando para alli a attenção de todos. Eram invenciveis as Simas.

Elles então tornaram:

— Não, não ha nada, repetimos. Mas se julgam que ha, logo verão. Quando romper o Natal e desvendar-se a «arvore», o nosso «segredo», se elle existe, tornar-se-á conhecido...

Ellas irromperam então numa gargalhada mais viva, em que tomaram tambem parte as meninas:

— Isto sim! isto sim! Falem-nos d'este modo... A verdade é o que ha de mais lindo...

E davam parabens ao rapaz e ainda mais parabens á Celina.

Mas a tarde, muito azul e cheia de uma luz de ouro limpido, tinha uma grande serenidade. Não corriam nuvens no alto, mas sómente na linha rasa do horisonte a léste, onde se abria o isolamento, o deserto, a amplidão sem raias. O sol, descendo lentamente para as bandas do oéste e da costa, chammejava deslumbrantemente no seu fulvo disco monstruoso, arrastando sobre as ondas azues um immenso zaimph de fogo. Gaivotas aligeras, em revoadas ao longe, picavam a distancia cerúlea de brancuras voadoras. A ilha de Santa Catharina, mais nitida agora á visão, num rendado pinturesco de montes esmeraldinos, passava lentamente para o norte, no correr da singradura. As ondas altas, em bonança, rolavam continuamente para o sul os seus zimborios de espuma. Para além, no continente, como que se divisava tenuemente o collear alteroso da Serra do Mar, ahi tão abeirada do Atlantico, pela vasta mancha de um azul mais intenso transparecendo através do azul da atmosphera, em que o afastamento e a distancia parecem envolver idealmente, para quem as observa do mar, as massas de terra-firme. Todo

o grandioso e immensuravel scenario marinho, sob esse maravilhoso e feérico poente, convidava a viagens longinquas, á aventura, ao sonho...

Os passageiros, ás bordas, contemplavam num enlevo o magnifico espectáculo do céu e do mar. Muitos commentavam a sublimidade da tarde com opiniões e comparações de toda ordem, lamentando-se de terem de passar tão suave Natal longe dos carinhos dos seus. E de todos de bordo, só o capitão, a esposa e os filhos, agora totalmente reunidos em cima no meio dos passageiros — pois a senhora do Romano, apenas concluíra a tarefa da «arvore» na camara, subira tambem para o tobadillo — só elles verdadeiramente não experimentavam o pungir da nostalgia. Nascidos nas vagas, tendo como lar o navio, o oceano e aquelle fragil lenho veleiro constituíam a sua felicidade na vida.

No emtanto o velho Simas e a familia, sempre contentes e felizes onde quer que se achavam, porque poucos como elles tinham o dom do bom humor e da alegria, diante daquella tarde admiravel expandiam-se como nunca na mais viva garrulice. E as filhas — moças e meninas — intransornavelmente meigas, inquietas e ruidosas, de uma gentileza e sympathia fundamente communicativas, sempre bem acamaradadas e unidas, á Celina e ás irmans, voejavam tagarelamente por toda tolda, de lá para cá, d'aqui para alli, a envolverem indistinctamente os passageiros, jovens ou velhos, na esfuziada deliciosa e constante das suas risadas e ditos de espirito.

O nonagenario general divertia-se immenso com ellas, lembrando-se do batalhão de netos e bisnetos que tinha e eram a sua idolatria; o Sebastião Vinhas trocava sempre de bom grado os seus remóquesinhos de vovô com os motejos de netinhas atrevidas que ellas lhe jogavam; os dois majores e os tres capitães, embora casados e homens incultos e de tarimba, pois não eram officiaes de salão e de estudos, gostavam de vê-las grazinarem em torno delles, e riam-se, e até eterneciam-se, ás vezes, ás suas brincadeiras e chistes; o sympathico alferes Carlos Magno, que tinha apenas vinte e seis annos e era um padecente pelo bello sexo, morria-se por ellas, principalmente pela Brazilssa; os negociantes gaúchos não lhes eram tambem indifferentes, florindo-se todos de phrases amaveis para lhes corresponderem os gracejos; e assim os officiaes de bordo, o Braz Romano como o seu piloto Noé Cavalheiro, solteirão bem conservado e viçoso, apesar dos seus cincoenta e seis annos, mas que, não se sabia por que, detestava o casamento...

De repente, o gageiro-grande gritou para ré:

— Um navio a sotavento! Traz prôa ao norte e parece um paquete. Vae passar borda

á borda com o lúgar. E vem corrido que nem um pé de vento...

O Romano pegou logo do binóculo e pôz a olhar o vapor por baixo da amúra da gata.

Augmentou então a grazinada entre as moças e meninas, e houve um alvoroço entre os homens. Todos correram ás amuradas a mirar a embarcação á vista.

Que sensação! Um encontro entre dois ou mais navios em alto mar, é sempre um acontecimento, e acontecimento de grande prazer. Trocam-se signaes de navegação e affectuosos cumprimentos. Fala-se pelos porta-vózes de metal reluzente. Offerecem-se recursos reciprocos. Permutam-se alturas — longetude e tatitude. Fazem-se alegres e respeitosas saudações á bandeira de cada um. Pergunta-se pela saúde dos de bordo, communicam-se casos extraordinarios, se os ha, e dão-se despedidas saudosas. Mas tudo isso sempre em marcha, sem a menor parada, no encontro fugaz das singraduras...

Entretanto nenhum dos passageiros lograra até áquelle momento avistar o paquete, que vinha ainda muito longe. O Romano, porém, apenas lhe pozera o binóculo, exclamou:

— E' o *Princeza de Joinville*. Vem do Rio-Grande ou do Prata para o Rio de Janeiro. Pela marcha e o brigadão d'espuma que traz á prôa, puxa bem com as suas sete ou oito milhas por hara. E' um navio possante e bonito, apesar de pontaludo...

Mas o lúgar e o vapor caminhavam no mesmo sentido. Portanto a passagem de um pelo outro devia dar-se dentro em pouco. Com effeito, d'ahi ha instantes, o *Princeza de Joinville* mostrava-se em todo o comprimento e pontal, bem em frente ao *Feliz*, á distancia talvez de uma milha. Era um bonito e grande casco de paquete primitivo, pintado de negro, armado á hiate, com a prôa ainda em fórma de lothus de harpa, como a dos navios á vela, tendo sómente a balastrada da pôpa, o exterior da camara e as caixas das rodas brancas. A camara ficava em cima, toda corrida de grandes vigias rectangulares. Vinha carregado de passageiros que, de pé ou sentados aos bancos do tombadilho, a olhos nús ou a binóculos, observavam curiosamente o lúgar, á sombra dos toldos de lona. Apenas o vapor começou a enfrentar o *Feliz*, este içou a bandeira brasileira, saudando-o. De bordo do *Princeza* corresponderam logo. Conversou-se um instante por signaes e galhardetes. Trocaram-se reciprocamente a procedencia e destino. Não se usou de porta-voz, por causa da distancia. Por ultimo, um e outro arvoraram o signal de *Boa-viagem!* Quando acabaram de falar, já o paquete ia pela alhêta do lúgar. Então um vivo o prolongado apito metalico vibrou de rijo na doçura da tarde e ficou a ecoar sobre as ondas: era a *sereia* do vapor. A bandeira

brasileira de novo voltou a subir e a descer ao longo d'aste, agora em despedida, á pôpa de ambos os barcos. E logo após o *Princeza de Joinville* se sumia para o norte, deixando a ondular para traz, para o sul, á flôr das aguas, uma immensa via-lactea d'espuma...

Anoitecia. As primeiras estrellas entravam já a reluzir miudamente na abóbada do céu, como uma nuvem sem fim de lantejoilas num vasto manto de velludo azul-escuro. O mar parecia agora de tinta de escrever, apenas aqui e além cortado, num dobrar de vaga alta, pelos phosphorecentes listrões das ardentias. Ouvia-se o siflar meigo e nostalgico do vento nas cordoalhas e mastros, bem assim o marulhar doce e humido das ondas golfando no costado. Accendeu-se o grande pharol de luz branca do mastro de prôa, accenderam-se os de luz verde e vermelha das enxarcias de ré e illuminou-se toda a camara, cujas claridades exparsas, partindo de varios fócios, jorravam no tombadilho, em grandes malhas irisadas, através os vidros coloridos das gaiútas.

Houve então grande reboliço e alvoroço entre os passageiros, principalmente entre as meninas e moças. Iam começar, emfim, alli a bordo os festejos do Natal. E as Simas, na sua incomparavel jovialidade, inquietas e borboleantes como sempre, com as irmãzinhas e as meninas do capitão, já ha muito impacientes pela chegada da noite, para vêrem a sua «arvore» querida e ganharem os seus brinquedos, romperam graciosamente a cantar, no meio dos passageiros entusiasmados, as expressivas e doces quadras antigas que sonorisavam as praias e campos do sul pelas festas do Natal:

Crianças, moços e velhos
Vinde para a festa ideal,
Vêr o ASTRO dos Evangelhos
Nesta noite de Natal.

Nas alegrias do céu
Saltai, correi, folgai bem,
Que Jesus Christo nasceu
Lá n'aldêa de Bethlem.

E as Simas e a criançada começaram a descer apressadamente o tombadilho em direcção á camara, mas o Romano e a esposa as detiveram á porta, dizendo-lhes carinhosamente:

— Não, não, ainda é cedo! Esperem um pouquinho, só um pouquinho!...

Porque era sempre a mulher do Romano que dirigia a festa do Natal no seu lar, celebrando-a á allemã. Os allemães costumam armar a arvore de Natal em segredo, ás occultas das crianças, para lhes fazerem surpresa. O *clou* da grande festa consiste na surpresa. As crianças ignoram inteiramente até ao acto do desvendamento da arvore, o como foi ella

enfeitada, as proporções que tem, a variedade de doces, *bibelots* e brinquedos que pendem dos seus tenros ramos rendados. Sem isto a festa não seria completa, não teria graça. Tal a razão porque fôra vedado ás Simas e ás Simas o ingresso subito na camara, transformada agora em «sala de arvore». Além disso era preciso arranjar-se a mesa de «banquete», no que naquelle instante se occupavam exclusivamente os criados de bordo e as criadas da familia do capitão, duas germanas alvissimas e louras que só falavam a sua lingua e que eram origem de frequentes e interessantes quiproquós que faziam rir a todos.

Mas esses preparativos, já em ultimação, terminaram logo. E, ao repique sonoro e festivo do sino de bordo annunciando a «abertura» do Natal, as portas da camara se desceram de par em par, precipitando-se as crianças com a criançada, e, em seguida, os passageiros, num torvelinho e numa vozeria ineffavel, para o vasto salão illuminado.

Foi então um deslumbramento e encanto extraordinarios, em que as exclamações jubilosas de todos e a algazarra triumphal das crianças, cruzando-se de todos os lados, transformavam aquella dependencia do navio numa especie de barraquinha de feira com luminarias, ou numa kermesse nocturna de ádro florido d'arrayal.

O salão da camara, todo atapetado e com as delgadas columnas de ferro envôltas em multicores festões de flôres de papel, profuzamente illuminado pelas arandellas de metal reluzente, com os porta-calices a scintillarem como pedrarias phantasticas, reproduzia-se infinitamente no clarão dos largos espelhos collocados, d'alto a baixo, ás amuradas. Na grande mesa do centro, guarnecida ás beiradas por fileiras de pratos, de porcellana branca e filetes doirados, tendo ao centro compoteiras com doces de caldas e grandes bôlos tostados, escoltados por um pelotão de garrafas de vinho e cerveja que tinham brilhos de rubim e topazio, erguia-se, bem a meio, a bella arvore de Natal, um pinheiro improvisado e creado pelos habéis dedos artisticos do carpinteiro de bordo, mas enramado e pintado de tal modo que parecia natural. Da sua haste aprumada e central os ramos bracejavam para todos os lados, cheios de uma multidão de velinhas de cera colorida ardendo em chammias d'oiro fumarentas, por entre uma infinidade de doces seccos de todas as fórmias e de uma completa collecção de brinquedos, em grande parte reproduzindo, em miniatura, toda uma fauna.

A *menagère* daquelle lar fluctuante, a boa esposa do Romano, começou então a fazer a distribuição dos brinquedos chamados da vespera, porque os outros deviam ficar para o dia e os restantes durar, como os doces seccos, até ao dia de Anno-Bom. A's meninas maior-

zitas tocaram grandes bonécas, mobiliasinhas, minuculos aparelhos de jantar ou de chá, trezinhos de cozinha; ás menores pequenas bonécas, casinhas, polichinelos, carneirinhos; e ao pequeno Simas, além de muitas outras coisas, um violinosinho de Nowemberg, porque elle tinha uma decidida vocação para a musica e queria ser *virtuose*. Carregadas com os seus presentes, e indizivelmente felizes, as crianças passaram todas para uma outra mesa menor, que ficava ao lado da grande, e entraram no seu festim de Natal sob as vistas das criadas.

Então o estimavel capitão Romano, que todos os annos invariavelmente mandava vir da Europa para aquella festa um rico e esplendido sortimento de tudo quanto havia de melhor em *bibelots*, brinquedos e doces seccos e crystalizados, fez com que Celina distribuisse á esposa do Simas e a cada uma de suas filhas um presente, um mimo, uma lembrança. E immediatamente abancaram todos em t á grande mesa do centro, servindo-se e doces por entre uma conversação alegre, animada e cordial, -em que os ditos e risos sóbrios dos homens e das duas matronas — a senhora do Simas e a do Romano — se misturavam admiravelmente ás graças vivas e espontaneas, ás risadas meigas e festivas das moças em plena intimidade. A mesa das crianças afogava, por vezes, os ruidos desta, na sua continua e infinita matinada.

Depois, quando á grande mesa da arvore os finos vinhos capitosos entraram a innundar as largas taças de crystal, o velho Sebastião Vinhas ergueu-se; e, meio trémulo e numa grande emoção, dirigindo-se ao Romano e á esposa, pediu-lhes a mão de Celina para seu filho Alfredo, que a amava, declarando que aquelle consorcio elle o considerava para si e para os seus uma honra e uma felicidade. O capitão e a esposa, com os olhos rasos d'agua, igualmente emocionados, deram então inteiro deferimento áquelle solemne pedido, fazendo suas as derradeiras palavras do velho Vinhas:

— Tambem para nós é uma honra e uma felicidade...

Cobriu a grave phrase que envolvia e dispunha do futuro destino de duas creaturas, uma discreta salva de palmas.

E todos, voltando-se para Alfredo e Celina, que estavam sentados lado a lado, num enlêvo e num jubilo sem par, murmuraram com affecto:

— Parabens e mil venturas! Parabens e mil venturas!

Os noivos, com um significativo mover de cabeças e um certo embaraço, agradeciam, em vóz baixa, quasi indistinctamente:

— Obrigados! Obrigados!

Mas a noite subia. E dentro em pouco a mesa das crianças ficou deserta, indo cada uma dellas, á sua vez, com os seus brinquedos apertados nos braços, estirar-se, tomada de fadiga e de somno, para os divans das amuradas.

E como a primeira hora do grande dia do nascimento de Jesus estava quasi a soar, o capitão e a esposa, os noivos e os passageiros subiram para o tombadilho a saudar a maior e mais sublime data de toda a Christandade.

Um instante após, lá embaixo, na camara ainda illuminada onde as crianças resonavam serenamente, conservando o ultimo sorriso da alegre vigilia ainda espiritualizado na curva rósea dos labios, sonhando talvez deliciosamente com a sua arvore de Natal—o relógio de bordo entrou a badalar, espaçadamente, a meia-noite.

Immediatamente o commandante deu uma ordem para prôa.

O sino do lugar entrou a vibrar vivamente, em vozes musicaes, numa alegria d'alvorada de calma rompendo o Espaço, triumphal e côr de ouro, depois de longos dias e noites de medonha borrasca. E de repente, no meio dessa esfuziada de notas sonoras e bem rhythmadas saudando o Natal, todo o barco foi envolvido no grande clarão róseo e verde de um fogo de tigellinhas, que illuminava feéri-

camente o convés e a tólda, bem como a zona do mar em torno, onde as ondas dobravam em cadencia, sob o céu radiante d'astros, como um bando infindo de noivas coroadas de flôres d'espuma de uma brancura de jáspe.

Um embevecimento e emoção incomparáveis avassalaram a todos, até os proprios marinheiros, incultos e rudes sempre, mas de um coração amoroso e leal. E então as Simas, com uma vóz fraca e dolente mas expressiva e suave, voltaram a cantar entusiasticamente e em côro as celebres quadras populares que tanto sonorisavam as praias e campos do sul pelo tempo do Natal:

Crianças, moços e velhos
Vinde para a festa ideal,
Vêr o ASTRO dos Evangelhos
Nesta noite de Natal.

Nas alegrias do céu
Saltai, correi, folgai bem,
Que Jesus Christo nasceu
Lá n'aldéa de Bethlem.

Rio—Dezembro de 905.

VIRGILIO VARZEA



O Natal de 2005

Que será o Natal de hoje a cem annos?

Nem Wells, nem Bellamy, nem Anatole France, nem os outros cultores, de menor peso, desse genero de *sport metaphysico* que se compraz em desvendar o futuro lembraram-se ainda, que me conste, de idear o que será a festa do Menino-Deus, quando houver passado um seculo sobre as nossas tristezas, as nossas alegrias, as nossas esperanças, os nossos dissabores de hoje.

Persistirá ainda, no seculo posterior ao do radium, o costume de celebrar annualmente o suave mysterio do Natal, com o seu cortejo de lendas consoladoras que se espalham docemente sobre a humanidade, fazendo como que uma tregua nas lutas quotidianas para unir as opiniões as mais desencontradas, afim de contemplar a mais bella creação que até hoje tem produsido as religiões?

Ou, chegada a humanidade ao estado positivo que imaginou Augusto Comte, banidos da cogitação humana todas as preocupações theologicas ou metaphysicas, ninguem mais aceitará senão o que for experimentado ou demonstrado, e não haverá mais illusões de especie alguma, sobre qualquer dos campos da cultura humana?

Si quisermos acceitar como formulada civilização futura a uniformização dos costumes dos povos, segundo o typo dominante na chamada civilização occidental, a consequencia logica é que as velhas tradições locais que acentuaram a individualidade de cada povo, hão de fatalmente desaparecer, para ceder o logar ao typo vago, incolor e apagado que constitue o homem civilizado de hoje, disfarçando o seu scepticismo com o sorriso de uma ironia amavel, sem as ingenuidades que fazem a felicidade dos povos, sem os arrancos de fervido entusiasmo que constituem a verdadeira dynamica das sociedades.

Quando a sciencia não tiver mais segredos para o povo, quando não houver mais differença entre o homem culto e o homem ignorante, e forem banidos da imaginação popular os fantasmas que actualmente tanto aterram e delicias os povos, a que lendas recorrerá a humanidade para suavisar, os poucos instantes da vida, como o actual, em que o espirito, fôrro ao ramerrão da vida quotidiana, foge pelo espaço fóra procurando uma illusão em que repouse dos dissabores do mundo conhecido?

Quando vejo as creanças de hoje, confiantes na fé que nós não temos mais, cheias de illusões para nós de todo perdidas, aferradas ás creanças que nós não temos a coragem de lhes tirar do espirito, pergunto a mim mesmo si os meninos actuaes, quando chegarem á virilidade terão o heroismo de fechar os olhos a seducção da lenda, e educarão desde logo os seus filhos inteiramente emancipados das suaves creações que nos enlevaram a infancia e ainda hoje embalam a dos nossos filhos.

Quando nós, os livres pensadores de hoje, voltamos os olhos para os nossos longinquos primeiros annos, vemos um lar tranquillo, uma figura de mãe cheia de bondade guiando os nossos pri-

meiros passos da vida, e a familia, possuida da mais suave unção, celebrando amorosamente a festa cujos vestigios nos ficaram para todo o sempre gravados no coração, a despeito de todas as negações que conhecimentos posteriores nos implantaram no espirito. Revendo nos filhos estes mesmos suaves sentimentoos, nós temos que transigir com as exigencias de uma fé que já não nos domina, e, pela mais sublime das hypocrisias fingimos, acreditar nas lendas a que sómente podemos oppor a mais cruel das realidades.

As creanças que hoje nascem podem pois, graças á nossa tolerancia, conservar o conjuncto de illusões que nos embalaram a meninice. Terão porém, a mesma força de vontade que nós para transmittir as futuras gerações o mesmo ponto de vista? Ou, chegadas á idade madura, perceberão que atraz dos nossos condencendentes sorrisos já se advinhava o *rictus* amargo da descrença?

Imaginemos um momento, que a sciencia e a civilização hajam nivellado todos os espiritos, e as creanças logo com as primeiras letras tenham recebido as bases de uma concepção scientifica do Universo.

Que esperarão ellas achar nos sapatinhos em que o velho Natal tinha o costume de collocar os presentes?

Em primeiro logar cabe observar que, nos paizes em que as creanças põem os sapatos perto da lareira, tal não será mais possivel, pois o aquecimento das casas pela electricidade ou por outros meios hoje de nós desconhecidos, dispensará completamente a chaminé. Si a noção de propriedade individual houver desaparecido do mundo, creança nenhuma esperará receber um presente, pois saberá então que tudo pertence a communitade. E, despovoada a amplidão das entidades mythologicas que ainda existem para as creanças de hoje, as que vierem daqui a cem annos hão de saber que tudo está sujeito á fatalidade das leis cosmicas, que nenhum phenomeno tem causas sobrenaturaes, e que não é possivel andarem os anjos, pela calada da noite a encher de doces e brinquedos os sapatinhos das creanças adormecidas.

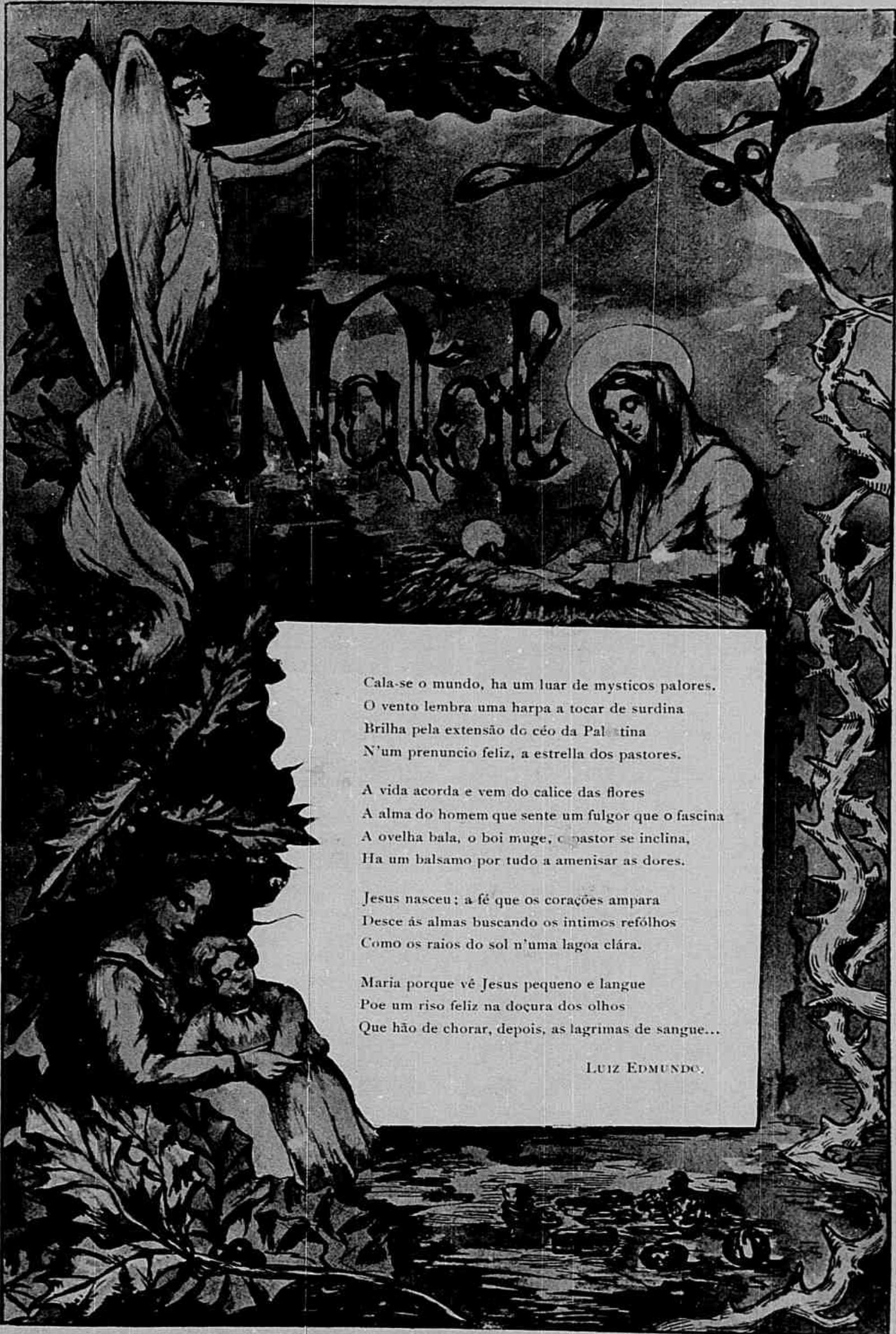
Nascidos na época em que tudo estará calculado mathematicamente habituados a achar a incognita de todas as equações, os meninos de então serão iguaes em penetração aos homens de hoje, e olharão impavidos a immensidade severa, despida emfim das sombras que hoje tanto nos apavoram. Sonhos, creanças, lendas... vãs futilidades que o seculo vinte terá acabado de destruir.

O Estado, reduzido o apuro de uma machina bem lubrificada, a industria e o capital occupando o seu logar mathematico na entrosagem da vida nacional, a precisão geometrica regulando todas as manifestações do pensamento humano, tudo previsto, tudo calculado, tudo regularizado, que logar restará para a expansão das doces illusões em que hoje ainda nos comprazemos?

Si forem estes os sentimentos que dominarem o mundo de então, que se fará por occasião do Natal?

Pobres creanças de 2005! Como eu vos lamento!

SOUZA BANDEIRA.



Cala-se o mundo, ha um luar de mysticos palores.
O vento lembra uma harpa a tocar de surdina
Brilha pela extensão do céu da Palestina
N'um prenuncio feliz, a estrella dos pastores.

A vida acorda e vem do calice das flores
A alma do homem que sente um fulgor que o fascina
A ovelha bala, o boi muge, o pastor se inclina,
Ha um balsamo por tudo a amenisar as dores.

Jesus nasceu; a fé que os corações ampara
Desce ás almas buscando os intimos refólhos
Como os raios do sol n'uma lagoa clára.

Maria porque vê Jesus pequeno e langue
Poe um riso feliz na doçura dos olhos
Que hão de chorar, depois, as lagrimas de sangue...

LUIZ EDMUNDO.

Typos e Symbolos

VOVÔ NATAL

Ora, se o conheceis, meus lindos amiguinhos! Nunca de certo o vistes, senão pintado, nem delle formaes idéa porque lhe tivesses ouvido a voz, acompanhado o rasto, ou de qualquer maneira sentido a visinhança amoravel. Tanto, porém, vos fallam delle, vos gabam a sua pessoa lendaria, que, na vossa imaginaçãozinha, é uma figura completa, familiar como a de vossos paes, de vossos irmãos mais velhos; e, sempre que pensaes na sua bondade e na sua generosidade, é para o exaltar e adorar, como a um santo avô muito risonho, muito amoroso e com os bolsos do casacão sempre cheios de dadivas deslumbrantes.

Tal como vol-o pintaram e vos acostumastes a adoral-o, é um velho de longas barbas ondeantes que quasi lhe chegam aos pés, olhos suavissimos, nariz comprido e curvo, maçãs do rosto da côr e da lisura dos pergaminhos. Envolve-se, como um santo ou um profeta, numa especie de tunica branca que adeja ao vento; e faz-se acompanhar dum burrico de orelhas espartas e pernas finas, tão rijo que o não ajoujam os alforjes enormes, atulhados de presentes, tão leve que se lhe não presente o trote miudo, por sobre os telhados, nessa noite incomparavel de poesia e de alegria, do Natal. E ahi vão elles, tic tic tic, de telhado em telhado, pela cidade além; o Velho conhece todas as casas e, dentro dellas, todas as creanças; destas, chega mesmo a saber os nomes — que por um requinte de gentil magnanimidade, manda, ás vezes, gravar nas dadivas — e nem só os nomes, lambem os genios, as indoles, os prazeres predilectos e até as pirraças e diabruras que fizeram suas boas acções e as façanhas que praticaram, durante o anno inteiro. Por isso, a cada chaminé que chega, deixa cair dentro de cada sapato que em baixo espera, os objectos mais desejados e as recompensas mais especialmente merecidas.

Tendes certamente reparado no capricho minucioso, na escrupulosa propriedade dessa dis-

tribuição: Se amaes as gulodices sobre todas as coisas, lá vos deita os cartuchos prateados de amendoas e de balas, os rôlozinhos de hortelã pimenta, as caixinhas de chocolate; se vos apraz o estrepito e as glorias da guerra, alira-vos espingardas, peças de artilharia, espadas de commando e tendas de campanha; se vos dedicaes á gymnastica e ao «sport», manda-vos trapezios, barcos, cavallos, pélas, bycicletas; se apreciaes a mechanica, despeja-vos apparatus a vapor, moinhos, locomotivas, fabricas inteiras; se, finalmente, vos apegaes ao vosso cantinho e vos deliciaes nas alegrias domesticas, dos seus alforge inesgotaveis, chovem livros de estampas, mobílias, serviços de louça e baterias de cosinha, bonecos e bonecas. E' só escolher, pedir por bocca.

Onde vae elle fazer tão completo sortimento? Mystérios! Tudo, na sua passagem pela terra, é doçura e mysterio. Ninguem sabe donde vem; nem como o seu jerico corre tanto que, em noite tão pequenina, visita todas as casas duma cidade tão grande; nem de que fazenda é feito o seu albornós branco como a lua e leve como as nuvens; nem quem lhe ensinou a morada e o nome desses milhares de amiguinhos que mimoseia; nem para onde vae, ao cabo da travessia, com o jumento que é sempre o mesmo, passar o resto do anno. Singular Avôzinho! — não exige que os netos lhe tomem a bençã, lhe paguem com um beijo ao menos, as graças que semeia; não desce um momento pela chaminé, a gosar, no riso dos pequerruchos, o festivo effeito de tão profusa liberalidade; não impõe o menor agradecimento, nem sequer recommenda que o não esqueçam, até o seguinte Natal. Não ha mais desinteressado, mais desprendido bemfeitor; chega de noite, quando os meninos dormem; sem parar, acompanhando sempre, com o balandrau ao vento, o trote do seu animalejo, joga ás mancheias, brinquedos e goloseimas — e passa, some-se na noite, como um rôlo de nevoa que a aragem vae impellindo, esfarrapando, e que o primeiro raio de sol ha de espalhar e apagar.

Elle offerece tudo, dá tudo; e, sem exemplo na terra nem no céu, nessa maneira tão nôbre e

tão occulta de offerecer e de dar, não espera de vós nenhum reconhecimento, nenhuma gratidão. Dahi se conclue, a par da sua immensa generosidade, a sua bondade infinita. Para vós, então, que directamente recebeis os seus favores e debalde tentaes conservar os olhos abertos para o enxergar, não ha creatura nem visão, ser vivo nem imaginario, dotado de tão tocantes e maravilhosas perfeições. Quando vos apparece em sonhos, a graça do seu semblante é incomparavel; quando n'Elle pensaes, enche-se-vos de jubilo o coração; nunca ouvis pronunciar o seu nome, sem o abalo intimo dum grande regosijo; e, no fundo do vosso sentir, consagraes-lhe uma viva, radiosa, palpitante adoração...

Pois bem, meus amorzinhos, por mais que me pese abrir á realidade esses olhos que em tão lindo sonho se perderam, sou obrigado, por amor duma coisa soberana e sagrada que se chama Verdade, a pintar-vos esse Velho tal como elle é, despojado das virtudes excelsas que lhe emprestou a phantasia de vossos paes e a vossa ainda torna mais extraordinarias, inteiramente á mercê do vosso juizo livre de lendas e desembaraçado de tradições. Estive exactamente adornando, exaltando essas qualidades artificiaes e enganadoras de bondade, generosidade, modestia, para que o contraste dos reaes defeitos vos ferir bem profundamente; levai a vossa sensibilidade aos extremos do amor e da ternura, para que, neste momento de desengano e desencanto, a vossa reflexão distinga com clareza quanto de maldoso e de perverso existe nesse Velho execravel!

Meus filhos, pensae bem nisto: Elle, se vos regala com tão finas guloseimas e vos fascina com tão luzidas carruagens, é por ver que vossos paes moram em grandes casas, cheias de luxo e de conforto, e vos trazem sempre fartos e lindamente vestidos. Sim, para vós, propriamente, para vós, meninos ricos, filhos de gente rica, o Velho é duma generosidade sem limites, um verdadeiro esbanjador, um mãos-rotas. Mas, só para vós! Ao passo que as habitações se vão tornando menores e mais vasias, vae Elle tendo conta no numero e na qualidade das dadas, poupando, regateando... Se aqui vos deixa um navio a vapor,

com todos os mastros, todas as cordas, todos os camarotes e todas as caldeiras, que deita fumo e faz girar a helice e é talvez capaz de atravessar o oceano, lá adeante já se não alarga a mais de uma lancha de latão, toscamente recortada e grosseiramente envernizada; e, mais longe, mal lhe escapa das unhas um barquito sem vela nem leme, que só voga a favor da corrente ou por um cordel. A vós, certamente vos presenteia com automoveis, mas, a outros, dá, quando muito, uma carruagem sem cavallo ou mesmo um carrito de duas rodas—que não anda. E quando, então, lhe cheira a chaminé sem fogo, a lar onde se não ceou, a meza onde não ha pão, o Velho sem entranhas dá um repellão á arreata do jumento e passa adeante, de fugida, desapiedadamente, sem deixar nada.

Ahi tendes o vosso Avôzinho, ingenuos e desapontados amigos; discorda inteiramente da idéa que delle formaveis, bem sei. Pois, assim como vol-o pinto é que elle é, e não como a inventiva egoista de vossos paes—que só pensam em vos ver contentes e só olham á vossa felicidade—se divertiu a enfeitá-lo aos vossos olhos innocentes. A verdade é que, emquanto vós contemplaes dentro ou á volta dos vossos sapatinhos esses mimos que desceram de cima, pelo buraco fuliginoso, como se viessem directamente do céu, outros, desconsolados e em pranto, olham para o canto da cosinha, onde o seu calçado esperou em vão, com o cano escancarado, numa gula angustiosa, os favores do Velhote deshumano; emquanto bateis as palmas e soltaes gritos de entusiasmo á roda desses prodigiosos *bibelots* que deviam ter custado uma fortuna, muitos meninos como vós não têm um simples chicote com que fustigar as cadeiras domesticas, nem uma só corneta para acordar os echos da casa desolada; e, emquanto vós encheis a bocca de bolos perfumados, de pastilhas a que os proprios anjos lamberiam os beiços, centenas de creaturinhas da vossa idade não têm, para aplacar a fome dessa manhã, uma tijela de leite nem um pedaço de pão.

E, por que? Fazei-me agora o favor de dizer: por que? Por que, para o Vovô Natal, só são mercedores das suas graças aquelles que vivem

na opulencia, ou, pelo menos, na abundancia — isto é, exactamente aquelles que dellas não precisam. Quando presente a necessidade, quando fareja a fome, puxa o burro e foge. Velhaco! E', em summa, uma questão de sapatos: se os vê a reluzir, no seu verniz precioso, pelo canudo da chaminé, despeja-lhes para dentro o melhor dos seus alforjes; quanto mais modestos os vae enxergando, com mais cuidado escolhe no sortimento o que trouxe de barato e de grosseiro; e, quando advinha que, lá embaixo, se sapatos houver, hão de estar gastos, esbeiçados, com lombas, com remendos, deita um olhar aos alforjes, não vá tombar ás mãos dos pobre-zinhos algum presente — por descuido.

Comprehendeis agora a crueldade, a perfidia desse Monstro? Só lisongea os afortunados, Elle, só dá aos que não precisam. Abominavel Avô, que deita a bençãam aos netos felizes e se afasta com horror dos netos desgraçados! Por isso, vos aconselho, meus amorzinhos: perdi-lhe totalmente esse affecto e essa veneração. Não os merece; resumidas as suas qualidades, é um adulator: dulcissimo para os poderosos, brutal para os humildes. E, se achaes que me deveis prestar ouvidos mais um momento e que vale a pena dar uma lição ao destestavel Velhorro, ide ter com vossos paes e pedi-lhes que reparem e corrijam tão irregular distribuição e injustiça tão odiosa. Vós dormis a somno solto, á hora

sacramental da meia noite, quando o Estafermo passa, com o seu burrico; mas vossos paes estão ás voltas com os pitéos da consoada, vossos paes riem e velam; e, então, podem muito bem ir á chaminé e gritar lá para cima que não quereis mais brinquedos — pois tantos já possuis — que vos não appetecem mais guloseimas — pois tanto já vos fartastes — porque brinquedos e guloseimas só vos enfastiariam e enjoariam, á idéa de que tantas e tantas creanças não só não têm com que brincar, mas nem se quer têm que comer!

E, quando fôr de manhã, á hora farta do almoço, mandae chamar os meninos pobres da vizinhança e reparti com elles a abundancia da vossa meza e a alegria dos vossos lares; não precisaes dar muito, dae-lhes apenas, a esses a quem tudo falta, o que, nesse dia, vos sobrar, a vós. E, então, fareis o que o Velho jamais soube fazer, uma boa acção; e, tendo cada um de vós suffocado ou consolado a miseria da sua rua, tornar-se-á geral o regosijo e será geral a festa; e quem mais gosará com essa felicidade de todos os pequeninos, será Aquelle que nesse dia nasceu para a todos vos proteger e amar, ricos e pobres, poderosos e humildes, venturosos e desgraçados — a Creança das Creanças, o Innocente dos Innocentes, o Menino Jesus, o Bêbé Deus!

JOÃO LUSO.



Um Natal na Bahia no seculo XVIII

FOI em 16 de Novembro de 1717 que Mr. de la Barbinais le Gentil, após ter per-lustrado longamente mares adversos, de volta da China onde fôra á colheita dos exóticos productos da industria dos filhos do Imperio do Meio, urgida a sua frota mercante pela falta de viveres, quasi total-mente corrompidos pelos calores equato-riaes, arribou á Bahia de Todos os Santos, então sob o governo de D. Pedro Antonio de Noronha, 2º Conde de Villa Verde, 1º Marquez de Angeja, 37º Governador da Bahia e 3º Vice-Rei do Brasil.

Ainda bem viva era a recordação dos in-sultos feitos á terra e dominio da Corôa de Portugal pelas successivas expedições de *des Gennes, du Clerc e Duguay Trouin*; se-veras as ordens contra a estada de estran-geiros no Brasil; o perigo immediato alle-gado pelos navegadores porem, fez que as leis da humanidade sobrepujassem todas as prohibições, e soccorro, guarida, affavel aco-lhimento lhes fossem dados.

Quatro mezes permaneceram os france-zes na Bahia esperando se concertassem os navios, o que deu occasião a que Mr. de la Barbinais em sua obra "Nouveau Voyage au tour du Monde", publicada em 1729, de que restam raros exemplares abandonados nas estantes das bibliothecas, se occupasse da terra, usos e costumes dos seus habitan-tes em numerosas paginas que perdem por pouco conhecidas.

Não é logar aqui para sua reproducção, nem caberiam nos estreitos limites de um artigo.

Cabe todavia resumir algo das suas obser-vações, principalmente sobre duas festas de que foi testemunha e produziram no seu espirito uma impressão bastante desfavora-vel aos povos da Bahia.

.. A demora dos navegantes francezes foi devida á cubiça dos magistrados (1) que elle chama eruditamente de *Sembargado-res* e tardavam em autorisar os concertos *«se hatoient lentement afin d'obliger le Ca-pitaine a s'expliquer sur les presens qu'ils demandoient lors même qu'ils feignoient les refuser.*

Obtida a necessaria licença, desembarcou Mr. de la Barbinais que ficou residindo na cidade, fazendo logo franca camaradagem com o brigadeiro Macé (2) huguenote reti-rado de França em virtude da revogação do edito de Nantes, que ao tempo dirigia as fortificações da Bahia, como reformara já as do Rio de Janeiro.

Fazia regularmente a côrte ao Vice-Rei por elle grandemente elogiado e que em verdade favoreceu bastante os mercadores estrangeiros, facilitando-lhes todos os meios para o concerto de suas embarcações e en-viando forças para jugular uma revolta que se manifestára a bordo, causada pela aguar-dente do paiz cujo consumo os officiaes quizeram prohibir.

Não gostou Mr. de la Barbinais dos fi-dalgos da comitiva do Vice-Rei, e geral-mente da população da Bahia que taxou de grosseira, (3) corrompida, debochada (4) ani-

(1) ... le Juge nommé par les Portugais de *Sembargador* vint avec plusieurs Ecrivains confôitre & examiner l'état de notre vaisseau & nos besoins. A leur air grave, sérieux & com-posé on aurait dit qu'ils alloient décider de nos vies... nous jugeâmes à propos de gagner la bienveillance & l'amitié de tous ces Messieurs par des presens : l'un leur donnoit une Boîte de Thé, l'autre des Eventails, celui-cy des Bonnets brodez, celui-là des curiositez Chinoises; en un mot chacun faisoit son present. Mais ces Juges n'en étoient pas moins gra-ves, ils recevoient tout gravement & la seule reconnoissance- qu'ils temoignoient étoit de nous promettre qu'ils nous remer-cieroient quand notre affaire seroit finie.

(2) ... c'est un homme sçavant, plein d'erudition & d'un commerce agréable.

(3) Les Portugais ont peu de delicatesse dans leur ma-nière de manger; ils ne vivent que de viandes salées & de poisson sec. Les peuples aiment mieux garder leur argent pour briller & étaler leur magnificence dans une fête que d'en faire usage pour leur nourriture. C'est là le vice général. En effect s'agit'il de faire une Fête en l'Honneur d'un Saint ils dependent le revenu d'une année en Courses de Taureaux, en Comédies, en sermons, en Ornéments d'Eglises, & ils meurent de faim le reste de l'année.

Si on oioient aux Portugais leurs Saints & leurs Maitres-ses ils deviendroient trop riches.

(4) Les moeurs sont corrompues dans ce pays & l'homme y porte une front que ne rougit jamais.

Les femmes ne sont pas moins debauchées; elles vivent dans un desordre public. Les Religieux & les Prêtres seculiers (outre leur ignorance qui est honteuse & au dessus de toutes les expressions)... immodestes dans les Eglises s'ils ecoutent une femme dans le Tribunal de la Penitence ils semblent plutôt la cajôller que lui inspirer des sentiments de contrition & de pitié.

mada pelo exemplo que o clero lhe dava vivendo chafurdado na maior devassidão, á feição do que observára nas colonias hespanholas.

Uma observação muito pittoresca é a que faz Mr. de la Barbinais sobre as serenatas que já naquella epoca formavam um dos mais originaes costumes da Bahia. Diz elle "Je n'entendois pendant la nuit que les tristes accords d'une Guitarre. Les Portugais en longues Robes de Chambre, le Rosaire en écharpe, l'épée nue sous la Robe & la Guitarre à la main se promenoient sous les Balcons de leurs dames & là d'une voix ridiculement tendre, ils chantoient des airs qui me faisoient regretter la musique Chinoise ou nos Gigues de basse Bretagne".

Seriam os romances de Manoel Botelho de Oliveira, o autor da *Musica do Parnaso* que tanto boliam com os nervos do forasteiro?

*
* *

No dia 24 de Dezembro o Vice-Rei convidou os officiaes francezes para o acompanharem á Missa do gallo no Convento de S. Clara.

Mas deixemos falar Mr. de la Barbinais le Gentil :

"Dirigi-me para o Palacio ás 8 horas da noute; todos os Officiaes de guarda ali estavam reunidos. O Vice-Rei nos brindou com uma collação magnifica.

A's dez horas fomos para a Igreja de Santa Clara onde absolutamente não esperava ir assistir a uma comedia, ou antes a uma farça.

Em todas as casas religiosas de Portugal as jovens monjas estudam durante o anno um certo numero de disparates e canções jocosas (5) para recitar na noite do Natal.

Estavam as freiras em uma tribuna elevada e descoberta, tendo cada uma um instrumento musical nas mãos, Harpas, Guitarras, Tamboris, Pifaros etc.

Tendo o seu director dado o signal entoando o *Psalmo Venite exultemus*, todas ellas a uma voce entoaram as canções que tinham aprendido durante o anno

(5) A expressão do autor é mais forte : des sottises & chansons gaillardes...



com tanto cuidado; cada uma cantava a sua e essa diversidade de canções e vozes formava um charivari que combinado com os sons descontraídos dos varios instrumentos provocava forçosamente o riso.

Ao mesmo tempo saltavam e dansavam fazendo um barulho tão ensurdecedor que julguei que como as freiras de Londun estavam possesas de algum espirito maligno de humor jovial.

Mas não era chegado ainda o fim de minhas surpresas.

Ao alarido succedeu o silencio — e em logar das orações que seguem a cada Nocturno de Matinas, adeantou-se uma das freiras, e depois de sentar-se com toda a gravidade em uma poltrona, fez um longo discurso á Assembléa em portuguez *cas-sange*.

Esse discurso não era mais que a satyrica narração das galantes intrigas dos Offi-

ciaes da Côrte do Vice-Rei ; foram assim designadas as amantes de todos elles e postas em relevo as suas boas e más qualidades.

Começou o segundo Nocturno ; o director recitou o Psalmo em voz baixa ao passo que as freirinhas repetiam as mesmas extravagancias, organisando um entre-acto semelhante ao primeiro.

Sobreveio um pequeno incidente no terceiro Nocturno, o Amor querendo desempenhar um papel nessa comedia.

Mas para intelligencia da scena é necessario saber-se que tanto na Hespanha como em Portugal, os fidalgos têm amores com as religiosas, o que elles chamam *Indevotar-se* (6).

O sobrinho do Vice-Rei chamado Dom *Henriquês Meneses* amava uma das freiras

(6) Está assim no original. Novo accesso de erudição de Mr. de la Barbinais le Gentil.



de Santa Clara, mas esse sentimento muito platonico, era pouco capaz de occupar todo o seu coração, buscando elle bastantes vezes amores e occupações mais solidas.

A religiosa muito ciumenta e desarrazoada, privada como estava de certos prazeres, queria pela mesma forma interdizel-os ao amante.

Escolheu ella essa noite para censurar suas infidelidades.

Terminado o terceiro Nocturno e subsequentes cantorias, da tribuna mesmo, começou a freira a dirigir a Dom Henrique as mais ternas censuras ; tudo quanto ella disse o fez com a maior graça deste mundo mas o indocil fidalgo recebeu de má cara a mercurial, e vexado da pouca vergonha da sua amada retirou-se bruscamente da Egreja.

A religiosa sensibilizada por tão brusca partida rompeu em altas vozes dizendo :

--Vai ingrato, vai te gabar junto de minhas rivaes do pouco caso que fazes de minha ternura e de minhas queixas !

Esta catastrophe foi o desenlace da comedia.

Cantou-se uma missa finda a qual todas as monjas commungaram."

* *

A primeira impressão que se tem dessa narrativa do viajante francez é de que elle faltou desafortadamente á verdade, relatando cousas que só existiram em sua imaginação ; e por isso, para prevenir a incredulidade dos leitores accrescenta : *"Je sçai qu'il est assez difficile de croire que des femmes consacrées a Dieu par des vœux solennels soient capables de comettre des excès semblables ; il est pourtant vrai que j'ai vu & entendu réellement tout ce que je viens d'écrire.*

Demais, Varnhagen tão escrupuloso em escolher suas fontes de informações, aproveitou-se de muitas da citada obra.

A licença do clero na época era espantosa. Quando D. Antonio de Britto de Menezes em 1717 tomou conta do governo do Rio de Janeiro foi-lhe dirigida uma "Carta ou Papel de Instrucção para Acerto de

hum bom Governo.» (7) que entre outros topicos contem o seguinte:

“Vivem nesta cidade e frequentão-na multidão de frades das Provincias do Reino, e ainda que alguns não dão escandalo com a sua vida, escandalizão os mais com o seu viver; algum ha que sendo da primeira regra de São Francisco vive com molher e filhos: sustenta duas casas ou tres das quaes cuidou fabricou algũas: passeia a rua com chapéo de tres ventos, meas e sapatos de secular com fivellas, e em lugar de burel, veste drogas finas; e finalmente pello que ouvi se jactou de que sendo Senhor (não o sendo pelo seu voto) de vinte mil Cruzados, gastára quinze com damas, mas que se regalára; e ainda que entendo tem humas Irmans com que palea a sua existencia, he pretexto com que desculpa tão dissoluta vida.”

Pode haver algum exaggero no colorido, algum engano natural em hospede na lingua; mas o que chega a ser comico é ver a profunda indignação com que o pudibundo Mr. de la Barbinais le Gentil, subdito de Luiz o *bem-amado*, causticava a liberdade de costumes na Bahia, deslembrado talvez do que por casa lhe ia.

*
* *

A segunda festa a que assistiu o viajante foi a de San Gonzalés de Amarante como lhe elle chama, santo pouco conhecido do seu calendario mas muito em veneração entre os Portuguezes.

Elevava-se a capella do mencionado santo a uma legoa da cidade, sobre uma collina á beira-mar e rodeada de profusos bosques.

La a gente devota em perigrinação a esse logar e por lá se deixava ficar tres dias habitando em tendas que se estendiam a perder de vista pelos arredores da capella.

A descripção que nos faz da festa Mr. Gentil recorda-nos as romarias do Senhor do Bomfim em que tanto se mistura o sagrado ao profano — a ladainha devota e monotona ao samba lascivo e saltitante.

(7) Carta ou Papel de Instrução para Acerto de hum bom Governo, enviado ao Governador Antonio de Britto de Menezes, 1717.

Archivo da Torre do Tombo. Papeis varios.

Ahi, de envolta com o Vice-Rei, Officiaes de sua Côrte, casquilhos fidalgos do Reino e da Colonia, ricos mercadores da cidade baixa, opulentos senhores d'engenho do Reconcavo, frades de todas as ordens e padres secuiars, soldados dos terços da guarnição, *capadocios* (que sempre os houve) de veia aguda e chiste prompto, a arraia miuda enfim; sécias da alta roda, tafulas cortezãs engalanadas, donairosas mestiças requebrando-se em sensuaes meneios, escravas africanas adornados profusamente os collos de aureos *barangandans* chocalhantes, tudo na mais completa e devota promiscuidade, cedendo sem duvida a momentanea perturbação dos sentidos, tomado da mesma loucura que presenciava, sentindo o ignoto prazer de cousas não provadas, perdeu Mr. de la Barbinais le Gentil a sua habitual e ostentada gravidade e bongré, malgré, (8)

Cahiu no samba tambem!

Fóra, vibrava melancolicamente no ar intensamente calido, perdendo-se nas quebradas das montanhas, na vastidão intermina das aguas, a toada nostalgica dosromeiros que de longe arribavam em demanda dos favores do milagroso orago da capellinha sagrada

São Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casais as moças?
Que mal vos fizeram ellas?

Rio, Dezembro — 1905.

MARIO BEHRING.

(8) Le 4 Février le Vice Roi nous invita à aller passer trois jours a une lieue de la Ville où l'on celebrait la Fête d'un Saint peu connu dans notre Calendrier, mais fort fameux dans ce Pays sous le nom de San Gonzalés d'Amarante. Nous partimes en compagnie du Vice Roi & de toute sa Cour. Nous trouvâmes au pied de l'Eglise dediée à Saint Gonzalés une multitude etonnante de gens qui dansoient au son de leurs guitarras. Ces danseurs faisoient retentir la voute de l'Eglise du nom de San Gonzalés d'Amarante.

Sitot que le Vice Roi parut ils l'enlevèrent & l'obligèrent à danser & à sauter; exercice violent qui ne convenoit guères à son âge ni a son caractère: mais c'eut été une impiété digne du feu au sentiment de ce peuple s'il avoit refusé de rendre cet hommage au Saint dont on celebrait la Fête.

On nous fit aussi danser bongré, malgré & c'etoit une chose assez plaisante que de voir dans une Eglise des Prêtres, des femmes, des moines, des Cavaliers & des Esclaves, danser & sauter pêle-mêle et crier à pleine tête Viva San Gonzalés d'Amarante. Ils prirent ensuite une petite statue du Saint qui etoit sur l'autel & se la jettèrent à la tete les uns des autres: en un mot il firent ce qui faisoient antrefois les payens dans un sacrifice particulier qu'ils avoient coutume de faire tous les ans a Hercule, pendant lequel ils fouettoient & accabloient d'injures la statue du demi-Dieu.



VOLTA DO PASTO

ORAÇÕES

- Que está voce a vender?
 — Orações, sim senhor.
 — Novas?
 — Uma nova, sim — a oração dos nove.

Era num canto de rua, por uma tarde de chuva. O pobre garoto, muito magro, com o pescoço muito comprido, sobraçava o masso de orações, a sorrir.

— Mas creatura, a oração dos nove foi desmoralisada!

— É agora é que se vende mais. Olhe eu hoje, vendi quatrocentos folhetos. Só de oração dos nove, trezentos e vinte e cinco.

Eu acredito nos prodígios. É uma opinião individual mas definitiva. Se a oração dos nove, depois de assustar toda a cidade e de encomodar o arcebispo, ainda continuava com um tão grande numero de crentes, era porque tinha prodigiosas virtudes. Comprei a oração e estuguei o passo. Que é afinal uma oração? É um levantamento da alma a Deus, com o desejo de o servir e gozar, e S. João de Damasco já a definia um pedido de coisas convenientes, com medo de que os fieis pedissem tambem inconveniencias. Aquelle menino magro, naquella esquina de rua, era um dos insignificantes agentes desse tremendo microbio da alma

Si l'on en croit les savants
 Pour qui toute la Nature
 N'est qu'un bouillon de culture
 Mortel aux pauvres vivants.

Quantas orações andam por ali impressas em folhetinhos máus, vendidas nas grandes livrarias e nos alfarrabistas, exportadas para a provincia em grossos massos, ou simplesmente manuscriptas, de mão em mão, amarradas ao pescoco dos mortaes em forma de breve? Ha nessa estranha litteratura, edições raras, exemplares unicos que se compram a peso de ouro, orações arabes dos negros musulmins cuja traducção não se vende nem por cincoenta

mil réis, orações de praga africanas, para dizer tres vezes com um *obi* na bocca, orações para todas as coisas possiveis e impossiveis. O homem é o animal que acredita — principalmente no absurdo. Levei muito tempo a colleccionar essas supplicas bizarras. Ha mais de mil: de S. Bento, de Santa Luzia, de Santa Helena, Monserrate, S. João Baptista, Milagre de Jesus Christo, Maria Eterna, Santa Barbara, Menino Deus, Santa Catharina, Senhora do Socorro, Santa Thereza, S. Antonio, S. Jorge, Nossa Senhora da Guia, S. Marcos, S. Benedicto, S. Sepulchro, Nossa Senhora do Rozario, Magnificat, Anjo Custodio, S. Lourenço, S. Joaquim, S. Estevam, Bom Parto, Annunciação, para defumar a casa, Santa Philomena, Conceição, S. Roque, S. Sebastião, S. Anastacio, S. Simão, Menino Deus contra o sol e o mar salgado, Maria Magdalena, Dores, S. Pedro e S. Paulo, S. Emigdio, S. Thiago pelos agonisantes, Sonhos de Nossa Senhora, Juizo Divinal Perdão Eterno, Senhor dos Passos, S. Cosme e S. Damião, Nossa Senhora da Gloria, que sei eu? Ha até orações a santos que o Papa desconhece e nunca foram canonisados, como a oração de S. Gurmim bôa para a dor de callos, e a de S. Puyuna, infallivel nas nevralgias. Os homens vivem no mysterio das palavras conciliadoras.

Antes de nascer tem logo a oração do Bom Parto em que se supplica á Virgem, appellando para o nascimento de Jesus um bom successo. Toda a mulher que trazer consigo esta oração no pescoço rezando todos os dias 7 Ave Marias e uma Salve Rainha, 7 dias antes de parir, sempre estará junto a seu leito a Virgem Santissima do Bom Parto.

Acompanha-o a oração para a dentição e a de Nossa Senhora dos Remedios, logo depois de nascido. Quando já fala, decora a *oração para ao deitar na cama*

« Nesta cama me deito, desta cama me levanto,
 a Virgem Nossa Senhora me cubra com o seu manto,
 Se eu coberto com elle for, não terei medo nem pavor,
 nem cousa que deste ou outro mundo for. »

e a *oração para ao levantar da cama*, que se pronuncia mesmo ao ruminar os mais horrendos delictos.

Depois começam os contractos extravagantes, as rezas covardes em que se lisongeia

os santos para obter d'elles altos favores e até clamorosas maldades. Tem a forma de padrenossos, são as vezes assignadas por homensinhos que as precedem de palavras contando o milagre do seu achado. Não ha em todo esse baixo mundo de crença, uma oração inteiramente altruistica, ou desfeita dos egoismos terrenos. Só duas existem defendendo apenas a Igreja—a de S. Pedro e S. Paulo, e a de S. Miguel que por signal começa neste violeto estylo :

« O' archanjo S. Miguel, meu poderoso protector, a quem Deus Omnipotente encarregou a defeza geral de todos os homens, apesar de terem o Anjo da Guarda; e que sois capitão dos nove casos angelicos, cuja prerogativa me animo a supplicar-vos que me perdoeis o atrevimento com que vos fallo, apontando-vos a relaxação, atrevimento, altivez e desenvoltura, falta de religião e vícios de que estão possuída, os corações christãos...»

As outras pedem pelo menos o céu, e estão neste caso modesto a do Rozario e a de São Benedicto. Os autores porém, prudentemente, numa nota aparte communicam aos crentes os bens de taes rezas:

« Quem usar desta oração e rezar com viva fé, ao menos uma vez por semana, não será mordido por cão damnado; se fôr a guerra não morrerá nem será vencido, não se afogará nem morrerá queimado, sua casa estará em paz, tudo lhe irá bem, os invejosos, os maus olhos, os mal intencionados, nem os que usam de mafeícios e feiti arias lhe farão damno algum.»

E ainda por cima se rezar umas ave-marias *terá indulgencias.*

As outras são verdadeiros requerimentos ou cartas de empenho. O sujeito reza como vae ao ministro do Interior pedir um lugar de guarda civil. A bajulação é quasi identica. Deante do altar, a humanidade tracta de viver da mesma maneira porque vive deante dos cesares, dos senhores feudaes ou do chefe de policia.

« O' incomparavel Senhora da Conceição Aparecida, mãe do meu Deus, Rainha dos Anjos, Advogada dos Peccadores, Refugio e Consolação dos Afflictos e dos Atribulados, ó Virgem Santissima cheia de bondade, lançae sobre nós um olhar favoravel.»

E como um poeta sem emprego deante de um oligarcha estadual:

« Lembrai-vos, Clementissima Mãe Aparecida não constar de todos que a vos tem recorrido e implorado vossa singular protecção, fosse por vós algum abandonado. Animado por esta confiança a vós recorro e vos tomo de hoje para sempre por minha mãe, minha protectora, minha consolação, meu-guia...»

Algumas, talvez duvidando do poder dos santos no ocio perpetuo do paraizo, vão directamente a Deus, levando-os como simples advogados. Ha, por exemplo a oração de São Elesbão e Santa Ephigenia reunidos não-sei porque. Pois bem. A oração começa assim:

« Attendei. O' Deus Omnipotente as nossas supplicas, e porque nos confessar os reus de muitos peccados, permiti que sejamos absolvidos d'elles pelas intercessões dos gloriosos martyres S. Elesbão e Santa Ephigenia e que o precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Christo fiquemos lavado e relavado das nossas culpas; limpo e puro mais do que quando nascemos.»

Esta petição é um modelo de lisongearia, de adulação, de humildade postica, de engrossamento ao velho potentado de todos os tempos infinitamente multiplicado nesta democratica época de potentados! E' o supra-summo do rez-do-chão, é a flor perfeita da maneira de pedir!

Não são entretanto Santa Ephigenia e São Elesbão, os unicos atirados ao secundario papel de advogados. S. Jeronymo, advogado contra os tremores sub-terraneos, tambem o é, tendo como compensação um hymno.

Jeronymo santo, maximo penitente
Rogai por nos a Deus eficazmente
Jeronymo santo, sabio e forte
Assiste-nos agora e na hora da morte.

E S. Simão, que livra do raio não faz outra coisa senão pedir a Deus que fulmine apenas os para-raios, e Santa Barbara, coitada, logo que começa a trovejar tem que pedir a Deus menos barulho para não ouvir este hymno phantastico :

Salve, virgem gloriosa
E Barbara generosa
Do Paraizo fresca Rosa
Lirio de Castidade
Salve o virgem toda formosa
Lavada na fonte da Castidade

Mas as orações são antes de tudo um meio de remedear o mal. Que faz a oração de São Luiz Gonzaga, praticada pelas meninas do Rio

desde o tempo em que a rua Theophilo Ottoni era musicalmente a rua das Violas? Remedeia os males d'amor. Quando uma rapariga cae de joelhos e soluça:

"O' Luiz santo, adorado de angelicos costumes, eu indignissima devota vossa, vos recommendo singularmente a castidade da minha alma e do meu corpo. Rogo por vossa angelica pureza que intercedais por mim ante o Cordeiro Immaculado Christo Jesus e Sua Mãe Santissima Virgem das Virgens e que me perserveis de todo o passado grave, não permitindo que eu seja manchada com alguma noção de impureza..."

Podeis ter a certeza, ó mortaes, que a tentação anda no coração da donzella de tal forma que S. Luiz, apesar de angelico e de santo, chegará fatalmente tarde para a salvar. E assim uma velha senhora solteira que recitar convictamente a oração de S. Lourenço:

Omnipotente Deus, que ao Vosso bemaventurado Martyr S. Lourenço destes esforo para triumphar dos incendios e dos seus tormentos, concedei que se extinga em nós o fogo...

Ah! Deus de bondade! esta pobre senhora, assim velha e assim solteira, está muito mal!

S. Luiz e S. Lourenço entretanto gozam da relativa liberdade de vir quando querem. Santo Onofre porém, pequeno e barbadinho, vive estrangulado no cós das saias das senhoras, para ouvir todas as manhãs esta suprema ironia supplice:

"Meu glorioso Santo Onofre, bispo, confessor de meu senhor Jesus Christo, em Roma foste aos pés do padre santo vos ajoelhar, pedistes pão para as solteiras, pão para as casadas, pão para as viúvas, pão para as donzellas. Pedi para mim tambem que sou sua inquilina. Meu glorioso Santo Onofre vos peço que me deis comida para comer, roupa para vestir, dinheiro para gastar, e graça para vos servir. Amen!"

E Santo Onofre não protesta, não grita, não foge, como S. Sylvestre, educado na humildade evangelica, tolera este lamentavel pedido:

"Valha-me o Senhor S. Sylvestre, pelas tres camisas que veste, no anno de trinta e sete, matastes e feristes e abrandastes os corações dos mouros, as boccas das serpentes. Assim eu abrandarei o coração dos meus inimigos que venham ajoelhar-se aos meus pés, porque Deus que é Deus pode e acaba com tudo que quer, traga teu coração debaixo de teu pé esquerdo..."

Que diz o veneravel Santo a esse coração sem concordancia pronominal mettido miseravelmente debaixo de um pé? Talvez nem saiba a misera crendice, e ande lá por cima, no azul, esquecido da maldade humana... As almas apesar de bemdictas porém, já por aqui andaram, já sentiram o amor, o ciume e o medo e a oração que as incensa é tambem velha e cheia de sandices:

"Minhas almas santas bemdictas, aquellas que são do meu senhor Jesus Christo, por aquellas almas que morreram enforcadas, por aquellas tres almas que morreram degoladas, por aquellas tres almas que morreram a ferro frio, juntas todas tres, todas seis e todas nove, para darem tres pancadas no coração dos inimigos, que elles ficarão humildes a mim debaixo de paz e consolação, a ponto de terem olhos e não me ver, pernas e não me alcançarem, braços e não me agarrarem — para sempre e sem fim."

Os homens, á solta, no recato das alcovas deliram calmamente. Ha gente que antes de sair resa a oração de S. Jorge, para não ser offendido pelos seus inimigos, e a de Santa Catharina para alcançar o perdão dos peccados; ha senhoras que asperjem os cantos da casa com agua benta, disendo a oração da benção das casas que consta de 382 palavras e a oração de Santo Anastacio contra os demonios; ha seres pensantes que trazem ao pescoço a oração de S. Roberto contra os feitiços, oração que segundo o editor estava junto a uma milagrosa carta, achada em um lugar a tres leguas distante de S. Marcos, escripta com letras de ouro e pela mão de Deus Nosso Senhor, Filho da Virgem Maria!

E' pois natural que as almas não se offendam com um máu pedido e que S. Marcos — pobre santo! sorria quando ouvir á meia-noite esta tremenda oração *brava* que lembra as scenas de enfeitamento mediévo:

Chamo S. Marcos e S. Mancos e seu confidente o anjo máu em meu auxilio para se apoderar do meu espirito e vida, juntamente com a pessoa que desejo fazer o mal, ou bem e com o dedo polegar da mão esquerda faço tres vezes o Signal da Cruz e com uma faca de ponta espetada na porta da rua ou mesa, com um lenço ou guardanapo bem alvo direi as seguintes palavras:

Christo morreu, Christo soffreu, Christo padeceu; assim peço-vos meu Glorioso São Marcos, e São Mancos que soffra e padeça os maiores tormentos e torturas deste mundo a pessoa que eu quero para mim e pegando na faca com toda fé e coragem que me dá esta

Oração darei quatro golpes na porta, ou mesa e pela quarta vez chamarei São Marcos e São Manços e o anjo mão, para me dar força e coragem de dizer: "Credo em Cruz" em circulo onde se acha a faca! Amen."

Oh! o poder da palavra pronunciada mysteriosamente. Os homens de todos os paizes, de todas as terras tem-lhe um terror sagrado. Essas orações ainda guardam um sentido mais ou menos claro. A maior parte porém é apenas um estranho jogo de disparates, uma trapalhada allucinante. Ha uma oração contra o sol, que ao lè-la sente a gente a vertigem do desequilibrio:

"Deus quando pelo mundo andou muito sol e calor apanhou, encontrou com Nossa Senhora com que o sol se tiraria com um guardanapo de olhos e um copo d'agua fria. Sim, como fallo verdade torna o sol a seu lugar, vae esta Senhora pelo mar abaixo com o copinho d'agua fria, o mal que ella tem no corpo e na cabeça tire de Deus e da Virgem Maria."

E' exatamente a maneira rithmica o disparate deduzido dos litteratos do Hospicio, e até hoje, se eu percebi que taes palavras são contra o calor, não me foi possivel ainda saber o que quer dizer esta formidavel oração do mar sagrado:

"Mar sagrado, eu te venho salvar, a tua agua te venho pedir para fortuna por Deus para minha casa levar; para que me dê ouro para guardar e prata para gastar, cobre para dar aos pobres."

Como exemplo de estylo desvairado ha entretanto outras quasi tão lindas como as poesias nephilibatas, pela sua dolorosa e obtusa ingenuidade. Está neste caso O Perdão Eterno.

S. José que caminhava com a Virgem Maria
Tanto caminha de noite como de dia
Abre a porta porteiro
Que aqui está a Virgem Maria
Não quiz parir na cama
Nen na cortina.
Pario na mangedoura
Onde o bento boi comia.
Desceram os anjos dos céos, cantando Ave Maria
Subiu para o Céu rezando Santa Maria.
O eterno lhe perguntou, como ficou a parida?
Ficou coberto de ouro o seu bento filho
E o berço em que elle embalava era de ouro e latão
Aqui se acaba esta santa oração.
Quem esta oração rezar 7 sexta-feira, da paixão,
E outras tantas carnaes,
Tem cem annos de perdão,
Se for seu pai, sua mãe, mas toda a sua geração.

Ha na *Illiada* um trecho muito citado e rico de verdades. Homero fala das orações e diz «As orações são filhas do grande Zeus, filho de Kronos. Capengas, zarolhas, feiarronas occupam-se em seguir a Fatalidade. A Fatalidade é robusta e agil. Vae muito adiante fazendo aos homens um mal que as orações remedeiam.» E' destino do homem resar, pedir o auxilio do desconhecido para o bem e para o mal, é sina deste pobre animal, mais carregado de trabalhos que qualquer outro bicho da terra ou do mar, ter medo e desconfiar das proprias forças. A Fatalidade o vae conduzindo por caminhos que são despenhadeiros ás vezes e campos de risos raramente. O homem chora, ergue os olhos para o azul do céu, a menor das suas illusões, povoa-o de forças invisiveis e fala, e pede, e supplica. Que importa que diga tolices ou phrases lapidares, horrores ou pensamentos suaves? E' preciso remediar a Fatalidade.

E é por isso que enquanto existir na terra um farrapo de humanidade, esse farrapo será um moinho de orações, e moinhos, que sob a protecção da estrella dos pastores, neste claro mez de dezembro só deixam o lar depois de juntar as mãos e resar á *estrella do céu* esta cruz de dizeres humilimos:

Desta casa me
aparto em boa
paz boa viagem

Deus adiante, a bella cruz atraz eu no
meio, altos e montes para mim sejam.
Oremos boccas de cães e lobos sejam
feixadas tenham olhos e não me vejam
tenham pernas e não me sigam tenham
bocca e não me fallem tenham braços e

não me peguem
tão guardado me
vejam como a
Virgem Maria
guardou o seu
amado filho des-
de as portas de
Beiem até Jeru-
salem — Amen...

JOÃO DO RIO.



Foi como um sonho....
Na doce paz honesta do casal,
Dormira à espera que, ao chegar do dia,
Seguido de Anjos pelo Céu risonho,
Jesus trouxesse (a lenda prometia)
Esse almejado mimo do Natal.

.....
Accordára, por fim, á plena luz
Que uma serena madrugada encobre
E que o seu lindo Sonho dissipára.
Nada encontrára
Nem boneca, nem Anjos, nem Jesus...
Como é triste o Natal de uma criança pobre!

M. P.

R. AMÔDO

BEMDITOS OLHOS!

Esta pagina é o esforço victorioso de um pobre espirito, crepusculado nas miserias fataes das existencias incomprehendidas, de um ex-escrevente de cartorio. Por vigílias não contadas, elle esculpiu suas phrases, com somnambulizados vagares dos macilentos monges-artistas que eternisaram, na prata valiosa dos alampadarios, as angustias de suas almas; e, como os obscuros mages escaveirados, elle deixou para posteridade de sua *Religião* o idealismo cinzelado de seus sonhos.

« Quem já viu olhos mais lindos?...

Ah! de certo, ninguem os viu tão lindos, dessa mysteriosa refulgencia de onda brava, no encurvo extenso do pincho sobre o areial estendido das praias oceanicas!...

Assim, ninguem os viu jámais! A soberba fulguração de um olho claro de esmeralda engastada, sobre a tumescencia lactea do alto colo de princezas loiras, ou tudo que póde existir de caricia no socego de uma fronde nova, não terão quanto esses lindos olhos tinham de Amor e de Sol!...

E eu que o escreva, e eu que o diga a todo mundo, para que todo o mundo saiba como na obscuridade de uma alma de escrevente desprezível se fórma e se illumina o poema espiritual de um culto escripto na pulsação de cada segundo a cada gottejar de sangue, desde um dia morno de igreja floreada para o ceremonial lithurgico da serena padroeira, em lenho esculpida, que elle apenas vislumbrou no seu nicho de gesso e oiro, rica na envoltura rutila de seus preciosos vestidos régios.

Mas... ó gloriosa Senhora dos Céos! por que negar?... Eu vos lobriguei, eu vos percebi maldistinctamente, nessa festiva manhã da vossa comemoração. Esses lindos olhos me dominavam, me escravisavam com a estranha claridade de sua luz; me

prendiam e me arrastavam pela irresistibilidade da sua mysteriosa côr de onda aberta, espumejante onda de mar livre, que eu fantasiiei na lucidez da imagem suggerida: concava, enorme, verdéa liquescente, reluzindo ao clarão verdineo de uma apothese primaveral, e subita estacada para o esplendor de seu exubero colorido de aguas em massa, á ardentia canicular dos flavos mezes tropicaes.

Mãos, criminosos que elles foram, esses lindos olhos!... Eu os bemdigo.

Em derredor nada mais existia senão elles. Em vão procurei a resignada quietitude das Virgens— ellas me appareciam nos deluimentos dos vagos sonhos atravez uma gaze malva e tenuissima; inutilmente dilatei as palpebras, devague o olhar atonico, vazio, idiotado, pela pompa dos europeis estrelantes, pelos fartos, rubros velludos ornamen-



taes, e elles ficavam na minha retina, insensivelmente, incomprehendidamente, como devem ficar as coisas nos eixos opticos de um bambino ou na impotencia perceptiva dos imbecis. No entanto se o meu olhar parava no olhar daquella *esguia madresilva pallida*, moça em flôr, mas flôr delicada e breve, eu via, fascando no seu iris, a prata esculpida dos altares; bruniduras decorativas das voluta e dos frisos lá estavam scintilando como estrias subtis de topasios britados; e, de quando por quando, n'um volver de cabeça, lento como o suspiroso offêgo de um seio, no lyrial dos seus globos oculares resplandeciam crystaes, logo esmaecendo vagarosos em crepitações mudas; n'uma suave luz de lampada velladora, luz mais suave, mais agoniada que a amargura bruxoleante dos ciriaes accessos... Então, como se os bafos olorosos do incenso, como se a nervosa magoa gemida dos violinos para elles fossem, para elles subissem, esses lindos olhos se toldavam de penumbras veludas do recolhimento e scismas, longe visionam, evocando scenas que eu não sei, que eu não saberei jámais, jámais... O' meu pobre coração sangrado!

Tudo que sei, tudo que conto, é que o cerimoniaoso da gloriosa Senhora dos Céos esteve para mim na lindeza desses lindos olhos verdes; e quando elles se foram eu nada pude ver, á grande luz da tarde, senão uma enorme mancha vermelha, onde dois infusorios de oiro subiam em avanços forçados e rythmicos, surdindo pela fluidez sanguinea do vermelho espaço...

Por que fugiram, se eu tinha os meus olhos cheios desses lindos olhos?

Verdade foi que os não encontrei em nenhum rosto, por mais que os buscasse, notando todos os olhos que por mim passaram; mas, fosse pela obsessão de os ver e muito os desejar, fosse pela aberração estimativa da transparente, maravilhosa tinta que os tornava tão lindos, eu os sentia vivos dentro de minha alma, vivos diante de mim, na ramagem fecunda das arvores, na tranquilidade cyania do mar, mesmo no azul do céu, no incolor molecular do ambiente... E sempre verdes... e sempre verdes!...

Nunca amei tanto esta linda côr verde!

De manhã, assim que a orvalhada começava a lantejoular lagrimando dos tinhorões e roseiraes n'um jardim visinho, batia para os muros as caturras gelosias da minha agua-furtada de telhado velho, e estacava, de bruço ao peitoril, a contemplar, a analysar o rico verde das plantas fecundadas em botões virgineos e desabrochamentos puberes...

Amadas meticulosidades de botanico estudioso, paixões esmiuçantes de cultivador exotico, carinhos attentivos, todas as pacientes, pequeninas observações de estufa e de laboratorios, nasciam no meu intimo, viçando-o como o verde de um campo em maio, trazendo para elle—intimo humilde de humillissimo escrevente de cartorio—o alarma hosanico dos verdes novos da Primavera verdejante.

E, passando horas de espreita analysta, examinando a gamma opulenta desta côr vivente, descobri subtilezas de nuanças, dominantes exageros de tons, que só poderiam chegar á delicada visão de um artista de raça, singular depositario de predilecções investigadoras para a emotividade egoista do seu requinte... Eram os tons de aço temperado nas forjas de Toledo, fino aço de espadim cavalheiresco batido a pulso por Julião del Rey, que esfuziavam, ás vezes, sob o caustico de luz alta, na folha larga, esplanada de um tinhorão agreste; eram os suavismos de rubor, mixto delicioso de espheroides sazoados de jambeiros e verdoengos rebentos de parras, que aguarelavam o grimpante esgalho ornamental das eglantinas; ou n'uma felicidade de folhagem fresca, no saibro roxo do jardim em curva para o recanto discreto dos idylios, o tom verde gaio do gramado, batido rude de sol, deixando para os lados doçuras remançosas de indigo sobre a cava dos ramos... Tudo quanto eu ia vendo e analysando estava, lembrava os lindos olhos da minha esguia madresilva pallida, mais lindos agora pela comparativa forçada do meu entendimento; mais, muito mais lindos agora pelo aroma que se me infiltrava no ser, derruía vigores voluntivos, deleitosamente me inebriava e me trazia ao cerebro uma nunca experimentada sensação voluptuosa de espiritualidades, como se esse aroma se exalasse daquelles olhos n'um extravasamento lascivo de corollas abertas, cedidas ao gozo prolifero do pollen arrebatado ás antheras desejasas...

Ali! meu pobre coração sangrado! que não fiz eu, senhor Deus, que não me cansei para encontrar, outra vez, aquelles lindos olhos?!...

Viu-os uma noite, n'um camarote do theatro Lyrico. Viu-os. Antes os não tivesse visto, bemitos olhos!

Mas eu os queria, eu os buscava na agonia contada de dias sobre dias. E ali os tinha diante de mim. Hoje (tão differentes!), traziam a melancolia de uma onda raza na facha arianta de um mar fechado. Não sei que esvaecimento de tarde crepusculava a esmeralda clara, a preciosa esmeralda desses olhos.

Apenas um momento houve, que os vi brilhar... foi como a phosphorescencia de aguas despertadas, na treva baixa da noite, pelo rasgo inopino e rapido de escamas prateadas de um dorso. Depois, todo o repouso desolado dos verdes obscuros caiu, velou as pupillas scismadoras desses lindos olhos. E toda a noite, a me perseguir se eu baixava as palpebras, se fixava o espaço, fosse na claridade ou na escuridão, era uma grande mancha verde que se estendia diante de mim, onde dois infusorios de prata desciam ao recúos, forçando a fluidez verdinea do isolamento.

.....

Cheguei, emfim! a penetrar na modestissima habitação reclusa da moça senhora dos lindos olhos.

Vassalagem submissa, humilhações recurvadas de escravo, fizeram-me ganhar a singela intimidade da pacata, mansa, burgueza existencia do seu lar.

Nunca reparei bem esta flor sentimental e exotica; e só neste momento, depois de tão longo tempo, é que notava, attento, encolhido á braceira de um velho sofá de familia, a fôrma esvelta, esguia, franzina do seu corpo; com flexibilidades preguiçosas de faceirice e saculejos seccos de tosse na proeminencia tímida do colo, quasi nullo sob o franzido flacido da fazenda dos peitinhos. Quando a tosse acommettia-a-persistente, affligindo-lhe o busto delgado e enfermo, sua bocca — um pequenino coração esmaecido — partia-se soffrega de ar, dilatada, anciante, e por seus olhos entornava-se o Outono dos desalentos, em humidades de invernias proximas, ennevoando, entristecendo o verde claro de suas pupillas cheias de uma intensa saudade de vida não vivida, docemente brumosa de uma côr grisata de folhas fanadas...

Por uma florescente manhã de arrulos e sol, vestiram-na, cuidadosamente, de setinosas brancas nupcias e foram deitar o seu franzino corpo no forro branco-matte do caixão lilaz.

Foi por minhas proprias mãos que a sua cabeça opalina, coroada do alvo floreamento symbolico dos noivados, pousou na attitude impassivel e piedosa das esculpturas em marfim cortadas; e, quando só, em frente á inercia dessa esvelta materia prompta para o ignoto sponsal da terra, comecei a notar, amante e misero, o luar suavissimo dos verdes translucidos que manchava a sua face tranquilla de adormecida eterna, a frieza ossea de suas mãos, a alvura dos setins, veiu-me uma desesperada sau-

dade de seus lindos olhos que pareciam ter transbordada o colorido vivente das pupillas sobre a algidez da sua morta querida.

E não me pude conter... Impellido pela imperiosidade de um desejo, ergui-me, fui debruçar-me, enlouquecido, sonnambulo, sobre o ataúde... N'um gesto brusco, dilatei-lhe ambas as palpebras, e mergulhei, soffrego, o meu olhar vivo no morto olhar desse cadaver virgem...

Para onde vos escondestes raios de esmeralda, viços de arvoredos, iriado mysterioso de ondas?...

Nesse olhar nada encontrei. Baços e inuteis tinham a tristeza abandonada das joalherias falsas... Oh! não, lindos olhos, para mim, possuieis ainda a expressão estagnada de um carinho; luzia a extinguir-se um diminuto raio de Amor e de Sol que ficara suspenso do iris, como um astro parado, pharolando o tormento de uma alma para suspeita consoladora de vigílias...

E a fital-os, diante dos meus olhos alastrou-se o negror profundo do vacuo, por onde dois pequeninos embryões verdes, ao principio luminosos como lapidações raras, depois escuros, fechados á luz, passaram de vagar, boiando, forçando a noite desta visão.

.....

Eu vos perdi, lindos olhos, eu vos perdi!

E vou gemendo na minha alma dolorida e obscura este estribilho, que ninguem entende... Dizem, não sei, que uma crosta esverdeada e feia cobriu minhas pupillas... mas eu só vejo nesta noite aquella florescente manhã de arrulos e sol!... só vejo dois pontos verdes que descem, eternamente, aos recúos ás vezes, palpitando n'agitación informe dos imperfeitos, ou sobem eternamente em avanços forçados e rythmicos, com irradiações de esmeraldas rútilas...

Que me importa o mais? Vivi por aquelles lindos olhos, amei-os, segui-os até que elles se foram para verdejar a natureza nas Primaveraes alacres... E, como elles não existem e eu já não vivo, rólo a minha restante existencia de porta em porta, tacteando muros de antigos caminhos conhecidos, ou guiado pela piedade dos que passam, choramingando supplicas para o resgate das almas soffredoras, levando sobre o iris a crosta da catarata e nos hombros a seda verde da opa esmoler, ambas verdes, ambas ainda da côr daquelles lindos olhos, daquelles bemditos olhos!...

TEMOS hoje a ventura de publicar ineditos do Conselheiro Ferreira Vianna, um dos mais notaveis espiritos que figuraram no Brasil. Orador, jurisconsulto, publicista, philosopho e litterato, salientou-se com grande destaque em todas essas brilhantes manifestações da intelligencia.

Como ironista foi incomparavel. Os seus ditos, as suas anedoctas são lembradas a cada momento, e repetidas, vão se transmittindo com grande successo.

Os ineditos são fabulas de Lessing, vertidas para vernaculo do original allemão. E' interessante conhecer dos mo-

tivos que levaram o Conselheiro Ferreira Vianna a estudar a lingua allemã.

Em sua viagem á Europa o Conselheiro Ferreira Vianna soffreu rigoroso inverno em Paris. Tolido por um frio excessivo não podia sahir á rua.

—Como vingança deste frio terrivel, que faz em Paris, vou estudar o allemão, protestou com fina ironia.

Presentes Eça de Queiroz e Eduardo Prado, que o costumavam frequentar na pensão, á rua Miromesnil, onde habitava, retorquiu Eduardo com o seu habitual humorismo:

—E' uma resolução de alta politica.

O frio passa e o allemão fica para a conquista do Rio Grande, a Allemanha antartica.

Como fructo desses estudos, verteu para portuguez as melhores fabulas de Lessing e contos do Conegq Schmid, que reuniu em dous pequenos cadernos escriptos por seu proprio punho.

Era desejo seu publical-os dedicando-os ás creanças das Escolas Municipaes e da casa de S. José, institutos de sua criação.

As fabulas escolhidas para a versão teem um fundo de ironia facil de se perceber.

✧ ✧ O CORVO ✧ ✧

NOTOU O CORVO QUE A AGUIA CHOCAVA SEUS OVOS DURANTE TRINTA DIAS COMPLETOS E D'AHÍ, SEM DUVIDA,

DISSE ELLE, VEM QUE OS FILHOS DA AGUIA SAHEM TÃO PERSPICAZES E FORTES. BEM! TAMBEM O FAREI. E POR SUA VEZ CHOCOU O CORVO EXACTAMENTE POR TRINTA DIAS COMPLETOS OS SEUS OVOS, PORÉM AINDA NÃO TIROU SENÃO ENFEZADOS CORVOS. ✧ ✧ ✧ ✧

✧ O PASTOR E O ROUXINOL

TÚ TE IRRITAS, VALIDO DAS MUSAS, CONTRA A RUIDOSA TURBA DA CANALHA DO PARNASO? OH! ESCUTA DE MIM, O QUE UM DIA O ROUXINOL DEVEU OUVIR.

CANTA, POIS, AMAVEL ROUXINOL! GRITOU O PASTOR AO SILENCIOSO CANTOR, EM MEIGA TARDE DE PRIMAVERA.

—AH! DISSE O ROUXINOL, AS RÂS FAZEM TAL RUÍDO, QUE PERDI TODO O PRAZER EM CANTAR. TÚ NÃO AS OUVES?

—EM VERDADE OUÇO-AS, REPLICOU O PASTOR, PORÉM DE OUVIL-AS SÓ CULPO O TEU SILENCIO. ✧ ✧ ✧

✧ O CARNEIRO ✧

QUANDO JUPITER CELEBROU A FESTA DE SEU CASAMENTO E QUANDO TODOS OS ANIMAES LHE LEVARAM PRESENTES, DEU JUNO POR FALTA DO CARNEIRO.

—ONDE ESTÁ O CARNEIRO? PERGUNTOU A DEUSA.

—PORQUE NÃO VEM O INNOCENTE CARNEIRO TRAZER-NOS O SEU AFFECTUOSO PRESENTE?

O CÃO TOMOU A PALAVRA E DISSE:—NÃO TE AFFLIJAS, DEUSA, AINDA HOJE O VI, ESTAVA MUITO TRISTE E MUITO SE LASTIMAVA.

—E PORQUE SE LASTIMAVA? PERGUNTOU LOGO A DEUSA COMMOVIDA.

—EU, O MAIS POBRE! ASSIM FALOU. NÃO TENHO LÃ NEM LEITE; O QUE OFFERECER Á JUPITER? SEREI O UNICO A APPARECER-LHE DE MÃOS VASIAS? PREFIRO IR PEDIR AO PASTOR QUE A JUPITER ME SACRIFIQUE.

LOGO, POR ENTRE NUVENS, PENETROU ATE JUPITER UM DOCE PERFUME COM SUPPLICAS DO PASTOR E O FUMO DO CARNEIRO IMMOLADO. E ENTÃO JUPITER CHOROU PELA PRIMEIRA VEZ, SE LAGRIMAS CORREM DE OLHOS IMMORTAES. ✧ ✧ ✧ ✧ ✧ ✧

✧ O CARNEIRO E A ANDORINHA

VOOU A ANDORINHA SOBRE O CARNEIRO E LHE TIROU UM POUCO DE LÃ PARA O SEU NINHO.

O CARNEIRO SALTOU INDI- GNADO DE UM LADO PARA O OUTRO. —COMO SÓ PARA COMMIGO ÉS TÚ MESQUINHA! DISSE A ANDORINHA— CONSENTES QUE O PASTOR TE TOSQUEIE DE MAIS EM EM MAIS, E ME RECUSAS UM PEQUENO CACHO DE LÃ? PORQUE PROCÉDES ASSIM?

—ASSIM PROCEDO, RESPONDEU O CARNEIRO, PORQUE TÚ NÃO SABES TIRAR A MINHA LÃ COM TÃO BOM MODO COMO O PASTOR. ✧ ✧ ✧ ✧

✧ O CORVO E A RAPOSA

FALLOU O CORVO Á RAPOSA—O QUE SERÁ DE NÓS POBRES E FRACOS ANIMAES! O LEÃO SE ALLIOU AO LOBO. —COM O LOBO? DISSE A RAPOSA. É POSSIVEL QUE ISSO SE DÊ! O LEÃO RUGE, O LOBO LADRA, E ASSIM

PODEREIS ALGUMAS VEZES SALVAR-VOS A TEMPO PELA FUGA. MAS DEPOIS, O QUE SERIA DE NÓS TODOS SE VIESSE AO LEÃO A IDEIA DE SE UNIR COM O FURTIVO LYNCE?! ✧ ✧ ✧ ✧

VICE-MÃI

(A Petiote)

Filhinha, quadro divino,
Para mim, é contemplar
O teu irmão pequenino
No cóllo teu se aninhar.

E's tão menina, e cuidado
Maternal, carinhos mil
Vais dando ao recém-chegado
Teu companheiro infantil!

Meu coração se extasia
Nos dois, e a ideia me vem
Da Santa Virgem Maria
Que é Virgem, e um filho tem.

Mãi? Não! A mãe delle e a tua
Mercê dos céus, viva está;
E uma só alguém possúa,
Graça immensa Deus lhe dá.

Mãi? Não! Excessos receio...
Mas, filhinha, com razão
Vice-mãi eu te nomeio
Do teu pequenino irmão.

Petropolis-VI-1905

Affonso Celso.



O NATAL DO ORPHÃO



...E os gallos cantam pela soidão dos terreiros, cantam sempre, cantam, cantam pelos quintaes dos casébres, pelos pomares dos *sítios*, pelas lavouras pequenas, por toda a paz dos humildes, a tremolina branca do Natal!...

O pontilho luminoso de uma só estrella tremeluz e esmaéce, pequeno e claro, na pãina das nuvens...

E' no remoto sombrio, no quieto e longiquo extremo de uma estrada tranquilla, para os lados ruraes.

Sinosinhos tangem, pelo sopé das colinas chamando ás capellas e vindo echoar festivos nas almas simples...

Vêm vóseios de longe, de outros caminhos, de outras estradas por onde os bandos desfilam, por onde o alarme alegre prosegue... Uns bálem como os cordeiros, outros imitam os mugidos tristes, outros, ainda, cocoriam alto...

Ha fogueiras pelos roçados, onde os laranjaes rescendem e as *harmonicas* plangem melancholicas..

Choram violões na distancia, e ponteiam esparsas na noite janellasinhas com luz porque ha consoadas nas mesas, na louça pobre sobre toalhas alvas, com os pães beneditos, com os fructos abençoados, com o vinho de Deus.

E os gallos cantam, cantam sempre, cantam, cantam, sob os alpendres sob os giráus dos engenhos e pela planura dos campos...

Subito, bate alguém fóra...

— Vai vêr, Anna Maria.

E a negra arrasta os pés, descerra a porta, prescruta a noite...

Ninguem!...

De novo, batem —

— Talvez João Paulo.

— Talvez a visinha...

Mas, já a vóz lhes treme, já a superstição lhes penetra os sentidos...

Os dois velhinhos sustam a consoada e entreolham-se e olham, á parede, o retrato da filha morta com as palmas bentas, de Ramos, já seccas, presas á moldura, e olham o neto...

A creança volta os olhinhos surpresos para a entrada.

Outra vez, batem... — pancada branda, mansa, de quem os não quer assustar; mão amiga, nós delicados de dedos, a chamarem com amor, a baterem com cuidados...

O pequeno abandona a sôpa, cheirosa e loura da consoada, todos os annos feita para Anna Maria, sobre os tijolos do alpendre, com os marmellos doirados do pomar; salta léstodo banco, corre aos portaes, abre o batente...

E' a sombra indecisa de uma mulher, á soleira, como uma mancha esbatida na sépia negra da noite; inclina-se, e a creança, sem temor, sobre a ponta dos pés, ergue o corpo; apinha os labiosinhos, engordurados ainda das guloseimas, sonha, oferece o beijo... A sombra acurva, báixa, e na graça sanguinea d'aquelles labios unidos cólhe o pétalo branco d'aquelle beijo innocente; olha-a muito, olha-a triste, da ma-

guada, da indefinivel tristeza de deixal-a; hesita; desfaz-se...

E elle se fica, extatico, no limiar; fitando, absorto, o cerrado negror que vai por fóra, onde a estrella isolada tremeluz e esmaéce, pequena e clara, como um pontilho na névoa, na pãina das nuvens. O ouvido applicado attende os rumores, para elle novos, para elle estranhos!...

Stridulam risadas, frescas e altas, pelos atalhos, a caminho dos altares accesos e dos presepes armados...

Choram, ainda, os violões na distancia, onde pontejam esparsas na noite janellasi-nhas com luz...

Agora, tardia e para além das montanhas, a lua emerge, como uma grande hostia luminosa...

E os gallos cantam, cantam sempre, cantam, cantam, pelas lavouras pequenas, pela soidão dos terreiros, pelos pomares dos *sítios*, pelos quintaes dos casébres, por toda a paz dos humildes, a tremolina branca do Natal!...

LIMA CAMPOS



DOR SUPREMA



Que esta suprema Dor que minh'Alma envelhece,
Que tanto me acabrunha e tanto desalenta,
Que repelle a Illusão, como o Sonho afugenta,
Que não cede ao Clamor, como não cede á Prece;

Que esta suprema Dor que me prende e acorrenta
A' magua de esperar o que nunca apparece,
Que se entranha na Vida e se alarga e que cresce
E de encontro á alegria em lagrimas rebenta;

Seja o meu calmo abrigo, o meu sereno asylo,
Onde minh'Alma vá, toda branca e alquebrada,
Buscar o pouso e a paz para um viver tranquillo.

E que exurja da tréva em que agora ando immerso
Para eterna viver aqui, marmorizada
Na tristeza immortal da Lagrima e do Verso.

MARIO PEDERNEIRAS

Nov. 1905.

RAUL
1905

O ESTADO LIVRE DE BREMEN

E O SEU

PRIMEIRO MAGISTRADO

DESTE succinto e desataviado artigo propomos descrever em rapidos traços a historia do Estado livre de Bremen, nas suas manifestações sociaes de maior importancia, concluindo por apresentar, como remate de subito brilho, a figura primacial do seu primeiro magistrado, o burgo-mestre, Dr. Pauli, uma das organizações mais completas de verdadeiro homem de Estado e um dos caracteres mais austeros e rectos que conhecemos.

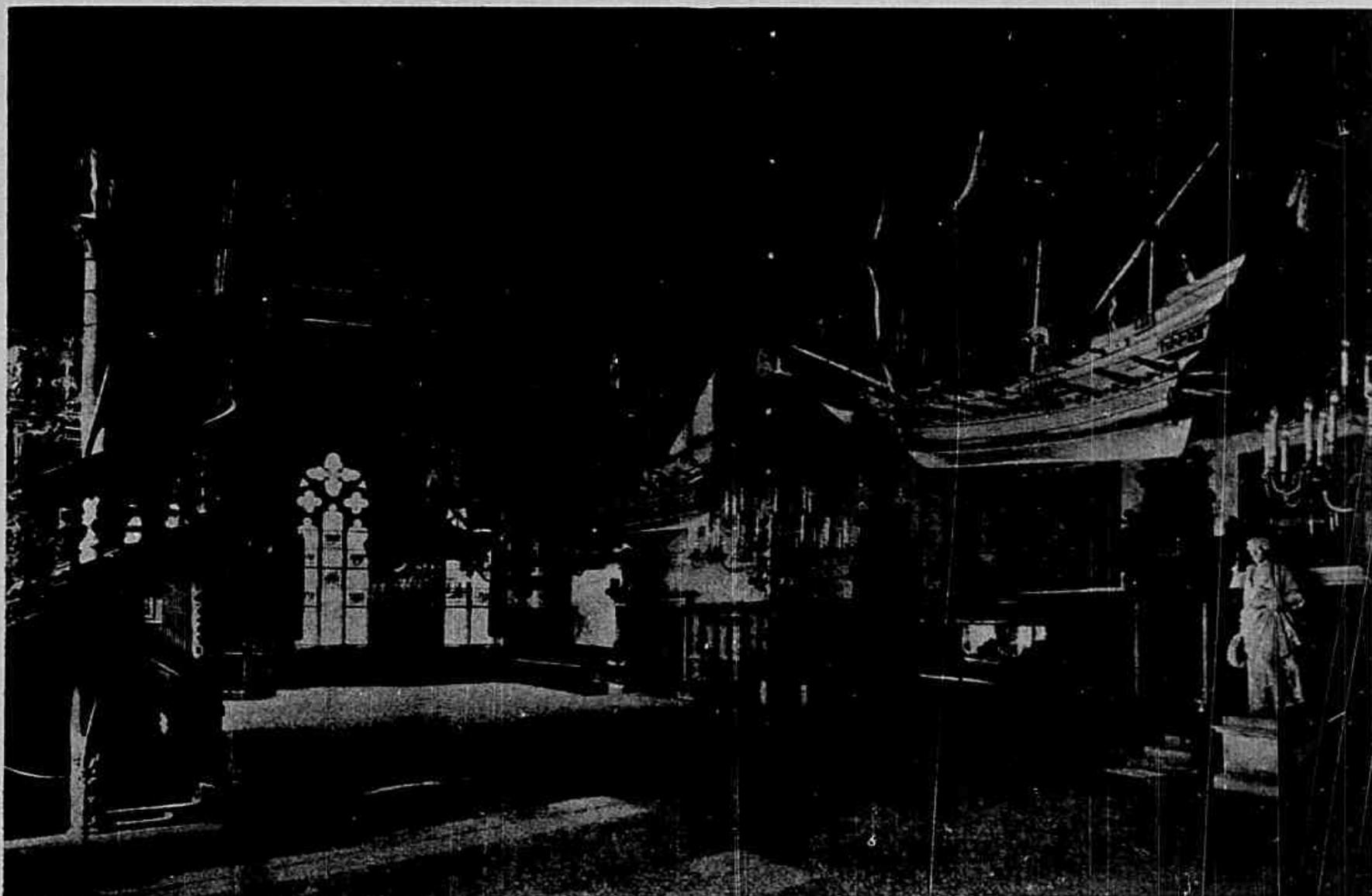
Antes, porem, seja-nos licito, fazer um ligeiro bosquejo historico das origens e desenvolvimento da *Hansa*, essa grande associação commercial, que por tão longos annos dominou os mares e os povos do norte e leste.

A liga, associação ou confederação designada sob esse nome foi constituída no XIII seculo pelas mais importantes cidades mercantis da Allemanha,

e teve como origem as associações que os commerciantes allemães constituíam no estrangeiro, afim de se prestarem mutuo auxilio. N'um dado momento, porém, as injustas e violentas exacções dos grandes e pequenos principes e as correrias de bandoleiros e piratas que, mais ou menos protegidos por aquelles, assaltavam os comboios nas vias terrestres e fluviaes, originaram a necessidade de os commerciantes se agruparem no seu proprio paiz, para a defeza dos seus interesses.

As cidades de Hamburgo, Bremen e Lübeck, que maior importancia commercial tinham alcançado, foram as primeiras a comprehender a necessidade de se associarem para proteger a navegação do Elba e do Weser, e fazer frente ao inimigo common, personificado no rei da Dinamarca. E assim, em 1241, pactuaram uma liga ou *hansa*, em que se comprometiam a uma mutua defeza e protecção.

O exemplo fructificou. Dentro em pouco solicitaram o seu ingresso na liga varias outras cidades, e, em 1260, celebrava a *Hansa* a sua primeira dieta ou assembléa em Lübeck, cidade que foi considerada capital da confederação. D'ali em diante continuou a Assembléa a reunir-se n'aquella cidade, de trez em trez annos, nos dias de Paschoa, sendo variavel, conforme as épocas, o numero das cidades hanseaticas que enviavam representantes. Esse numero, porem, nunca excedeu de oitenta e cinco.



VESTIBULO DO RATHAUS



BOLSA DE ALGODÃO

Entre 1250 e 1278 fundou a Liga grandes feitorias, armazens ou depositos em Londres, Bruges, Novgorod e Bergen. A sua constituição, redigida em Colonia no anno de 1364, deu-lhe maior unidade, ficando cada cidade obrigada a manter certo numero de soldados e de navios de guerra, embora, lhes fosse facultado reunirem, no todo ou em parte, semelhante encargo por meio de uma determinada quantia em dinheiro.

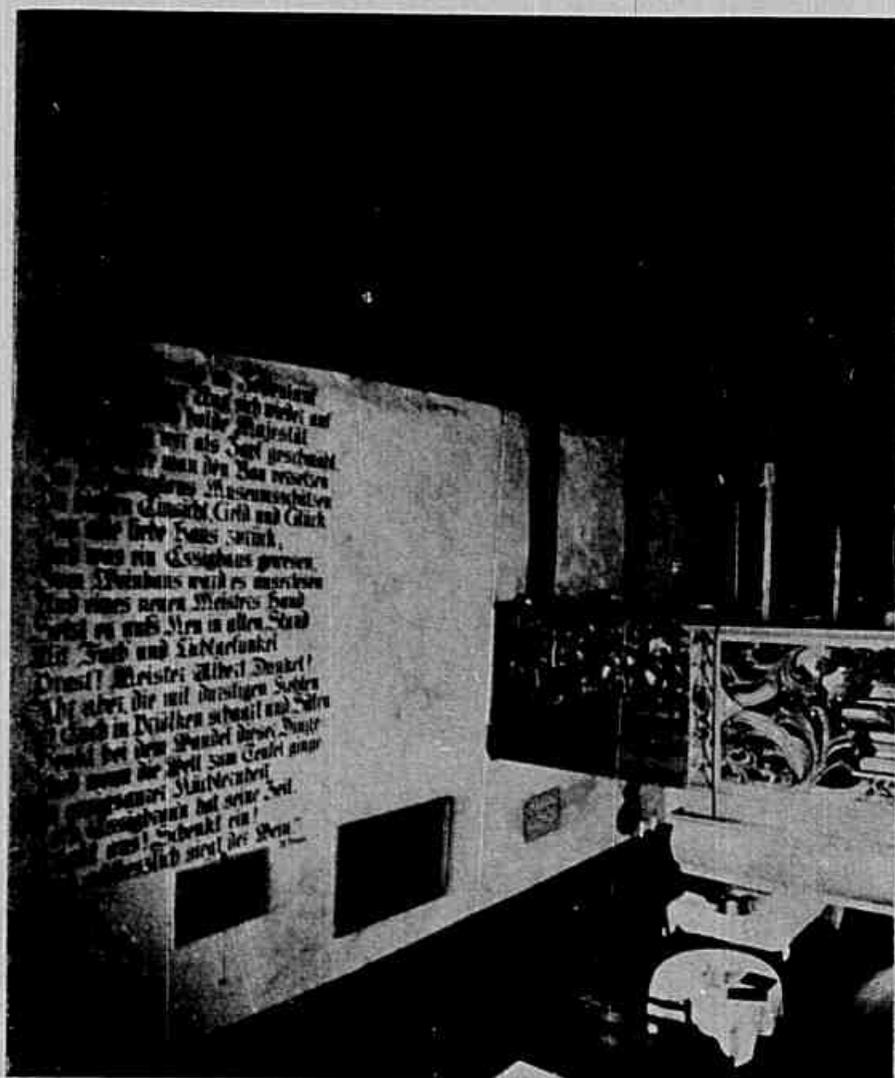
A jurisdicção exercida pela Liga era das mais effectivas, estando sob a sua exclusiva protecção todos os empregados e trabalhadores das feitorias no estrangeiro. N'estas feitorias levava-se a disciplina até o extremo de se impôr o celibato aos chefes, feitores e commissarios.

Apezar de nunca ter conseguido ser reconhecida solemnemente pelos imperadores, o prestigio e consideração da *Hansa*, principalmente depois da conquista, que fez, do sul da Suecia e da Dinamarca em 1367 e da ratificação que lhe foi concedida na escolha dos soberanos deste ultimo paiz, elevaram-se tanto que na Inglaterra, Dinamarca, Suecia e Russia foi eximida do pagamento de direitos de importação; e, como as suas riquezas, exercitos e esquadras a dotassem de grande influencia politica, tornou-se esta palpavel em varias occasiões, quer triumphando dos reis Erico e Hacon, da Noruega, e de Waldemar III, da Dinamarca, quer depondo Magno, rei da Suecia, e dando a sua corôa ao duque Alberto do Meklemburgo, e, finalmente, equipando,

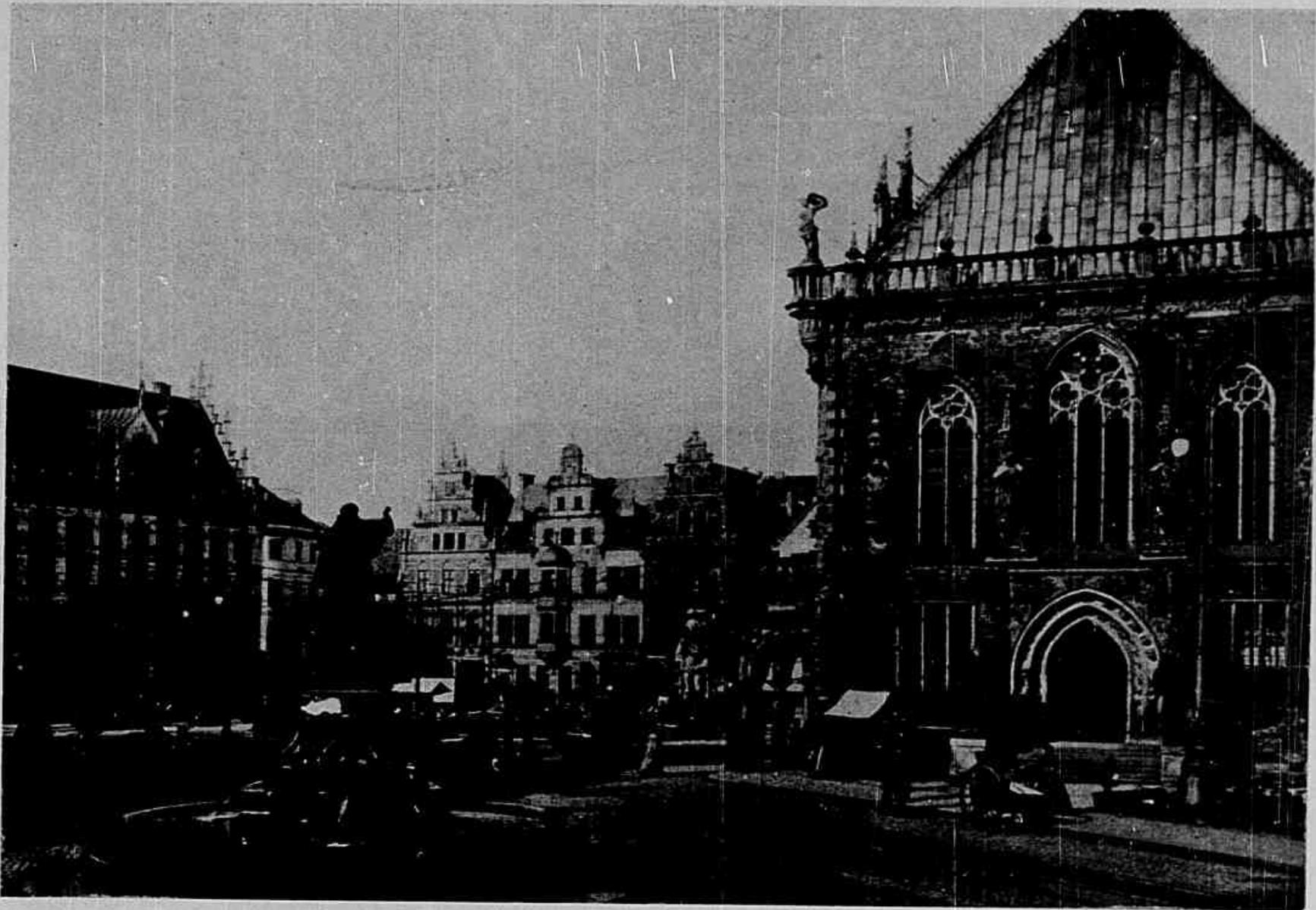
em 1428, uma frota contra Copenhague, composta de 248 navios e 12.000 homens de desembarque. A' sombra do seu grande poderio, celebrou tratados com a Inglaterra, expurgou de piratas os mares do Norte e Baltico, construiu canaes e abriu novos caminhos ao commercio interior.

O seu direito maritimo, iniciado pelos estatutos de Hamburgo de 1276, só foi integralmente publicado em 1614, quando já havia tempo que, em consequencia do descobrimento da America e do novo caminho maritimo para as Indias pelo Cabo da Bôa Esperança, ficára muito reduzida a sua importancia mercantil, por se haverem separado d'ella quasi todas as cidades. Este facto explica o terem concorrido á ultima dieta de Lübeck, celebrada em 1630, apenas representantes desta ultima cidade, de Hamburgo e de Bremen, com adhesão da de Dantzig.

Desde esta ultima assembléa, que marca a sua definitiva decadencia, a historia da *Hansa* carece quasi em absoluto de interesse e parece-nos bastar o que fica dito para, ao encetar a pequena resenha geographica, historica e politica de Bremen, que n'ella desempenhou um papel tão preponderante, fazermos notar que todo aquelle passado de opulencia, poderio e aventuras deveria forçosamente influir na formação do character do commerciante allemão, que faz tributarios da sua actividade os mais longinquos pontos do mundo.



INTERIOR DA CASA MAIS ANTIGA DE BREMEN



PRAÇA DO MERCADO

O pequeno Estado conhecido sob a denominação de *Livre e Hanseatica Cidade de Bremen*, tem de superficie uma extensão de 256 kilometros quadrados, ou sejam exactamente 25642 hectares, dos quaes a capital occupa 5336, Bremerhaven 292, Vegesack 70, o campo 19575 e o leito do Weser 359. Os seus limites tocam as provincias do Hannover e o Gran Ducado de Oldemburgo.

A capital está situada entre 53°4'15" e 53°5'30" latitude N, 8°46'39" e 8°50'12" longitude E (Greenwich) e occupa ambas as margens do Weser a uma distancia de 120 kilometros da sua fóz e de 70 do ponto onde pódem ancorar os navios de maior calado—Bremerhaven, o porto dos grandes transatlanticos.

Segundo a tradição, Bremen foi fundada, antes de Carlos Magno, por um grupo de pescadores foragidos da sua patria, d'onde tinham sido desterados com suas mulheres e filhos. Andavam em busca de um sitio appropriado para organisarem um novo lar, quando descobriram uma gallinha, que, seguida pelos seus pintainhos, cacarejava nos brejos da margem do rio, e, tomando o facto como um signal de fartura e bom agouro, desembarcaram e emprehenderam a construcção das suas pobres choças no mesmo logar que a cidade hoje occupa.

Nos fins do seculo VIII, sendo Bremen uma simples aldeia de pescadores, foi elevada por Carlos Magno a residencia de uma séde episcopal, que longos annos depois se converteu em arcebispado, regido por Ansgario, arcebispo de Hamburgo, expulso d'esta ultima cidade quando destruida, em 847, pelos piratas normandos.

Bem cedo adquiriu Bremen consideravel importancia, tomando parte activa em todos os acontecimentos da época, taes como as cruzadas, a creação da Ordem Teutonica, e a colonisação das provincias do Baltico.

Pouco depois de fazer parte da *Liga Hanseatica*, celebrou um tratado com o seu arcebispo Gisalberto, em virtude do qual este se obrigava a occupar-se unicamente dos assumptos espirituaes da sua archidiocese, abandonando o poder temporal ás autoridades civis. Durante os XIV e XV seculos, porem, repetiram-se as luctas intestinas entre os prelados e o elemento secular, aggravadas pela defeza contra os ataques dos piratas até que em 1522 o arcebispo e a maior parte dos cidadãos se declararam pelo protestantismo, tomando parte importante na sua defeza e resistindo victoriosamente a dois cêrcos do exercito imperial.

Com a paz de Westphalia (1648) a archidiocese foi secularisada e convertida em um ducado, que

passou ao poder da Suecia. N'uma guerra posterior foi conquistado pela Dinamarca, que o vendeu ao Hannover juntamente com o ducado de Verden, ficando a constituir parte da provincia hannoveriana de Stade. Durante esse periodo de vicissitudes, conseguiu, comtudo, fazer valer os seus direitos, até que, em 1731, solicitou e obteve do Eleitor do Hannover o reconhecimento da sua independencia.

Incorporada na França Imperial em 1810, foi durante trez annos a capital do *Departamento das Bocas do Weser*; mas restabelecida a sua independencia no Congresso de Vienna de 1815, começou a fazer parte da Confederação Germanica, e, em 1866, adherio á nova Confederação dos Estados Allemães do Norte, com os quaes mais tarde se fundiu no Imperio Allemão (1888).

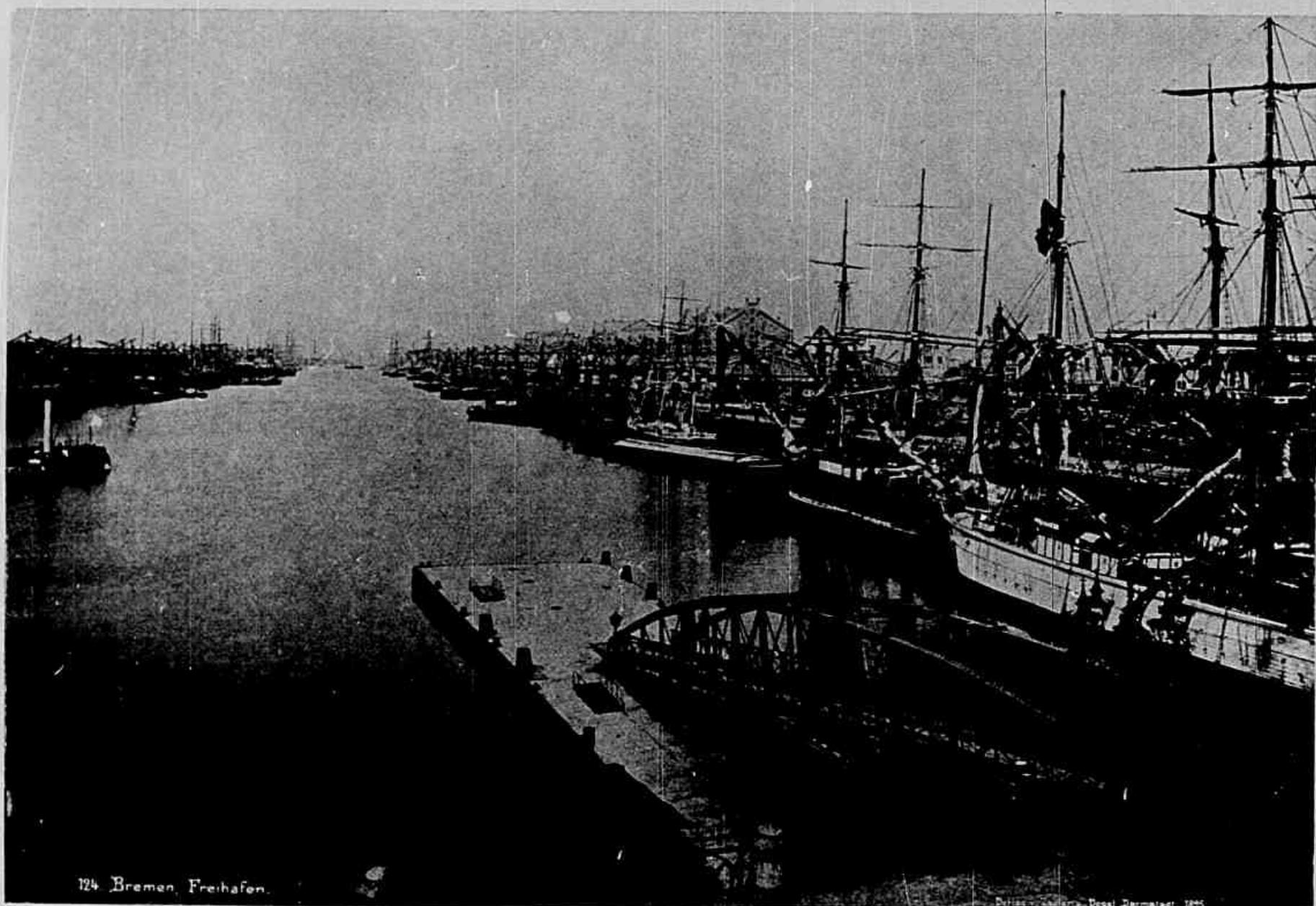
A Constituição, promulgada em 1854, é republicana, conforme dizem com orgulho os bremenses, e, de accôrdo com ella o poder executivo dimana do Senado.

Existem dois corpos deliberativos: Burguezia (*Bürgerschaft*) e o Senado, e a Camara de Comercio tambem tem determinadas funcções consignadas na Constituição.

A *Bürgerschaft* compõe-se de 150 cidadãos eleitos por um periodo de 6 annos, renovados por metade em cada trez annos os seus membros, que são reelegiveis.

O Senado é composto por 16 senadores vitalicios escolhidos da seguinte maneira:

A *Bürgerschaft* propõe 3 candidatos, dentre os quaes um é eleito por maioria absoluta, em votação secreta da Commissão especial de cinco membros



124 Bremen, Freihafen.

Deget, Darmstadt, 1895.

PORTO FRANCO DE BREMEN

O estabelecimento da independencia de Bremen, com o titulo de *Livre e Hanseatica Cidade*, deve-se ao burgomestre Yohann Smidt, que foi igualmente o fundador de Bremenhaven (1827), sem cujo porto Bremen, com uma situação tão pouco favoravel e a tão longa distancia do mar, jamais alcançaria a importancia que tem actualmente.

do Senado e de igual numero da *Bürgerschaft*, previamente eleita para esse fim.

Dez senadores devem ser doutores em direito, e trez, commerciantes. Para os trez restantes não se requer profissão especial.

O Senado nomeia, de entre os seus membros, dois *Bürgermeister*, por espaço de quatro annos, e

a sua presidencia é exercida por estes, alternando annualmente.

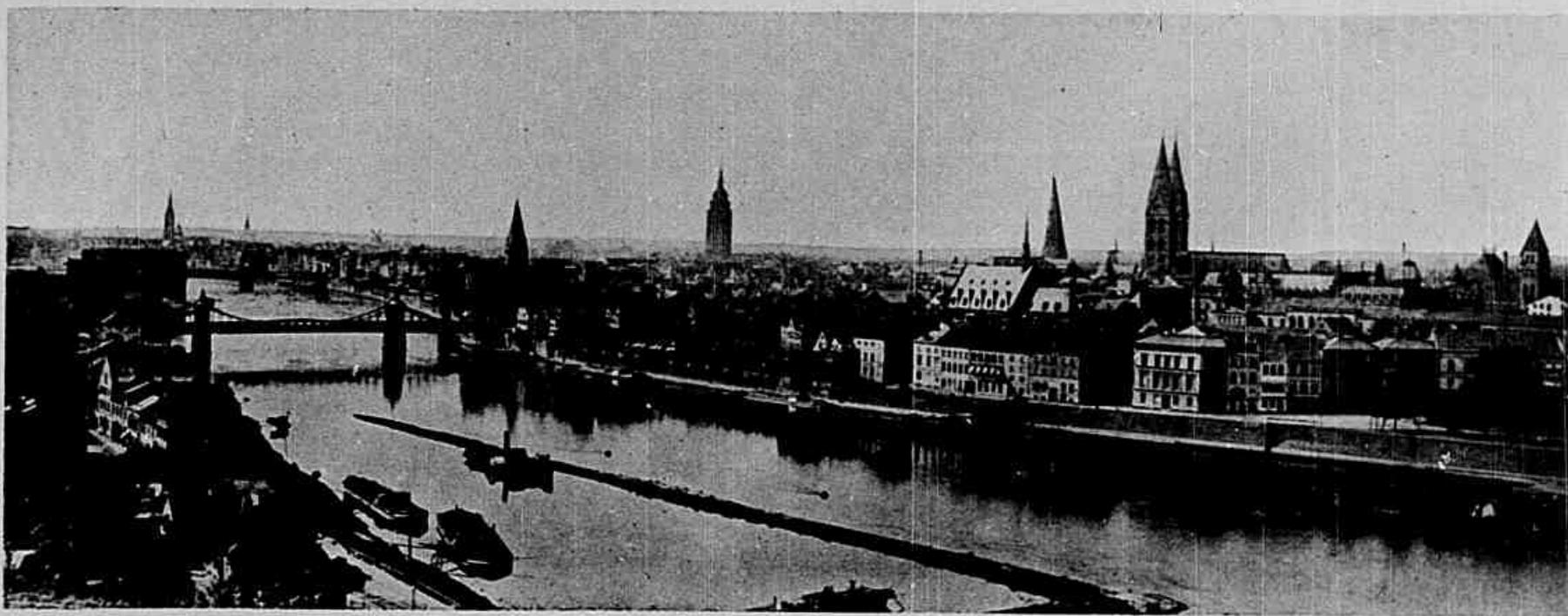
Os senadores que por incompatibilidade legal são forçados a abandonar as suas profissões, teem direito a um subsidio annual de 14.000 marcos. Os que não se acham comprehendidos n'esta hypothese percebem annualmente 9.000 marcos. Os que resignam o mandato, antes de completos 20 annos de exercicio, gozam de uma pensão correspondente a metade de seu subsidio; os que, porem, excedem esse tempo teem direito a trez quartas partes. Aos *Bürgermeister* é concedido um subsidio addiccional de 3.000 marcos quando presidem ao Senado e, no caso contrario, o de 2.000 marcos apenas.

Bremen tem representação no Conselho Federal do Imperio (*Bundersrat*) e elege um deputado ao Reichstag.

ser cunhadas 20.000 moedas de ouro de 20 marcos; 20.000 egualmente de ouro de 10 marcos; 50.000 e 100.000 respectivamente de 5 e 2 marcos, prata. Por emquanto, porem, apenas foram postas em circulação as de dois marcos.

Desde a unificação do Imperio Allemão é esta a primeira vez que o Estado de Bremen usa do direito de cunhar moeda, que lhe é conferido, como aos demais Estados, pelo § 5º da lei geral de 4 de dezembro de 1871 (cunhagem de ouro) e § 2º da lei de 9 de julho de julho de 1873 (cunhagem de prata).

Em 30 de abril de 1872 foi publicada a resolução das duas camaras deliberativas de Bremen, mandando retirar da circulação a moeda corrente, cunhada em virtude das deliberações de 19 de setembro de 1857 e 25 de julho de 1870, fazendo



VISTA GERAL DE BREMEN E DO RIO WESER, MOSTRANDO A CIDADE VELHA DO LADO OPPOSTO DO RIO

A divida publica do Estado attinge a somma approximada de 200.500.000 marcos, que paga um juro entre 3 e 4 1/2 0/0, segunda época dos respectivos titulos.

A população de Bremen é de 224.882 habitantes, ou, 877 habitantes por kilometro quadrado e o seu ordinario é de 60 milhões de marcos, approximadamente.

A marinha mercante bremense possuia em 31 de Dezembro de 1847 apenas 279 navios, arqueando 68.817 toneladas entre os quaes 5 a vapor com a lotação de 2.670 toneladas. Em 1º de Janeiro proximo passado o numero de seus navios elevava-se a 635, arqueando 981.739 toneladas, sendo 333 vapores com 825.499 toneladas brutas e 693.892 de registro, liquidas.

Nos primeiros dias de janeiro do anno corrente foram lançados em circulação as novas moedas de M. 2 do Estado de Bremen, mandadas cunhar por deliberação da *Bürgerschaft* de 27 de junho, approvada pelo Senado em 8 de julho do anno preterito. Ee accôrdo com semelhante decisão, devem

entrar em circulação as moedas estabelecidas pela citada lei imperial de dezembro de 1871 e designando como unica moeda legal, desde 1.º de julho em diante, a imperial, de ouro, ou as de prata, de trez marcos, (Thaler) dos Estados allemães, cunhadas de accôrdo com a convenção de Vienna de 24 de janeiro de 1857.

Embora desde o anno de 888 Carlos Magno concedesse ao Bispo Rembert autorisação para fundar em Bremen uma Casa da Moeda, só em 966 receberam os aacebispos bremenses ordem imperial para cunhar moeda propria.

Aos numismatas brasileiros, que quizerem aprofundar este assumpto, só posso aconselhar a leitura da interessante e documentada obra de Hermann Jungk, *Die Bremischen Münzen*, publicada em 1875.

* * *

Esriptas estas resumidas linhas sobre o Estado Livre de Bremen, apontado a largos traços as suas principaes fontes de riqueza, enunciados os principaes titulos de nobreza que o acompanham nas

diversas vicissitudes porque passou a sua historia, seja-me licito apresentar agora ao leitor, como o mais digno fecho d'este despretencioso artigo, uma figura veneranda, não só pelos longos annos de uma vida sempre dedicada ao engrandecimento do seu paiz, mas pelo aspecto nobre, altivo e alevantado porque se impõe a todos os que tem a ventura de o conhecer.

Refiro-me ao respeitavel Dr. Alfredo Dominicus Pauli, descendente de uma das mais antigas e mais distinctas familia de Lübeck, (outr'ora a primeira, actualmente a terceira das cidades da Hansa). O primeiro magistrado da Livre Hanseatica Cidade de Bremen é hoje quasi um octogenario. Occupa com singular brilho e respeitabilidade o importante cargo de Presidente do Senado de Bremen, e representa ha mais de 15 annos o Estado no Conselho Federal do Imperio, onde a sua voz é sempre escutada com manifestos signaes de profunda attenção e respeito, pela sua opinião deveras autorisada nos mais importantes e momentosos negocios da publica administração.

Nasceu em 7 de agosto de 1827, e descende do celebre jurisconsulto, Pauli, Conselheiro do Supremo Tribunal de Appellação da Cidade de Lübeck, séde do unico Tribunal superior commum ás cidades hanseaticas até o anno de 1879, em que foi promulgada a legislação geral judiciaria do imperio allemão.

Concluidos os estudos secundarios em 1846, começou o Dr. Pauli a estudar jurisprudencia em lena, seguindo pouco depois para Berlim, onde assistiu, em Março desse anno, aos acontecimentos tumultuosos que abalaram a capital prussiana. Ao rebentar a guerra entre a Prussia e a Dinamarca, abandonou Berlim, domiciliando-se durante algum tempo em Holstein. Só em fins de 1849, depois de cumprir, como militar, os seus deveres para com a patria, é que o Dr. Pauli completou os seus estudos juridicos em Goettingen.

Em 1852, perante o Tribunal Superior de Lübeck, subjeitou-se ás provas de habilitação, e, competindo-lhe o direito de se considerar cidadão de qualquer das cidades livres como filho, que era, de um dos membros do Supremo Tribunal commum ás mesmas cidades, escolheu Bremen para

campo da sua actividade e foi desde logo considerado procurador do Tribunal Superior e, desde 1854, eleito para a *Bürgerschaft*.

Em 1854 foi nomeado Procurador do Estado e, quatro annos depois, Director do Tribunal Criminal, sendo elevado em 1870 a membro do Supremo Tribunal. Em 1879 foi eleito Senador, uma das mais altas aspirações do cidadão bremense.

Finalmente subiu ao elevado cargo de burgo-mestre em 1889, occupando com a maior energia, competencia e honorabilidade essa posição tão cheia de trabalhos e responsabilidades.

Sua Magnificencia—pois é este o titulo que lhe compete na hierarchia hanseatica—foi sempre um dos membros mais activos do Senado, no qual desempenhou as mais diversas e uteis commissões.

Actualmente, além de lhe caberem as direcções supremas dos negocios internos e dos externos do Estado, preside á commissão dos negocios commerciaes, que é para Bremen incontestavelmente a de maior relevancia, com uma actividade e um assiduidade muito notaveis em quem tão longos annos tem já de serviço publico.

Mas é que o Dr. Pauli realisa perfeitamente o aphorismo romano—*Mens sana in corpore sano*—e era de admirar—e, direi mais, de invejar até—vêr, por occasião da inauguração do monumento a Frederico III, ha pouco realisada com a assistencia do supremo dirigente da nação, e n'uma tarde de ceu encoberto e vento agreste, o aprumo e correção com que larga e substanciosamente discursou, em face do imperador e de toda o sociedade bremense, que

assistiu á cerimonia e teve occasião de o ouvir de o applaudir calorosamente.

Ao concluir este artigo os nossos votos são porque a cidade de Bremen continue por longos annos a contar no numero dos seus cidadãos mais prestantes este ancião, cujo character moral honra e dignifica a collectividade que tem a dita de o contar como um dos seus membros.

Maio de 1905.

DARIO FREIRE.

(Consul do Brasil em Bremen).



DR. PAULI



MUITO escancarado para o pôr do sol, em uma tonalidade amarellada de souto no outomno,—feio, secco, ruim como um chavasqueiro, o Campo do Clemente da Arrifana começava á orla seixosa de um comoro cujo solo—todo nodoso das raizes bravias das togeiras e urzes—era tão máo, tão amaldiçoado da natureza, que não produzia ao menos herva para apascentar a pobre grei de um caseiro modesto.

«Uma leira do Inferno, aquelle monte!» como bramia, d'olhares ferozes, punhos tesos, a gente crendeira dos sitios.

E era-o, eu vol-o affirmo, não só pela sua esterilidade perpetua como por, passo a passo, á noite cerrada de breu, apparecer lá um bando de bruxas, cujo tripudio gentilico, deli-

rante, era rhythmado com candeias em labarenda e sapateado em torno de caldeirões cheios de azeite estuante, promptos para receberem, como minotauros, corpos de creancinhas roubadas; sacrificio este, que as sibyllas mais farfalladoras praticavam, quasi sempre, sob palavras altas, loucas, prenhes de odios, contra as mães precatadas que não deixavam sahir os pequeninos filhos do regaço.

A termos que se pode dizer: «De tal mãe, tal filho». Porque o Campo, a despegar-se desta terra como o filho de um ventre execrando; por mais que recebesse o estrume, o arado, a semente, o sacho, a rega, a monda, e, para a grande fecundação, as chuvas bemfazejas, os sóes vivificadores; por mais que a filha do Clemente—de um trigueirinho das filhas

de Israel e muito frequentadora dos altares—rogasse aos altos céos, fazendo este anno penitencia no Sameiro, aquelle em S. Torquato, estava sempre enguiçado, era sempre ingrato, o maldito! nunca chegava a dar cogulo á pequena tulha ou medida ao exiguo lagar do lavrador: umas occasiões, nas de fartura, dez razas de milho, cinco de feijão, tres de centeio, menos de trigo... E uvas? Nem meio lagar, nem duas dórnas! Noutras occasiões, ainda era peor.

Em uma manhã enregelante de janeiro, estava o Clemente muito entretido, a amanhar uns bacellos, quando viu subito perto de si Antonio Sacrista. Depois de o saudar com ares palreiros e alegres, ares de quem pensa mais no fausto da Igreja do que na desgraça, que anda, triumphante, cá por fóra, principiou o Sacrista por dizer que havia razão de sobra para o Campo fecundar tão pouco, ser assim tão prejudicial.

—Não se lembrava elle, Clemente, de que aquella terra havia sido disputada, durante um horror de tempo, com pederneiras á cara e justiça na frente, ao seu maior inimigo desde a guerra de Maria da Fonte?!

E por ultimo, debaixo de uma desgarrada arreliante de riso sardonico:

—Ora, Arrifana, se o Campo foi regado com-a sangueira do homem que perseguiste e mataste com rancor, certamente que as suas terras ficaram perdidas, para todo o sempre amaldiçoadas!

E logo o lavrador, derreado por aquella logica titanica, se enrodilhara na sua simplicidade, na sua tibieza espiritual de labroste, e se lembrara, após, dessa execravel demanda, mais do assassinio, de que sentia o remorso a espicaçal-o a todo o instante. E, todavia, ao haver o Campo por direito, depois de tamanho dispendio com os homens da justiça, e de rondar, noites sobre noites, a terra litigiosa, não se lembrára—por Deus!—de que elle trouxesse consigo, como estrume lethal, o virus, a truculencia do seu ex-dono indevido, esse Theodoro Lobo, tão repleto de mãos olhares, de más palavras, de peiores acções.

Emfim, que o Sr. Sacrista e todos falassem o que quizessem das ruindades eternas do Campo; mas que, por quem eram, não lhe tocassem mais, nem de raspão, no nome desse homem; por que cada som que lh'o fizesse recordar, seria uma punhalada que recebia em cheio no peito!

Clemente era viuvo, pae desse lyrio do Pantheismo, Emma,—ou Moirinha da Arrifana, como a tratavam.

De superstição pessimista, muito amigo de cumprir os seus ajustes—portanto, sempre attento no amanhã, o lavrador via-se louco, um ser arrenegado, quando a moeda lhe escas-

seava; caso que o levara a só pensar na renda mesquinha do seu trabalho, na sua ruina constante, firme, que, como um peccado penenne que nem as rezas e as penitencias diarias apagam, o minava ha tantos mezes, annos, e quem sabia? talvez o levasse á tumba...

A filha, quando o achava a arrastar-se por esta via-sacra, as meninas dos olhos muito humildes, soffredoras como creanças descalças entre tojaes, procurava, um espargir dulcoroso de riso e encantos, guial-o para o Eden, para a Felicidade, fazel-o ditoso ao menos por minutos, segundos.

—Deixa-te disso, dessa illusão bondosa, Emma... Eu bem sei que maldição soffro.

Só acabará, ouves, meu anjo? quando a terra me esconder. Bem o sei; e o culpado... Ah, o culpado! é o nosso Campo, este excomungado, que só nos sabe dar trabalho de moiros!

Transida de martyrio, Emma calava-se ante tal crença do pae; e no fim, mudos, ambos estacavam os olhos humedecidos no chão.

Era neste momento que a idéa supersticiosa do lavrador corria delirante, magoada, por sobre o extendal da execração do Campo.

Vinham os lindos, claros céos da Primavera—pensava—e, cheios de pena, toldavam-se nas alturas do Campo; voltavam em molodias argenteadas, as aves do exodo invernal e, julgando-os peçonhentos, não procuravam os galhos das suas arvores e o painço das suas margens; passavam por baixo dos pampanos, de ganchas em punho, os rapazes amigos do furto e não se resolviam a arrancar um cacho, embora bem violaceo; echoavam nos campos d'alem as cantigas alegres, mysticas ou elegiacas das raparigas na monda, e o vento, que tudo conduz, e as levava aos outros ares, espancava-as logo que chegavam aos seus muros; apparecia o phyloxera e era as suas vides que mais atacava; vinha a secca e, como lingua de fogo, crestava-lhe todos os verdores; cahiam as geadas e, enquanto que nas outras terras alastravam delgadas chapas diaphanas, nas do Campo estendiam grossas lages opacas; chegavam os equinoxios e era nelle que despejavam, ruidosamente, as mais pesadas cargas de agua, graniso, e os mais derrocadores ventos.

Depois a visão tormentosa do Clemente fugia até a degeneração diabolica, terrivel, da seara: e via a seara de alliança indissolúvel com Theodoro Lobo, sempre a vingal-o, sempre iniqua para o novo dono, dando silvas e ortigas por todos os cantos, tojo em lugar de trigo, braços mirrados em vez de frondes viçosas, aos galhos dos salgueiros, castanheiros e carvalhos.

Mas, empedernidas um dia as suas visões dolorosas, Clemente colheu esperanças: co-

lheu-as na plenitude do viço; e então, todo em alegrias e projectos grandiosos, foi uma vez surprehender a filha na réga.

—Pela agua que corre na sanja, Emma, vejo que estás a fazer boa rega. Réga, minha filha, réga, a ver se temos boa ceifa este anno.

—Quem déra! Mas, qual! estou a ver que será como a dos outros annos, meu Pae: p'ra ahi um migalho, que não dará nem p'ra meio anno do nosso sustento! Já estamos nas ultimas régas, com os pendões a sahirem, e olhe só p'ra estes milhos: fraquinhos, fraquinhos.

Coisa assim!...

—Tem fé, rapariga, e verás que os céos nos hão de despejar grande fartura este anno: fartura que nos ha de dar p'ra um grande passeio á cidade e p'ra certas mercas; tem fé e verás, meu encanto, que nem sempre os olhos estão molhados de lagrimas, como nem sempre a escassez anda com o necessitado. Queres ver um prenuncio da nossa proxima fartura?

—Ah!... mostra-m'o!... Aonde?

—Por cima da ribanceira. Lá está a macieira toda carregadinha, a fazer-nos negaças com uns fructos muito vermelhos, muito... saboridos, porque eu já os provei.

—Mas...

—Mas..., digo eu, deixa lá esses malditos *mass*, e logo que acabares daqui vae buscar-me um avental de maçãs, das mais coradinhãs e appetitosas,—d'aquellas, percebes? de fazerem inveja ás faces da Deolinda da Quinta, conhecidas por cá como as mais provocadoras dos beijos...

—Ora, deixe-se de graças! E, com'assim, já que me lembrou o nome d'ella... Ahi vae uma novidade: o José do Alpendre pediu-a hontem.

—Boa te vae, tolinha... E tens pena, inveja?

—Bem sabe. Eu...

—Sei. Mas agora—adeus minhas encomendas e meus amores!—não tens outro remedio senão... esqueceres os arrulos. E, p'ra acabarmos: logo á merenda, as maçãs na toalha de estopa; percebeste? Mas, ouve: cuidadinho ao trepares; olha, que aquella ribanceira é um precipicio, a guela escancarada da Morte!

Como o sol, rutilo e jocundo, já estava a prumo sobre a terra abrazadora de agosto, Emma, posto com lagrimas correndo pela tez de centeio e o coração torturado por causa

do casamento proximo, com outra, do José do Alpendre, não tardou a ir ás maçãs.

A' borda do Campo, irrompendo d'entre dois castanheiros novos e folhudos,—bella de verdor e rubro, a macieira ostentava-se sobre um ribanço medonho, no principio calhãos hiantes mostrando o seio rasgado por esguios fétos; no meio, em avanço tortuoso, carrascos rasteiros crivados de espinhos agudos; no fim, que ia ter a um paúl, silvados espessos.

Emma, ao avistar o barathro, teve um tremor de medo; mas logo o desfez com uma cruz que traçou no busto curvado. Depois foi para a macieira e alguns lichens côr de prata rolaram do tronco: a trepadeeira estava em cima. Ao som de uma cantiga alegre, entoada talvez para adormecer a dôr que a confrangia, comecçou a apanha.

A sombra da arvore, reflectida na terra da seara, já estava com bastantes fructos quando a rapariga, sorridente, quiz formar uma pequenina reserva no avental. Avistou logo duas das mais lindas *sempre noivas* e apanhou-as com rapidez. Já descia, mas, num galho do lado do ribanço, apontou outra que era uma riqueza de tentação, de colorido raro.

—Oh! que linda!—disse Emma, mordendo os rosadinhos labios com vontade de a possuir. E logo, em palavra expedita:

—Quero-a!

E a sua vontade, treda como a serpente biblica, levou-a a estender o braço ao pomo appetecido.

Tinha as pontas do avental suspensas na cinta, e a mão esquerda agarrada ao corpo da arvore. Com a outra, então, Emma, devagarinho, e cariciosa, principiou a vergar o galho. Não se vendo segura, deixou-o depois de meio arqueado. Firme, prendeu-o novamente, para de subito sentir um forte repelão, que a levou á pallidez e lhe tirou as maçãs do avental. Vestigios de pena e delicada raiva, como que lembrando-se de: «Quem tudo quer...», transpareceram no rosto de Emma ao vel-as rolairem pelo despenhadeiro.

Ligeira, mesmo arrogantesinha, prendeu pela terceira vez o galho atrevido.

Já o vê todo vergado, em curvatura d'aulico, todo seu; todavia não vê ainda na sua mão o corpo desejado da maçã!

Emma teima e o galho, desprendendo-se, num repellão final, sacode-lhe o corpo ás pedras do ribanço medonho, amaldiçoado como o Campo que lhe ficava a cavalleiro.

COSTA MACEDO.



NATAL DO AMOR

EPISODIO ROCEIRO

ORA, snr. coronel, sou um seu creado!—
Exclamou o padre Jacintho de Ornellas, senhor de farto abdomen e largos hombros, apesar da estatura meã que o fazia, por isso, abacial. Retrucava a um gracejo do faccioso coronel Paulo de Menezes, primo e compadre da muito veneranda e rica senhora dona Emerenciana dos Anjos Martins, em cuja casa estavam.

—Não se abespinhe snr. vigario, que eu o não pretendo magoar. Mas, francamente, esta pretensão de conhecer o coração das moças não vae bem com vossa reverendissima.

—E porque?... e porque?...

Empertigou-se o reverendo Jacintho, arrancando do bolso da batina a bocêta do seu meio grosso Pau'ô Cordeiro.

O coronel, homem miúdo e esgravinhado, d'olhinhos ladinos e com uma ponta de cigarro sempre ao canto da bocca a torrar-lhe o escasso bigóde, que era a unica barba na sua cara queimada das soalheiras da lavoura, mascou um risinho ironico, fixando no padre seus pequeninos olhos inteligentes:

—Porque, para o conhecer, é preciso que o tivesse amado.

Padre Jacintho resfriou-se com a resposta, e para disfarçar a contrariedade pinçou a pitada com o pollegar e o indicador, levou-a vagaroso ás narinas, fungando-a deleitosamente. Depois encolheu os hombros:

—A isso não se responde.... — Volveu-se para a pessoinha franzina de dona Emerenciana, que ali estava no canapé da vasta sala de jantar, vigiando as mucamas nos preparativos da festa dessa noite, vespera de Natal. E, com uma reverencia, disse:

—Minha respeitavel senhora, as suas suspeitas são infundadas. Sinhá, pela educação que teve, pelos finos dótes de seu moral, não póde ser indifferente ao amor do snr. doutor Eugenio de Castro...

—Este « não póde », padre-mestre, é o que me engasga.... — atalhou o coronel sempre prompto a inticar com o vigario.

— Pois que se desengasgue! Eu é que não estou para aturar as suas caturrices.

E' *scisma* do compadre, seu vigario, deixe-o falar.... disse dona Emerenciana. Fico muito agradecida pelo que me diz. Si minha filha se casasse com o Eugeninho dar-me-ia a maior das felicidades. Por aqui, a gente que hoje existe, é tão..... é tão..... Como direi?...

—Atôa, comadre, atôa.

—Sim, atôa.

Perfeitamente, snra. dona Emerenciana. Diz a senhora muito bem. Toda esta gente não vale dez reis de mel côado.

E fungando o resto da pitada, relanceou o olhar sobre o coronel, com um risinho victorioso. Esse comprehendeu a intenção e não deixou o golpe sem resposta:

—Tudo isso por causa do cura que temos. A dizer com a verdade já não ha cura para tanto mal!

O vigario esfregou as ventas com o seu alcobaça e resmungou:

Abyssus abyssus invocat!...

Póde errar desembaraçadamente o seu latim. Eu não entendo lingua de trapos.

—Sacrilego!—berrou padre Jacintho. Vosmecê o que sabe é a lingua de satanaz.

Olhe, prima, isto tambem vae ao seu telhado. E' a unica lingua que nós dois sabemos.

—Ora, compadre, deixe-se de birras! Estou a tratar da felicidade de Evangelina e você a me crear obstaculos!

Padre Jacintho torceu uma carêta, enquanto o coronel Menezes, sem se amuar, protestava não mais atalhar o *arrazoado* do santo Antonio casamenteiro.

— Bem — volveu dona Emerenciana — então o snr. vigario garante o que disse?

— Affirmo.

— Pois, si assim fôr, tem os cobres para a torre da matriz nova.

— E Nossa Senhora da Conceição agradecerá á sua dadiva.... Desde já confesso que resarei hoje a minha Missa do Gallo com duplo contentamento.

— E depois da missa, já sabe, temos a nossa consoada....

— Certo que sim, minha senhora.

Padre Jacintho curvou-se, beijou a mãozinha ossea de dona Emerenciana, deu uma pancada conciliadora no hombro do coronel



e, pondo á cabeça o seu velho chapéo eclesiastica, desceu para a praça em direcção a sua residencia, ao lado opposto, junto dos muros caiados da matriz nova.

— E' um bom velho, disse o coronel, gósto de o atormentar porque é meu adversario politico. No anno passado, quando se tratou de oppôr entraves á lei do ventre livre elle me fez suar o topéte.... Mas, perdoei-lhe a opposição. Afinal quem andou bem foi elle, estava de accordo com seus principios religiosos....

Dona Emerenciana concordou com um gesto de cabeça, mas, interessada na sua aspiração, cortou o fio ás considerações do coronel.

— E que julga vosmecê da affirmação do padre?

— Não irei tão longe, senhora minha prima e comadre, mas tenho para mim que a pequena pegou rabicho pelo doutorzinho.

— E elle?

Ora, bem se vê que não é nenhum tólo p'ra desprezar moça tão prendada e rica.

— Mas.... lá pela Côrte.... sim, lá pela Côrte não lhe faltarão outras, mais ricas e melhor educadas....

— Póde ser que sim, póde ser que não. Isto de moça rica e bem educada é peixe que não entra em cóvo nem pega no anzol com muita facilidade.

— Um doutor!...

— Que vale um doutor onde ha mais doutores que pulgas em colchão de pobre? Olhe, prima, lá pódem faltar moças bonitas, innocentes, esmeradamente educadas.... sim, supponhamos que faltem,... mas doutores?... isto, é que nunca!...

Dona Emerenciana sorriu commovida; com tudo, as duvidas não a abandonaram:— Tenho medo do genio da menina, ella fez-se muito roceira.

— E não sabe a prima que é isso mesmo o que está perturbando o juizo do rapaz!... O roceirismo, snra. dona, quando não attinge á matutice, é como um mólho exquesito, desperta o appetite e dá novo sabor á iguaria. Perdôe-me a comparação.

A conversa teve ponto neste momento porque Evangelina entrou na sala. Viera inspecionar o serviço das mucamas. Era alta, esvelta, de formas arredondadas e dum moreno lindissimo, mais brando do que retinto, como temperado dum succo de romãs. Ao movi-

mento de seus passos os quadris e o busto tinham uma ondulação rythmica, de impressionante harmonia.

Os olhos negros pareciam arder dentre o cerrado das pestanas curvas, que os tornavam irresistivelmente fascinadores; e como elles eram tambem negros os seus cabellos, muito negros e ao de leve ondulados, humidos, translucidos. Tinha o nariz pequeno, um nada arrebitado e a bocca tão cheiasinha e rubra que dir-se-ia soffregamente mordida por seus proprios dentes.

Dona Emerenciana envolveu-a num olhar carinhoso, em que se estravasava a immensa ternura do seu coração materno. A boa senhora sentia no donairoso porte de sua filha as formas e os gestos de sua mãe que fôra, affirmavam todos, uma belleza rara, e um pouco, mais de um pouco (porque, para ser muito, necessario seria mudar-lhe o sexo) do seu fallecido marido, o homem mais formoso que seus olhos viram. E se orgulhava de tel-a assim perfeita, attrahindo sympathias, inflammando elogios. Doia-lhe, porem, o perceber-se minada pela tísica, sem vêr sua filha casada com quem a pudesse amar condignamente.

Por isso desejava attrahir para ella o doutor Eugenio, filho de um dos mais conceituados lavradores da comarca e recém-formado em direito. Era, por toda a redondeza de trinta leguas, quem melhor lhe parecia, quer pela familia, quer pela posição social. De mais, ao doutor Eugenio, que não tinha fortuna, converia esse casamento. Evangelina era filha unica de dona Emerenciana, senhora de mais de duzentas apolices da divida publica, proprietaria da maior parte do arraial e dos canaviaes da fazenda Papucaia, o melhor engenho daquelle tempo, com setenta captivos de roça. A' esta fortuna deveria reunir ao que poderia herdar do seu padrinho e tio, o celibatario Paulo de Menezes, cujos bens avaliavam em uns cento e cincoenta contos. Desta maneira Evangelina seria um presente de Deus para o doutor Eugenio de Castro.

Apenas chegou a hora da missa, resada por padre Jacintho ás onze para conciliar o dever religioso com a facil digestão da saborosa consoada, foi Evangelina quem se mostrou menos apressada. Isso arrefeceu a esperanza de dona Emerenciana, que logo segredou ao coronel:

— E' o que digo, a menina não tem enthusiasmo, nada sente.

— O' comadre! então vosmecê queria a pequena assanhada?



— Psio! Assanhada, não; queria vê-la como as que amam.

— Pelo amor de Deus, senhora minha prima! cada um ama como sabe ou lhe convém. Eu, por exemplo, quando fui moço, amava dando belliscões....

— Mão, mão.... Ahi vem tolice!

Entraram na igreja. Padre Jacintho tinha lhes reservado lugar na capella-mór, onde já se achava o doutor Eugenio com a faceirice do seu bigodinho arrebitado e um *pincenez* de oiro. Felizmente, para dona Emerenciana, a noite estava quente e ella se agasalhára com cuidado. Não tossia; ao contrario, sentia-se bem disposta. Assentou-se na cadeira, que lhe fôra reservada, mas de modo a compellir Evangelina a tomar assento em frente de Eugenio; e os dois, que se commoveram ao trocar os olhares, permaneceram graves, como aturdidos pelo respeito do templo e pela provavel curiosidade de toda aquella gente. O doutor chegou a perceber duas magricellas chocarem os cotovellos, advertindo-se, e Evangelina ficou tão vexada com um olhar significativo duma de suas amigas que, por longo tempo, teve os olhos pregados no chão, como se rezasse. Não obstante esse quarto de hora de confusão, e porque no correr da cerimonia as atenções se voltassem para o altar, os olhares de ambos, impellidos por forças magneticas, se cruzaram amiúdo. Talvez se julgassem livres dos curiosos; mas, se assim foi, illudiam-se. A notal-os, de soslaio, tinham os olhinhos espartos do coronel, que os vigiava. E quando, ao terminar a missa, fizeram os cumprimentos, aquellas vigilantes pupillas sorriam para elles, cheias de assentimento e louvores. Então o doutor Eugenio comprehendeu a sympathia com que o recebiam, desenleiu-se das formalidades e offereceu seu braço a Evangelina. Foi por toda a igreja um trocar de olhares, um acotovelamento simulado, um burburinho de segredos!...

Padre Jacintho, á porta, acompanhando o coronel, que levava pelo braço dona Emerenciana, murmurou-lhe ao ouvido:

— Grelou ou não grelou?

— Pegou de galho. Está firme.

Tinham chegado á casa da respeitavel senhora. Toda a gente grada do arraial viera aos folguedos da consoada. E como fizesse um luar magnifico e os convidados procurassem logares no salão illuminado, Eugenio e Evangelina deixaram-se ficar encostados á varanda, absorvidos no seu namoro, sem dar fé que duas cabeças curiosas os espreitavam sorratamente.

— Está como as noites lendarias de Verona — disse Eugenio, comprimindo-lhe a mão.

— Para Romeu e Julieta... — suspirou a moça.

E ambos ergueram os olhos para o céu, sem mais uma phrase, envolvidos em seus desejos. Mas, Eugenio, disfarçadamente, levou a mão de Eugenia aos labios. Ella sorriu, apenas; não despegou os olhos da lua nem protestou num arrebatamento. Estremeceu imperceptivelmente e sorriu.

E logo uma das cabeças, das que os espreitavam, emergiu da sombra duma das portas da varanda entrando na luz do salão. Era a do padre Jacintho que correra para dona Emerenciana:

— Minha senhora, a matriz vae ter a torre promettida!

E ainda a boa senhora não voltara a si do deslumbramento desta nova, quando a outra cabeça appareceu ao lado do vigario:

— Comadre, temos o nosso Natal, ha outra estrella n'Oriente, nasceu o *redemptor* que almejávamos. Tal e qual como em Belem....

— Não em mangedoura... — observou o padre.

— Não, senhor. Mas aquecido pelos dois mansos brutos de que falam as escripturas. — Disse o coronel e emendou logo: — o touro fui eu...

Padre Jacintho mordeu os beiços e respondeu:

— Pois vá feito! Tenho a advertir-lhe, porem, que não era um touro e sim uma vacca.... Assim posto, resigno-me ao papel que me distribuiu, serei o jummento!

AMERICO FLUMINENSE.

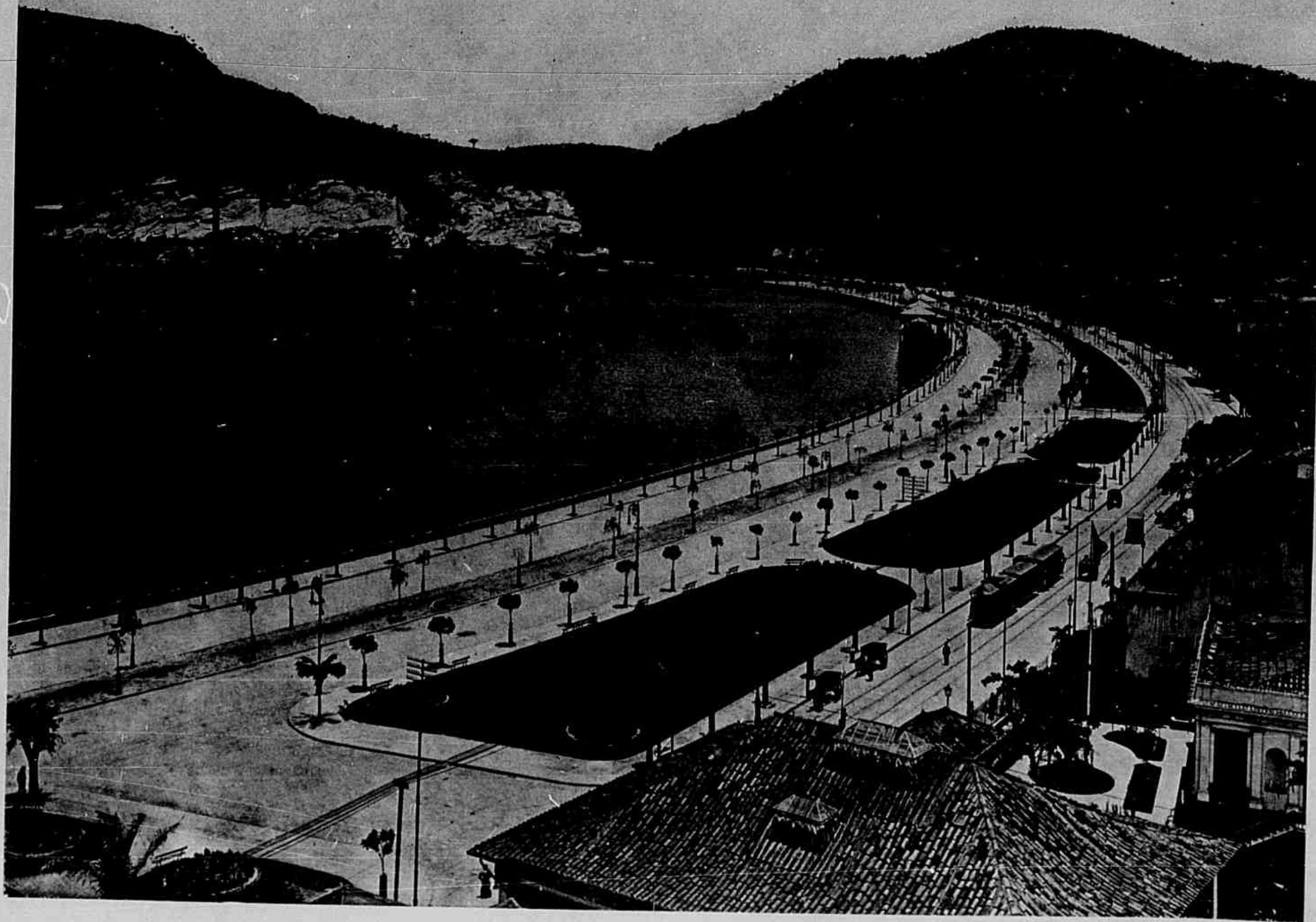




ENSEADA DE BOTAFOGO - AVENIDA BEIRA MAR



AVENIDA BEIRA MAR - ENSEADA DE BOTAFOGO



AVENIDA BEIRA MAR - ENSEADA DE BOTAFAGO
LADO OCCIDENTAL

O ultimo conto de Natal

DA larga poltrona de rodas em cujas almofadas bojudas e fofas o seu corpo mumificado se afundava, numa serena postura de santa, com os bandós brancos aureolando-lhe a fronte esmaecida e suave, a velhinha sorria...

Era Natal e as creanças, centenas de anjos durante tantos annos! vinham sempre nessa noite ouvir da octogenaria um conto simples e bom, de fadas, de milagres, de cousas maravilhosas que os romanos não conhecem e os livros dos homens consideram mentira. Em casa só ella, a velhinha amavel e sempre meiga, sabia essas cousas ideaes com que as creanças depois iam sonhar quando a boa narradeira tambem, murmurada uma velha prece, cerrava os olhinhos encovados e adormecia serenamente como quem tivesse vindo do ceu para contar as suas bellezas e depois se recolhesse a elle, certa de ter dado aos anjinhos de cá um pouco da sua alegria e da sua doçura.

Tambem havia já alguns annos era aquella noite uma das poucas em que ella vinha para a varanda gosar a resplandecencia do jardim todo illuminado em festa e sorrir para o rancho de crianças que, umas induzidas pelas outras, se juntavam, se amontoavam em torno da sua poltrona, punham as mãosinhas rosadas e gordas nos seus joelhos e supplicavam numa adoração:

— Conte, conte, avósinha. Hoje é Natal, é o dia das suas historias.

Ella tinha uma infinita variedade de contos, mas sempre os melhores eram os que se referiam ao Natal e nos seus labios onde as palavras tinham uma harmonia quasi seraphica, os pastores, os reis magos, as mulheres da Judéa, os pescadores passavam como numa nevoa brilhante enaltecidos por uma aureola de lenda.

Fôra exactamente em dia de Natal que ella nascera, havia quasi um seculo. Tambem um dia de Natal casara e só pedia a Deus

que lhe dêsse a ventura de morrer assim num dia tão grande e tão santo. Mas havia muitos annos que ella envelhecia, lentamente, insensivelmente sem que a morte parecesse avisinhar-se. A sua vida era como um rio que difficilmente secca e quando vai a seccar sobrevêm aguaceiros, longas hibernias que lhe dão mais agua e mais força. As creanças reanimavam-n'a e como lhe transmittiam a sua descuidada e sabia mocidade. Os cabellos tinham-se-lhe de todo embranquecido, a pelle apergaminhara e da sua belleza antiga ficara-lhe no rosto minguado e rugoso uma leve lembrança, um vago e fugitivo raio. Mas a alma ficara a arder como um fogo sagrado e imperecivel e era sempre a mesma velhinha mansa e quèrida, abençoando e consolando, com um sorriso ao canto dos labios que afastava magicamente toda a amargura e toda a tristeza que junto della viessem chorar.

As creanças, naquella noite solemne e tradicional não a esqueciam. A' hora da ceia, á mesa illuminada, vergando de flores e iguarias toda rodeada de uma chusma de damas e cavalheiros, já ellas se impacientavam por se verem a sós, na varanda, com aquella avózinha tão branca e tão amavel que parecia ter vindo mesmo lá desses logares em que se passavam os seus contos, ter vivido com essas princezas que ella dizia feitas de nevoa e luar, com esses guerreiros que dominavam os proprios elementos e com esses reis magnanimos que não se vexavam de casar as suas filhas com os seus palafreiros quando elles salvavam as donzellas do seu reino da furia de um grande monstro.

Ella tambem, naquella noite em que se commemora com tanta alegria e ternura o nascimento de um deus, tinha pressa de se ver lá fóra, diante do jardim em que as flores dormiam, ao luar que descia da folhagem escura para os gramados e scintillava nagua do lago.

A gente grande, moças que entravam a pensar em amor, rapazes que vinham inquietar os corações, esses iam para a sala, para as dansas e os jogos de salão, suando no calor dos candelabros todos accesos e no movimento das walsas que se encadeavam. Ella e as creanças allí ficavam num grupo encantador e

celeste a que o luar vinha dar um efeito estranho de apothéose.

* * *

Contar historias! Já as contára tantas e a tanta gente que depois as esquecera!... Todas as suas princezas já deviam ser mortas se realmente existissem e os seus heróes deviam hoje ter monumentos nas praças erguidos pela posteridade agradecida e admirada dos seus altos feitos. Mas tudo isso se desvanecera. Os reis tinham-se sumido como fumos que o vento espalha e aquellas pastoras que depois subiam a altos destinos não passavam realmente de flores nascidas numa manhã num jardim cheio de sol e depois resequidas e desperfumadas entre as paginas de um livro ou levadas com as folhas seccas sob os rigores do verão. Ella mesma houvera um tempo que as esquecera e para novamente encontral-as fôra todo um laborioso trabalho em remexer alfarrabios e lembranças. E não sabia bem se encontrara todas. Depois as que memorava tinham-lhe vindo tão transformadas, tão desfiguradas que lhe parecera que as princezas e as pastoras se tinham feito mais graves e mais gordas, talvez mesmo mais velhas e os reis e os principes e os heróes e os trovadores mostravam agora na fronte gloriosa uma negra sombra de preocupação e cuidado. Alguns tinham deixado crescer a barba e caminhavam mais pesadamente. Todavia ainda eram bellos porque viviam na sua saudade e depois havia no mundo almas limpas que os amavam e os admiravam. Pôr isso recontar essas formosas lendas, reconstruir batalhas e martyrios, jogar com monstros e santos tinha ainda um sabor e um encanto que punham no seu olhar e na sua alma um novo brilho e uma nova força.

Cada anno os seus ouvintes eram outros. Ella via-os passar, um momento deslumbrados pelas suas phantasias, levados nos braços de outras phantasias maiores e mais deslumbrantes. Mas outros depois vinham supplicar essas mesmas narrativas, esses mil e um romances que iniciavam os tenros cerebros na chimera e abriam ás infantis imaginações as altas portas de diamante do castello do sonho que se ergue soberbo e luminoso para o infinito dos ceus...

Assim oitenta annos tinham passado.

* * *

E a velhinha sentia-se agora mais velha; só as creanças lhe vinham na sua noite de anniversario lembrar que ella ainda existia e aquella mocidade em flor um momento aquecia e reanimava a sua seveitude.

— Conte, conte, avosinha. Hoje é a noite das suas historias. Olhe, conte uma bem linda, que tenha uma princeza e um pastor.

Ella sorriu vendo aquelle bando louro que a rodeava como nas estampas os cherubins que formam circulo em torno das santas. Sorriam tambem as creanças com a esperanza do conto solicitado e naquelles sorrisos e naquelles olhos anciosos que se não desfitavam della revia os seus risos e a sua alegria de ha oitenta annos como do fundo dum valle se contempla o luar que se vai sumindo por traz das montanhas.

— Já não ha mais princezas nem pastores, meus filhos! disse. Agora ha só saudades...

— Então aquelle rei tão bom que soccorria os desgraçados e casou com a filha do lenhador?...

— Morreu, talvez, ou foi desthronado. Os reis, meus filhos, são ás vezes mais desditosos que nós.

— E aquella serpente de sete cabeças que devorava exercitos e um general transformou com o golpe da sua espada numa moça de maravilhosa belleza...

— Não sei, nem della nem do general. A moça decerto casou com elle que era rico e vivem ambos nalgum recanto do mundo gosando a ventura que Deus lhes deu. Se bem me lembro isso já foi ha mais de cinquenta annos e a moça hoje deve estar velha.

— Oh! que pena! Era tão bonita!

— Sim, tão bonita que o rei que era moço e tambem bonito quiz casar com ella, mas o general oppoz-se e a propria moça, chorando, supplicou ao rei que não cortasse a sua felicidade.

— E por causa disso houve uma grande guerra...

— Em que morreu o rei... Ainda me lembro, mas a esta hora esse reino foi talvez annexado a outra nação mais poderosa e onde

celeste a que o luar vinha dar um efeito estranho de apothéose.

* * *

Contar historias! Já as contára tantas e a tanta gente que depois as esquecerá!... Todas as suas princezas já deviam ser mortas se realmente existissem e os seus heróes deviam hoje ter monumentos nas praças erguidos pela posteridade agradecida e admirada dos seus altos feitos. Mas tudo isso se desvanecera. Os reis tinham-se sumido como fumos que o vento espalha e aquellas pastoras que depois subiam a altos destinos não passavam realmente de flores nascidas numa manhã num jardim cheio de sol e depois resequidas e desperfumadas entre as paginas de um livro ou levadas com as folhas seccas sob os rigores do verão. Ella mesma houvera um tempo que as esquecerá e para novamente encontrá-las fôra todo um laborioso trabalho em remexer alfarrabios e lembranças. E não sabia bem se encontrara todas. Depois as que memorava tinham-lhe vindo tão transformadas, tão desfiguradas que lhe parecera que as princezas e as pastoras se tinham feito mais graves e mais gordas, talvez mesmo mais velhas e os reis e os principes e os heróes e os trovadores mostravam agora na fronte gloriosa uma negra sombra de preocupação e cuidado. Alguns tinham deixado crescer a barba e caminhavam mais pesadamente. Todavia ainda eram bellos porque viviam na sua saudade e depois havia no mundo almas limpas que os amavam e os admiravam. Pôr isso recontar essas formosas lendas, reconstruir batalhas e martyrios, jogar com monstros e santos tinha ainda um sabor e um encanto que punham no seu olhar e na sua alma um novo brilho e uma nova força.

Cada anno os seus ouvintes eram outros. Ella via-os passar, um momento deslumbrados pelas suas phantasias, levados nos braços de outras phantasias maiores e mais deslumbrantes. Mas outros depois vinham supplicar essas mesmas narrativas, esses mil e um romances que iniciavam os tenros cerebros na chimera e abriam ás infantis imaginações as altas portas de diamante do castello do sonho que se ergue soberbo e luminoso para o infinito dos ceus...

Assim oitenta annos tinham passado.

* * *

E a velhinha sentia-se agora mais velha; só as creanças lhe vinham na sua noite de anniversario lembrar que ella ainda existia e aquella mocidade em flor um momento aquecia e reanimava a sua seveidade.

— Conte, conte, avosinha. Hoje é a noite das suas historias. Olhe, conte uma bem linda, que tenha uma princeza e um pastor.

Ella sorriu vendo aquelle bando louro que a rodeava como nas estampas os cherubins que formam circulo em torno das santas. Sorriam tambem as creanças com a esperanza do conto solicitado e naquelles sorrisos e naquelles olhos anciosos que se não desfitavam della revia os seus risos e a sua alegria de ha oitenta annos como do fundo dum valle se contempla o luar que se vai sumindo por traz das montanhas.

— Já não ha mais princezas nem pastores, meus filhos! disse. Agora ha só saudades...

— Então aquelle rei tão bom que soccorria os desgraçados e casou com a filha do lenhador?...

— Morreu, talvez, ou foi desthronado. Os reis, meus filhos, são ás vezes mais desditosos que nós.

— E aquella serpente de sete cabeças que devorava exercitos e um general transformou com o golpe da sua espada numa moça de maravilhosa belleza...

— Não sei, nem della nem do general. A moça decerto casou com elle que era rico e vivem ambos nalgum recanto do mundo gosando a ventura que Deus lhes deu. Se bem me lembro isso já foi ha mais de cinquenta annos e a moça hoje deve estar velha.

— Oh! que pena! Era tão bonita!

— Sim, tão bonita que o rei que era moço e tambem bonito quiz casar com ella, mas o general oppoz-se e a propria moça, chorando, supplicou ao rei que não cortasse a sua felicidade.

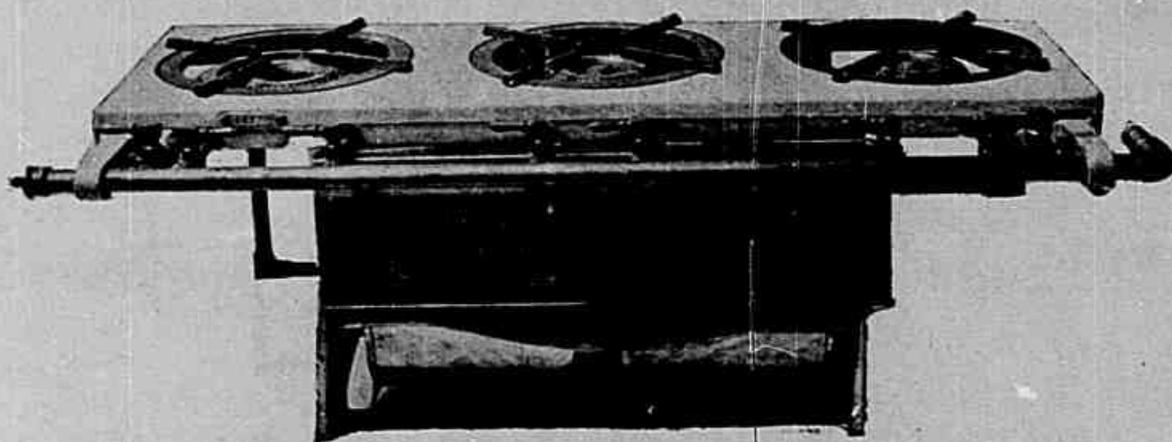
— E por causa disso houve uma grande guerra...

— Em que morreu o rei... Ainda me lembro, mas a esta hora esse reino foi talvez annexado a outra nação mais poderosa e onde

KOSMOS

COSINHAR A GAZ

PROMPTIDÃO, ASSEIO E ECONOMIA



Maior asseio sem fumaça **COKE** Maior asseio sem fumaça

Para cosinha 25\$, na Rua da Alfandega n. 140 e Rua do Senador Euzebio n. 232

Para uso Industrial, na Rua Senador Euzebio n. 232

☿ ☿ ☿ ☿ DIAS UTEIS DAS 10 ÀS 11 1/2 HORAS DA MANHA ☿ ☿ ☿ ☿

Grande abatimento conforme a quantidade

A Sociedade Anonyma do Gaz do Rio de Janeiro

Convida as pessoas que desejarem convencer-se das grandes vantagens que oferece o gaz para uso domestico ou industrial a visitar a sua EXPOSIÇÃO, installada á rua da Alfandega n.140, onde encontrarão os typos mais aperfeiçoados e pelos preços os mais modicos:

fogareiros de um fóco, para substituir o espirito de vinho, fogareiros com 2, 3, 4 e 6 torneiras, verdadeiros fogões privilegiados «BRAZIL», de 3 focos e assador, ditos «CARIOCA» de 2 fócos com assador, fogões com 3 e 5 fócos, assador e forno grande, aquecedores de agua para toilette ou lavagem de pratos, ferros de engommar etc., e bem assim

GRANDE VARIEDADE DE APPARELHOS PARA ILLUMINAÇÃO

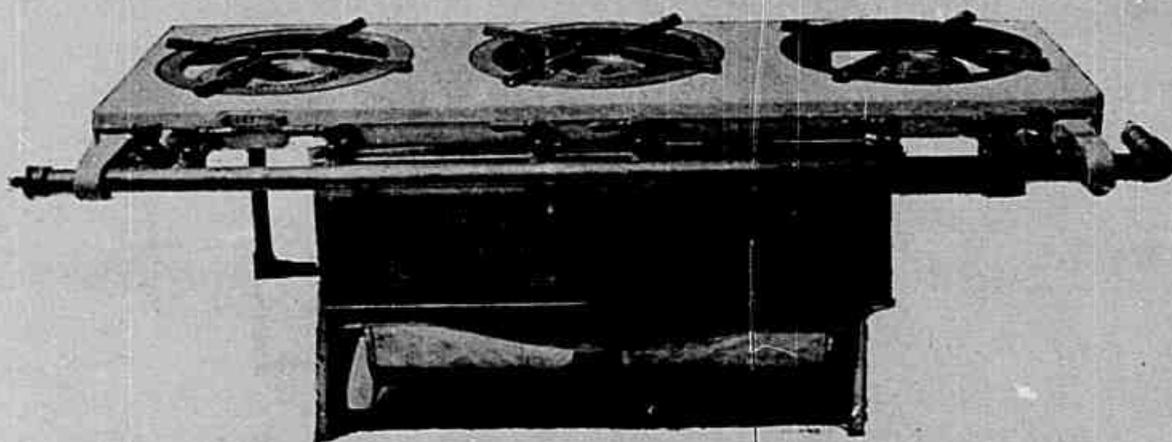
☿ ☿ ☿ ☿ ☿ DAS CASAS ☿ ☿ ☿ ☿ ☿

Escriptorio: Rua da Alfandega, 140

KOSMOS

COSINHAR A GAZ

PROMPTIDÃO, ASSEIO E ECONOMIA



Maior asseio sem fumaça **COKE** Maior asseio sem fumaça

Para cosinha 25\$, na Rua da Alfandega n. 140 e Rua do Senador Euzebio n. 232

Para uso Industrial, na Rua Senador Euzebio n. 232

❁ ❁ ❁ ❁ DIAS UTEIS DAS 10 ÀS 11 1/2 HORAS DA MANHA ❁ ❁ ❁ ❁

Grande abatimento conforme a quantidade

A Sociedade Anonyma do Gaz do Rio de Janeiro

Convida as pessoas que desejarem convencer-se das grandes vantagens que oferece o gaz para uso domestico ou industrial a visitar a sua EXPOSIÇÃO, installada á rua da Alfandega n.140, onde encontrarão os typos mais aperfeiçoados e pelos preços os mais modicos:

fogareiros de um fóco, para substituir o espirito de vinho, fogareiros com 2, 3, 4 e 6 torneiras, verdadeiros fogões privilegiados «BRAZIL», de 3 focos e assador, ditos «CARIOCA» de 2 fócos com assador, fogões com 3 e 5 fócos, assador e forno grande, aquecedores de agua para toilette ou lavagem de pratos, ferros de engommar etc., e bem assim

GRANDE VARIEDADE DE APPARELHOS PARA ILLUMINAÇÃO

❁ ❁ ❁ ❁ ❁ DAS CASAS ❁ ❁ ❁ ❁

Escriptorio: Rua da Alfandega, 140

celeste a que o luar vinha dar um efeito estranho de apothéose.

* * *

Contar historias! Já as contára tantas e a tanta gente que depois as esquecerá !... Todas as suas princezas já deviam ser mortas se realmente existissem e os seus heróes deviam hoje ter monumentos nas praças erguidos pela posteridade agradecida e admirada dos seus altos feitos. Mas tudo isso se desvanecera. Os reis tinham-se sumido como fumos que o vento espalha e aquellas pastoras que depois subiam a altos destinos não passavam realmente de flores nascidas numa manhã num jardim cheio de sol e depois resequidas e desperfumadas entre as paginas de um livro ou levadas com as folhas seccas sob os rigores do verão. Ella mesma houvera um tempo que as esquecerá e para novamente encontrá-las fôra todo um laborioso trabalho em remexer alfarrabios e lembranças. E não sabia bem se encontrara todas. Depois as que rememorava tinham-lhe vindo tão transformadas, tão desfiguradas que lhe parecera que as princezas e as pastoras se tinham feito mais graves e mais gordas, talvez mesmo mais velhas e os reis e os principes e os heróes e os trovadores mostravam agora na fronte gloriosa uma negra sombra de preocupação e cuidado. Alguns tinham deixado crescer a barba e caminhavam mais pesadamente. Todavia ainda eram bellos porque viviam na sua saudade e depois havia no mundo almas limpas que os amavam e os admiravam. Pôr isso recontar essas formosas lendas, reconstruir batalhas e martyrios, jogar com monstros e santos tinha ainda um sabor e um encanto que punham no seu olhar e na sua alma um novo brilho e uma nova força.

Cada anno os seus ouvintes eram outros. Ella via-os passar, um momento deslumbrados pelas suas phantasias, levados nos braços de outras phantasias maiores e mais deslumbrantes. Mas outros depois vinham supplicar essas mesmas narrativas, esses mil e um romances que iniciavam os tenros cerebros na chimera e abriam ás infantis imaginações as altas portas de diamante do castello do sonho que se ergue soberbo e luminoso para o infinito dos ceus...

Assim oitenta annos tinham passado.

* * *

E a velhinha sentia-se agora mais velha; só as creanças lhe vinham na sua noite de anniversario lembrar que ella ainda existia e aquella mocidade em flor um momento aquecia e reanimava a sua seveidade.

— Conte, conte, avosinha. Hoje é a noite das suas historias. Olhe, conte uma bem linda, que tenha uma princeza e um pastor.

Ella sorriu vendo aquelle bando louro que a rodeava como nas estampas os cherubins que formam circulo em torno das santas. Sorriam tambem as creanças com a esperanza do conto solicitado e naquelles sorrisos e naquelles olhos anciosos que se não desfitavam della revia os seus risos e a sua alegria de ha oitenta annos como do fundo dum valle se contempla o luar que se vai sumindo por traz das montanhas.

— Já não ha mais princezas nem pastores, meus filhos! disse. Agora ha só saudades...

— Então aquelle rei tão bom que soccorria os desgraçados e casou com a filha do lenhador?...

— Morreu, talvez, ou foi desthronado. Os reis, meus filhos, são ás vezes mais desditosos que nós.

— E aquella serpente de sete cabeças que devorava exercitos e um general transformou com o golpe da sua espada numa moça de maravilhosa belleza...

— Não sei, nem della nem do general. A moça decerto casou com elle que era rico e vivem ambos nalgum recanto do mundo gosando a ventura que Deus lhes deu. Se bem me lembro isso já foi ha mais de cinquenta annos e a moça hoje deve estar velha.

— Oh! que pena! Era tão bonita!

— Sim, tão bonita que o rei que era moço e tambem bonito quiz casar com ella, mas o general oppoz-se e a propria moça, chorando, supplicou ao rei que não cortasse a sua felicidade.

— E por causa disso houve uma grande guerra...

— Em que morreu o rei... Ainda me lembro, mas a esta hora esse reino foi talvez annexado a outra nação mais poderosa e onde

não ha com certeza nenhuma moça encantada em serpente... Não, meus filhos; hoje vou contar-vos uma historia inteiramente nova.

Todos se fizeram ainda mais attentos e curiosos, enquanto a velhinha acariciando aquellas cabecinhas louras e sorrindo com infinita suavidade deixava rolar duas lagrimas que o luar fazia fulgir como estrellas longinquas.

—Recordae bem. Era uma moça tão linda como todas as princezas de que vos tenho fallado. Não era pastora nem princeza e muito menos rainha. Mas era mais que tudo isso porque era feliz e boa. Amava e era amada. Na sua idade e naquelle tempo isso constituia para as moças a suprema ventura. O seu amado era tambem bello, mas pobre. Não constituia isso, porém, um impecilho ao seu casamento, não houve por outro lado reis nem imperadores que se oppozessem á sua felicidade e quando elles se casaram não houve por outro lado tambem nenhuma guerra por isso. Além disso os paes de um e outro que não tinham mais filhos concordaram com essa união que foi celebrada sem outra pompa que não a da immensa alegria de que os seus corações transbordavam. Essa alegria foi sempre a mesma durante longos annos e nunca entre os dous houve outro pensamento que não fosse amarem-se com um amor cada vez maior e mais firme.

Passaram assim pela vida como dous principes soberbos, serenamente marchando atravez das maguas e d'os infortunios sem um desfalecimento e sem uma lagrima. Se não conheceram a sabedoria que detem a desgraça conheceram o amor que torna o soffrimento glorioso e a propria morte beindita.

Quantos annos viveram assim? decerto muitos e elles os contaram como dias, porque a felicidade e o amor, meus filhos, têm essa inestimavel virtude de abreviar o tempo. Para maior ventura sua, o céu deu-lhes muitos filhos e a sua vida ganhou com elles novas forças, o seu amor mais profundas raizes, a sua existencia mais ditosos dias. Tambem o seu viver teve desde então novos encantos, encantos que eram feitos de cuidados e de inquietações e ao cabo dos quaes sempre cantava a harmonia de um beijo, sempre irra-

diava a luz estellar de um sorriso. Depois os annos fizeram homens aquelles anjos, mulheres aquellas meninas que sonhavam com bonecas! Então o amor de novo visitou aquella casa abençoada e o joven par de ha vinte annos sentiu-se como recuado e isolado. O amor é sempre moço e só segue os moços.

Um dia elle voltou mais cedo para casa. Tinha-o assaltado uma febre e vinha quasi delirante. Aquelle meigo principe sempre jovial e sereno vinha ferido por um máu destino e toda a sua força e magestade tombavam de subito sem uma resistencia e sem um protesto. Afinal elle tinha sido feliz e podia bem deixar a vida abençoando a propria morte que o fazia pela ultima vez cair nos braços da que fôra metade da sua felicidade e metade da sua alma. Desde então ella tem vivido da saudade e é só com isso feliz.

—Que conto triste, avó!

—E' um conto feliz, meus filhos e é o ultimo que ouvis... Vós agora o continuareis. A princeza que appareceu no principio sahe agora delle. Outras princezas já vieram e ainda outras virão, porque este conto verdadeiramente não tem fim. Não lhe sei o resto nem vós jamais o sabereis. Mas sem duvida, nenhuma das novas princezas será mais formosa nem mais amada do que a primeira.

Calou-se a narradeira e as creanças ali ficaram immoveis e mudas á roda dos seus joelhos esperando a ultima palavra desse estranho conto sem fim.

De repente uma dellas sentiu que a octogenaria se immobilisara; pegou-lhe nas mãos: estavam frias e hirtas. O luar pleno entrava pela varanda illuminando suavemente como uma saudade a doce velha morta e o grupo seraphico das creanças que não tinham gostado da ultima historia da avósinha.

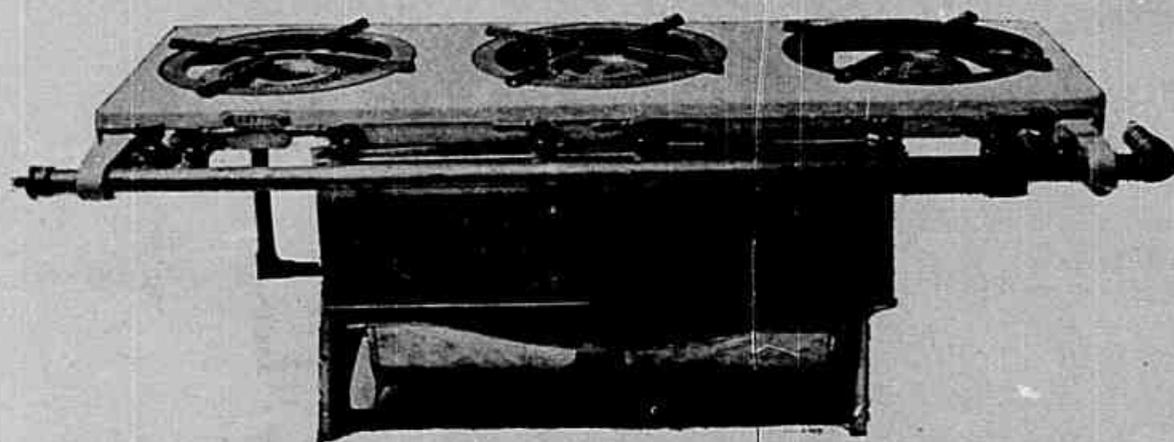
Na sala a orchestra começava uma walsa e as luzes refulgiam sobre os pares que se arrastavam. O conto da velhinha continuava enquanto ella arredada delle para sempre como ascendia na luz do luar rodeada dos seus ultimos ouvintes, ainda attonitos com o doce e luminoso romance da sua paixão.

OLIVEIRA GOMES.

KOSMOS

COSINHAR A GAZ

PROMPTIDÃO, ASSEIO E ECONOMIA



Maior asseio sem fumaça **COKE** Maior asseio sem fumaça

Para cosinha 25\$, na Rua da Alfandega n. 140 e Rua do Senador Euzebio n. 232

Para uso Industrial, na Rua Senador Euzebio n. 232

✻ ✻ ✻ ✻ DIAS UTEIS DAS 10 ÀS 11 1/2 HORAS DA MANHA ✻ ✻ ✻ ✻

Grande abatimento conforme a quantidade

A Sociedade Anonyma do Gaz do Rio de Janeiro

Convida as pessoas que desejarem convencer-se das grandes vantagens que offerece o gaz para uso domestico ou industrial a visitar a sua EXPOSIÇÃO, installada á rua da Alfandega n.140, onde encontrarão os typos mais aperfeiçoados e pelos preços os mais modicos:

fogareiros de um fóco, para substituir o espirito de vinho, fogareiros com 2, 3, 4 e 6 torneiras, verdadeiros fogões privilegiados « BRAZIL », de 3 focos e assador, ditos « CARIOCA » de 2 fócos com assador, fogões com 3 e 5 fócos, assador e forno grande, aquecedores de agua para toilette ou lavagem de pratos, ferros de engommar etc., e bem assim

GRANDE VARIEDADE DE APPARELHOS PARA ILLUMINAÇÃO

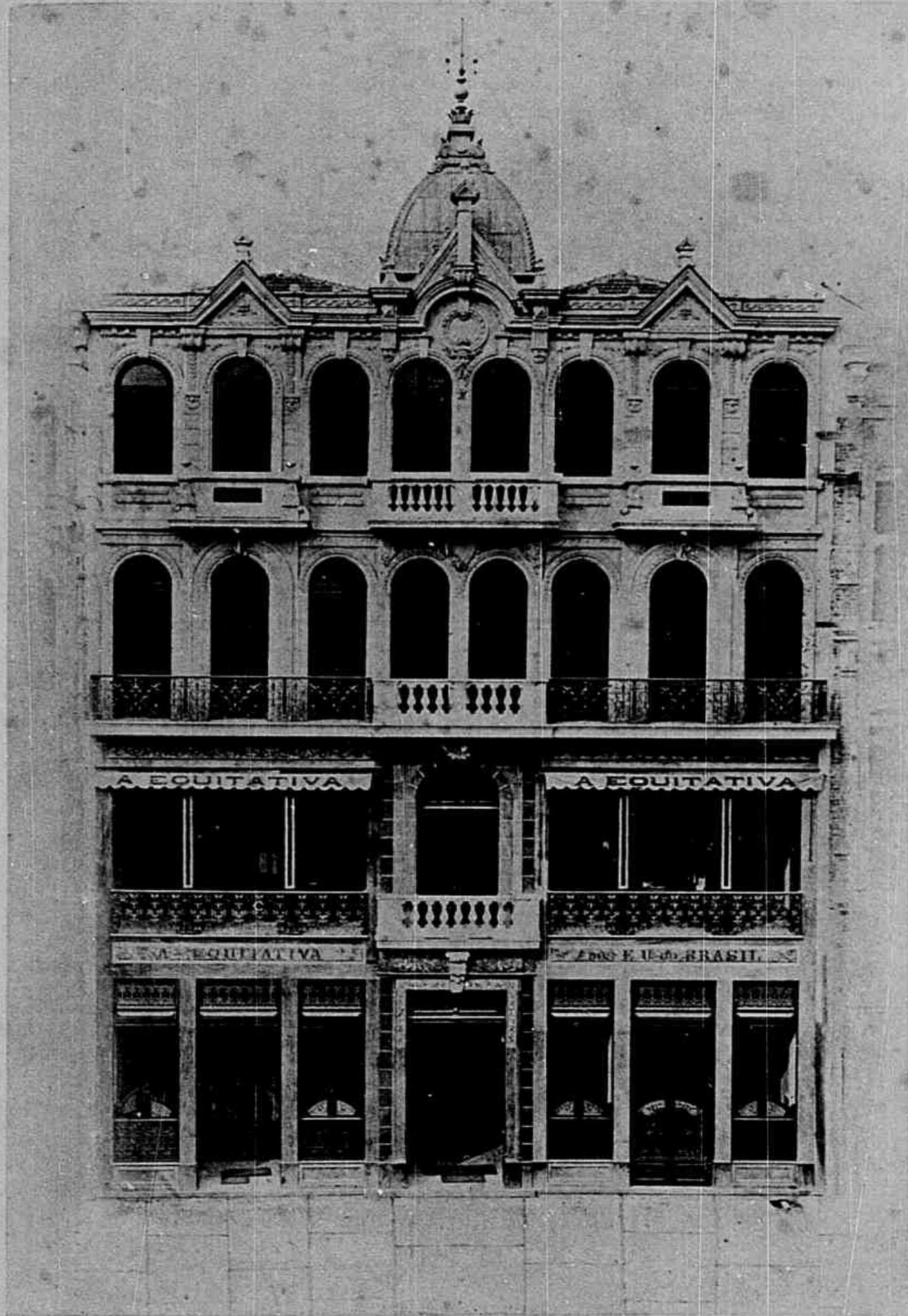
✻ ✻ ✻ ✻ ✻ DAS CASAS ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

Escriptorio: Rua da Alfandega, 140

A EQUITATIVA

SEGUROS SOBRE A VIDA

TERRESTRES E MARITIMOS



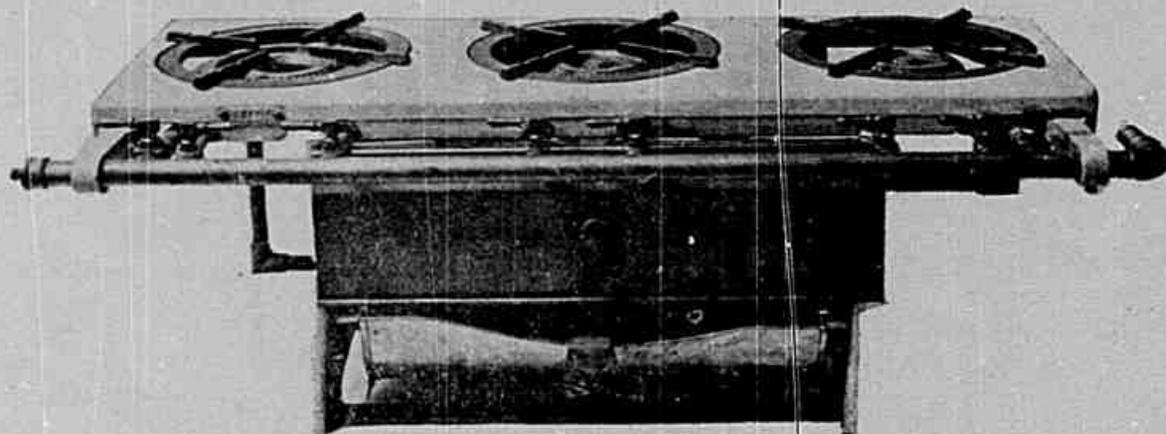
SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 — Rio de Janeiro

KOSMOS

COSINHAR A GAZ

PROMPTIDÃO, ASSEIO E ECONOMIA



Maior asseio sem fumaça **COKE** Maior asseio sem fumaça

Para cosinha 25\$000, na Rua da Alfandega n. 140 e Rua do Senador Euzebio n. 232

Para uso Industrial, na Rua Senador Euzebio n. 232

GRANDE ABATIMENTO CONFORME A QUANTIDADE

FILTROS MALLIÉ

Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto

(THEORIA PASTEUR)

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!

A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

« A agua filtrada é de uma *lumpidez perfeita* e de um *sabor agradavel*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ali viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluinmos que, a agua submettida a filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*

Agentes geraes para o Brazil: — **A. ABREU & COMP.**

Rua da Quitanda N. 102 — Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro: — **A NOVA AMERICA E CHINA**

Rua do Ouvidor N. 39.

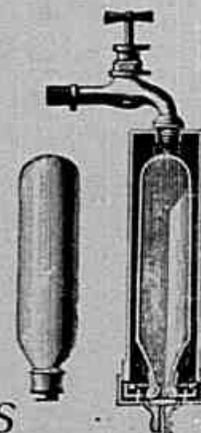
Depositarios em S. Paulo: — **MONTEIRO SOARES & COMP.**

Rua Direita — Canto do Viaducto.

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES



(Filtro sem pressão)



(Filtro de pressão)

DUBONNET

○ MELHOR APERITIVO ○

PURGEN

O PURGATIVO IDEAL

SABOROSO, EFFICAZ

Não produz colicas nem outros incommodos

Approvado e licenciado pela
Directoria Geral de Saude Publica



MARCA REGISTRADA

SUAVE, ECONOMICO

O mais adequado para as creanças

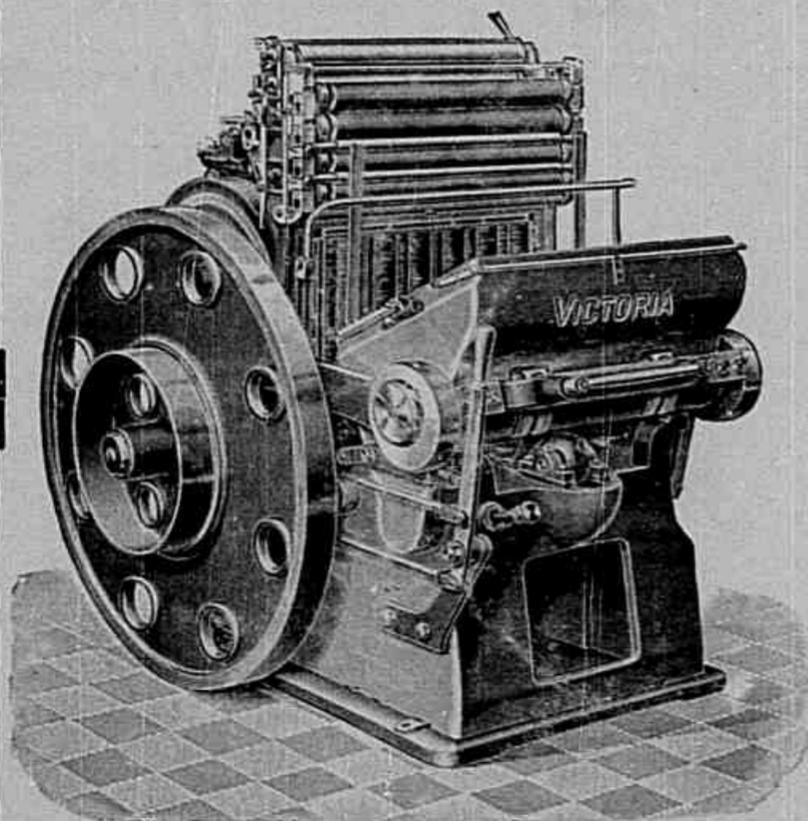
Muito receitado pelas autoridades
medicas do Brasil e do Estrangeiro

PURGEN para creanças.....	Vidros com 15 pastilhas redondas, cor de rosa
PURGEN para adultos.....	» » 15 » » amarellas
PURGEN forte.....	» » 6 » » quadradas amarellas

À VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

Unico importador no Brazil — PAULO ZSIGMONDY — Rua General Camara 78
RIO DE JANEIRO

VICTORIA



MODELO ESPECIAL

MACHINA

DE IMPRESSÃO
PLANA, PROPRIA
PARA AVULSOS,

ESPECIALMENTE PARA GRAVURAS E OBRAS DE LUXO

PREMIADA NA EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1900
COM MEDALHA DE OURO

MELHORAMENTOS essenciaes introduzidos no ultimo
modelo (especial).

Movimento por meio de fricção com
volante de rotação continua. ❀ ❀ ❀

Apparelho automatico para reter a
pressão depois de cada impressão. ❀

Uma disposição, que detem a machina
automaticamente, para proteger as mãos
contra accidentes. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

Movimento do carro porta-rolos por
meio de engrenagem (supressão da curva
na roda dentada grande). ❀ ❀ ❀

Disposição para suspender de uma vez
todos os rolos, deixando-os em descanso.

ACHA-SE SEMPRE FUNCIONANDO E EXPOSTA À VENDA NO
DEPOSITO DE MACHINAS E ARTIGOS CONCERNENTES
ÀS ARTES GRAPHICAS DA

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS — Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA



Edição da Prefeitura

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KÓSMOS—

Brochura 15\$000

Encadernado em marroquim . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KÓSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

À VENDA NA

RUA DA ALFANDEGA, 24

A Equitativa

SÉDE SOCIAL:

125 - AVENIDA CENTRAL - 125
RIO DE JANEIRO

O QUE FOMOS.

A EQUITATIVA em 31 de Dezembro de 1897

PRIMEIRO BALANÇO ANNUAL

Reservas	Rs.	328:017\$050
Bens de raiz, Apolices da Divida Publica, Depositos em Bancos e outros titulos de renda:	Rs.	550:264\$920
Excedente da Receita sobre a Despeza	Rs.	36:502\$067
Premios recebidos . . .	Rs.	858:325\$550
Seguros propostos . . .	Rs.	13.067:500\$000
Sinistros pagos	Rs.	95:000\$000

A eloquencia das cifras é esmagadora. Compare hoje o que foi com o que é, e o gráo enorme de prosperidade da

A EQUITATIVA

resaltará immediatamente aos vossos olhos. **A Equitativa** é a Sociedade Nacional de Seguros Mutuos sobre a Vida a mais bem administrada e a que garante maiores vantagens áquelles que em boa hora se tornarem seus mutuarios.

O QUE SOMOS.

A EQUITATIVA em 30 de Junho de 1905

Reservas	Rs.	3.031:063\$600
Bens de raiz, Apolices da Divida Publica Empréstimos sobre hypothecas, Depositos em Bancos e outros titulos de renda	Rs.	3.794:795\$663
Excedente da Receita sobre a Despeza	Rs.	956:826\$483
Premios recebidos . . .	Rs.	2.264:083\$704
Seguros propostos . . .	Rs.	85.982:163\$559
Sinistros pagos	Rs.	709:190\$591
Apolices sorteadas e resgatadas	Rs.	178.463\$300
Reserva especial da secção de seguros terrestres e maritimos . . .	Rs.	490:172\$168

O progresso constante da

A Equitativa é visivel.

Até hoje monta á Rs. 3.139.064\$971

a somma paga pela **A Equitativa** por sinistros de suas apolices sendo:

Rs. 2.541:043\$240 na secção de vida e Rs. 598:021\$731 na secção

Maritima e Terrestre.

Como Sociedade Puramente

Mutua os lucros da

A EQUITATIVA

pertencem aos seus mutuarios exclusivamente.

APOLICES RESGATAVEIS

"EM DINHEIRO" POR SORTEIO EM VIDA DO SEGURADO

Exclusiva invenção da **A EQUITATIVA**

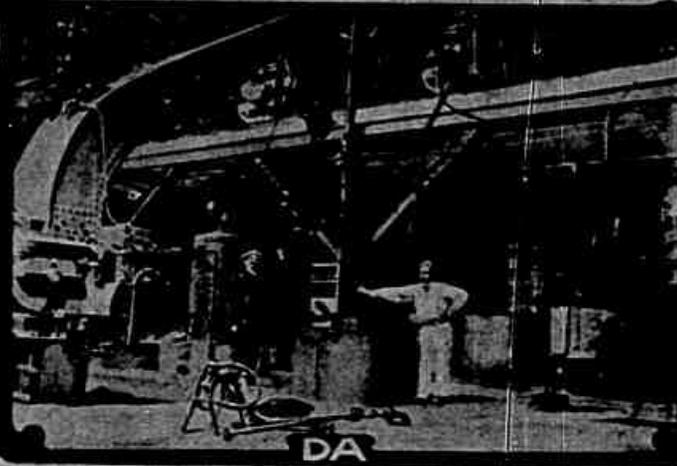
que já sorteou 77 apolices na importancia total de 342:000\$000, PAGOS EM DINHEIRO Á VISTA, sem prejuizo dos contractos, que continuam em pleno vigor

Pedir tabellas e prospectos na sua séde, e com todos os agentes da A EQUITATIVA



SECÇÃO DE ASSUCAR REFINADO EM TABLETTES

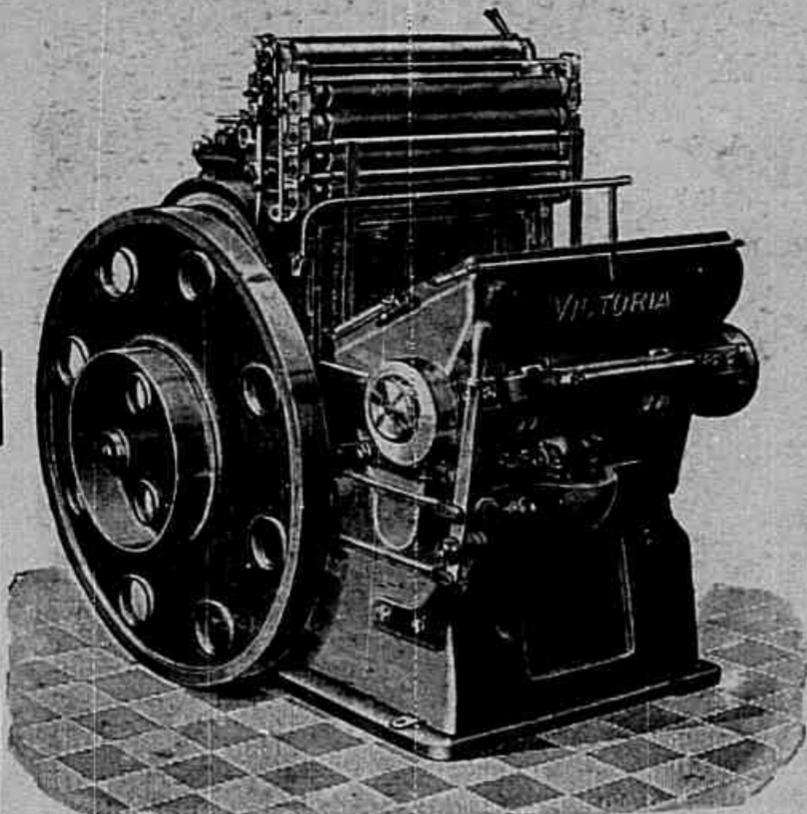
ACEIO.
HYGIENE.
ECONOMIA
BELLEZA.



FORMA
DO
ASSUCAR REFINADO
consumido em todos
MUNDO

GRANDE REFINARIA DA
COMPANHIA ASSUCAREIRA

VICTORIA



MODELO ESPECIAL

MACHINA

DE IMPRESSÃO
PLANA, PROPRIA
PARA AVULSOS,

ESPECIALMENTE PARA GRAVURAS E OBRAS DE LUXO

PREMIADA NA EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1900
COM MEDALHA DE OURO

MELHORAMENTOS essenciaes introduzidos no ultimo
modelo (especial).

Movimento por meio de fricção com
volante de rotação continua. ❁ ❁ ❁

Apparelho automatico para reter a
pressão depois de cada impressão. ❁

Uma disposição, que detem a machina
automaticamente, para proteger as mãos
contra accidentes. ❁ ❁ ❁ ❁ ❁

Movimento do carro porta-rolos por
meio de engrenagem (supressão da curva
na roda dentada grande). ❁ ❁ ❁

Disposição para suspender de uma vez
todos os rolos, deixando-os em descanso.

ACHA-SE SEMPRE FUNCIONANDO E EXPOSTA A VENDA NO
DEPOSITO DE MACHINAS E ARTIGOS CONCERNENTES
ÁS ARTES GRAPHICAS DA

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS — Rio de Janeiro

FILTROS MALLIÉ

Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto ❁ ❁ ❁ ❁

(THEORIA PASTEUR)

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!

A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

• A agua filtrada é de uma *limpeza perfeita* e de um *sabor agradavel*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ali viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluimos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.

O chefe do Laboratorio Municipal: Ch. Girard.

Agentes geraes para o Brazil:—A. ABREU & COMP.

Rua da Quitanda N. 102—Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro:—A NOVA AMERICA E CHINA

Rua do Ouvidor N. 39.

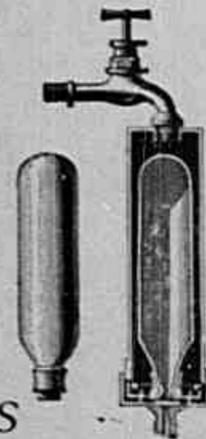
Depositarios em S. Paulo:—MONTEIRO SOARES & COMP.

Rua Direita—Canto do Viaducto.

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES



(Filtro sem pressão)



(Filtro de pressão)

DUBONNET

○ MELHOR APERITIVO ○

Especialidades pharmaceuticas,

Essencias syntheticas,

Côres anilinas

DA CELEBRE E ACREDITADA

ACTIEN-GESELLSCHAFT FÜR ANILIN-FABRIKATION

— BERLIN S. O. —

Unicos agentes no Brazil: VICTOR USLAENDER & C.^a

Successores de MAX NOTHMANN & C.

— 33, RUA GENERAL CAMARA, 33 — RIO DE JANEIRO —

Os productos da secção pharmaceutica da ACTIEN GESELLSCHAFT gosam de fama universal pelo criterio com que são fabricados e pelo cuidado que preside á escolha das materias primas empregadas, dando disso prova o grande consumo que nas clinicas medicas e cirurgicas da Europa e das duas Americas têm os preparados da conceituada fabrica. Aos hospitaes, drogarias e pharmacias recommendamos as novas especialidades, entre as quaes as seguintes:

Chloroformio Anschütz

Rigorosamente puro, fabricado de accordo com os mais exigentes preceitos chimicos. Extrahido de salicylide-chloroformica.

Em frascos de procedencia de 25 a 50 grammas.

Conserva-se inalteravel nesses frascos.

Não contem acido chlorydrico nem chloro, phosgeno, alcool, ether ou quaesquer outras impurezas. Não colora o acido sulphurico concentrado quer se agitando, quer pelo contacto durante mezes. A sua densidade é de 1,5 a 15° cent. e o seu ponto de eludição a 61°,5 cent.

Tanacol

Novo adstringente intestinal.

Este preparado é um pó cinzento, quasi insolavel na agua, sem gosto nem cheiro e que contém partes quasi iguaes de tanino e gelatina.

É de difficilima solução em todos os liquidos acidos, especialmente no succo gastrico e, entretanto se dissolve facilmente nos alcalinos, como é o succo intestinal, desligando o tanino.

Para as creanças aconselhamos o uso das TABLETTES DE CHOCOLATE E TANACOL.

Resorbina

Esta emulsão gordurosa-aquosa, doce e sem ser irritante, tem sido empregada por numerosas autoridades medicas como pomada ou base de pomada. Age admiravelmente com effeitos de refrigerante e emoliente. Presta-se, alem disso, á fabricação da RESORBINA MERCURIAL A 33 $\frac{1}{4}$ % e a 5% dos mesmos fabricantes, e á mesma resorbina colorida, com o nome de RESORBINA VERMELHA.

Bromocol

Novo composto bromado organico

Isento de qualquer effeito nauseante, mesmo empregado em forte dóse e sendo a sua eliminação feita pela diurese.

Possue admiraveis propriedades calmantes e somniferas.

Pomada de Bromocol a 30%

Importante medicamento para a Dermathologia. É incontestavel a excellencia do Bromocol empregado sob a forma de pomada e especialmente como BROMOCOL-RESORBINA A 30% — Magnifico calmante para as molestias acompanhadas de irritação: a urticaria, pruridos, eezemas, etc.

Lecithina AGFA

— Em frascos de 25 a 100 pilulas —

-Côres anilinas-

-Essencias syntheticas-

Phenacetina AGFA

— Desde 25 grammas até 1 kilo —

Aos Srs. consumidores pode ser fornecida qualquer quantidade maior dos preparados da Actien-Gesellschaft für Anilin-Fabrikation

KOSMOS

LAPORT, LANGGAARD & C.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Oleos lubrificantes, drogas para industrias, machinismos,

tintas, vernizes, aço, massames, etc., etc.

Materiaes para Fabricas e Estradas de Ferro

UNICOS DEPOSITARIOS NO BRASIL, dos seguintes artigos:

METAES "ALBA" E "ATLAS" da The Atlas Metal & Alloys C.^o Ld.—London.

LUBRIFICANTES "ROYAL" E "NAVY" de Borne Sgrymser C.^o—New-York.

CORREIAS DE TRANSMISSÃO "MARS" da Southwark Manufacturing C.^o—London.

Cimento "GRANITO", Limas, "Platt", Enxadas "IDEAL", "Alvenaria Carbolineum".

ARMAZEM E ESCRITORIO

47, Rua Primeiro de Março, 47

DEPOSITOS:

Rua da Gambôa N. 9 == Rua do Carmo N. 47

TELEPHONE N. 1.095

CAIXA DO CORREIO N. 511

END. TELEGR. "OLEOS"

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

Noticia † geral, † historica † e † descriptiva † da † cidade

POR

✻ ✻ ✻ ✻ Ferreira da Rosa ✻ ✻ ✻ ✻

EDIÇÃO DA PREFEITURA

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS DO

✻ ✻ ✻ ✻ **KÓSMOS** ✻ ✻ ✻ ✻

Brochura 15\$000
Encadernação em marroquim. 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DO "KOSMOS"
COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

À VENDA NA RUA DA ALFANDEGA N. 24

KOSMOS

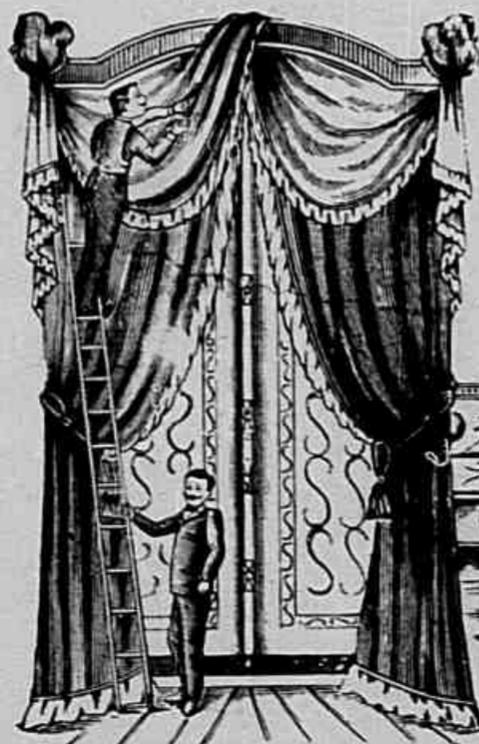


NOVOS 
PROCESSOS

Musso & Cia

Rua Uruguyana N. 10

RIO DE JANEIRO



TAPEÇARIAS E MOVEIS

22A RUA DA QUITANDA 22 B
ESQUINA DO BECCO DO CARMO

ARTHUR LEITÃO

RIO DE JANEIRO



ESPECIALIDADE
EM CORTINAS, REPOSTEIROS
ARMAÇÔES PARA JANELAS
CORTINADOS PARA CAMAS
PELLES, TAPETES, ESTEIRAS
E OLEADOS PARA FERRAR
SOALHOS
GRANDE VARIEDADE DE
MOVEIS E TODOS OS
ARTIGOS PROPRIOS
PARA ORNAMENTAR SALLA
TUDO BOM E BARATO

ESTE ESTABELECIMENTO TEM UMA BEM ORGANIZADA OFFICINA DE
ARMADORES E ESTOFADORES



Pilolol

PREPARADO POR
BLAS L. DUBARRY
Chimico-Pharmaceutico

Sois calvo?
Quereis ter muito cabelo?

Usae o nosso especifico e vos garantimos
RESULTADO POSITIVO!

Preço do frasco: 30\$000

Vende-se em todas as casas de perfumarias e pharmacias

Unicos depositarios no Brazil:

LOUIS HERMANNY & C.

RUA GONÇALVES DIAS, 65 — Rio de Janeiro

A Equitativa



é a mais solida, prospera e bem administrada das Sociedades nacionaes de seguros de vida em mutualidade. Sem accionistas, nem incorporadores aos quaes distribua dividendos, todos os seus lucros são rateados pelos mutuarios.

A EQUITATIVA

até a presente data fez:

Seguros de vida na importancia de:

Rs. 63,520:000\$000.

Seguros terrestres e maritimos na importancia de:

Rs. 232,600:000\$000.

PAGOU EM DINHEIRO

Apolices sinistradas:

Rs. 2,530:258\$000

Apolices sorteadas:

Rs. 253:000\$000

A apolice resgatavel em dinheiro mediante sorteio, invenção da *Equitativa*, é a mais bella, pratica e util de entre todas as combinações até hoje imaginadas.

Duas vezes por anno, em Abril e Outubro, todas as apolices d'esta classe são sujeitas a um sorteio recebendo os portadores das premiadas em dinheiro e integralmente a importancia total do seguro.

A EQUITATIVA

tem agencias e succursaes em todos os Estados do Brazil e uma Filial em Lisbôa, funcionando sob a presidencia do Ex.^{mo} Snr. Conselheiro Julio Marques de Vilhena, Par do Reino e Governador do Banco de Portugal.

43, AVENIDA CENTRAL, 43
RIO DE JANEIRO

OPINIÕES DE CELEBRIDADES ARTISTICAS SOBRE

O ODOL

O ODOL é hygienico e deliciosamente refrigerante!

O ODOL é o dentifricio de maior consumo no mundo inteiro!



ELEONORA DUSE

O ODOL é superior. Sempre o emprego.
Eleonora Duse.



GIUSEPPE VERDI

O ODOL é realmente um excelente e utilissimo preparado; faço delle uso quotidiano para a limpeza da bocca.
Giuseppe Verdi.



TINA DE LORENZO

O ODOL é na verdade um delicioso preparado para a limpeza da bocca.
Tina di Lorenzo.



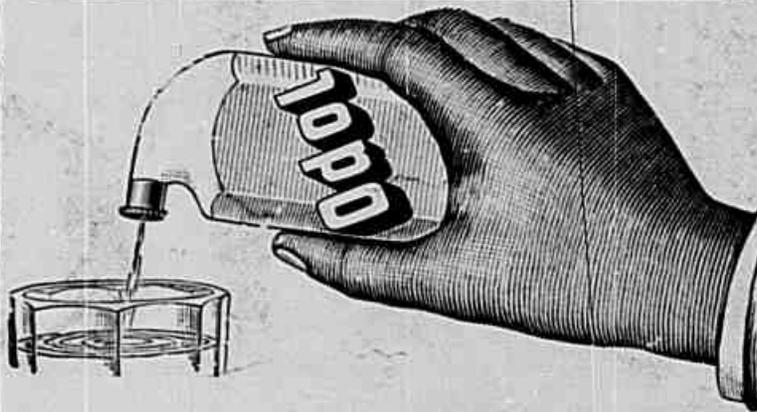
ADELINA PATTI

Tenho grande prazer em lhe dizer que acho o ODOL excelente e muito refrigerante.

Adelina Patti.



Vende-se em todas as cidades da Republica



ODOL

O DENTIFRICIO SEM RIVAL!



ARRIGO BOITO

Lodo l'odol! (Louvo o ODOL)

Arrigo Boito.

O ODOL é o dentifricio ideal. Emprego-o diariamente e posso dizer que jamais encontrei um preparado tão hygienico quanto util.

Pietro Mascagni.



R. LEONCAVALLO



PIETRO MASCAGNI

Unicos Importadores para todo o Brazil:

LOUIS HERMANNY & C.

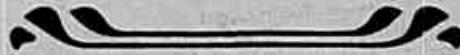
RUA GONÇALVES DIAS, 65 — RIO DE JANEIRO

LAPORT, LANGGAARD & C.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Oleos lubrificantes, drogas para industrias, machinismos,

✻ ✻ tintas, vernizes, aço, massames, etc., etc. ✻ ✻



Materiaes para Fabricas e Estradas de Ferro

UNICOS DEPOSITARIOS NO BRASIL, dos seguintes artigos:

METAES "ALBA" E "ATLAS" da The Atlas Metal & Alloys C.^o Ld.—London.

LUBRIFICANTES "ROYAL" E "NAVY" de Borne Sgrymser C.^o—New-York.

CORREIAS DE TRANSMISSÃO "MARS" da Southwark Manufacturing C.^o—London.

Cimento "GRANITO", Limas, "Platt", Enxadas "IDEAL", "Alvenaria Carbolineum".

ARMAZEM E ESCRITORIO

47, Rua Primeiro de Março, 47

DEPOSITOS:

Rua da Gambôa N. 9 == Rua do Carmo N. 47

TELEPHONE N. 1.095

CAIXA DO CORREIO N. 511

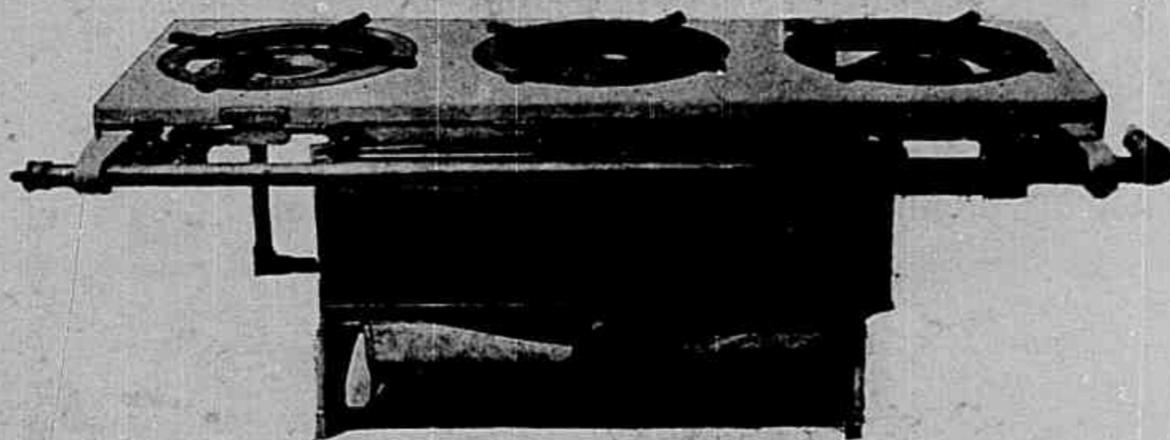
END. TELEGR. "OLEOS"

RIO DE JANEIRO

KOSMOS

COSINHAR A GAZ

PROMPTIDÃO, ASSEIO E ECONOMIA



Maior asseio sem fumaça **COKE** Maior asseio sem fumaça

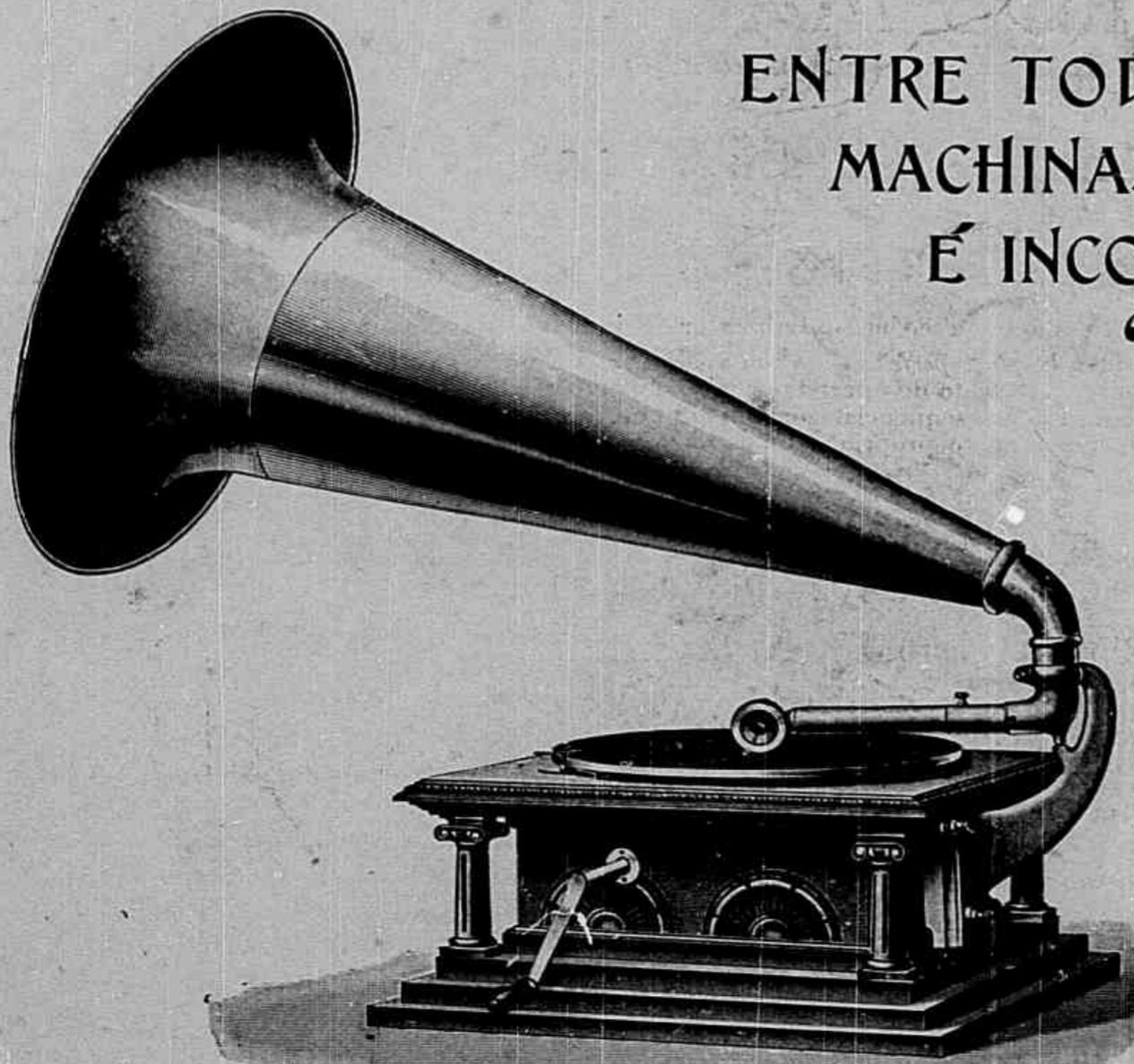
Para cosinha 25\$000, na Rua da Alfandega n. 140 e Rua do Senador Euzebio n. 232

Para uso Industrial, na Rua Senador Euzebio n. 232

GRANDE ABATIMENTO CONFORME A QUANTIDADE

ENTRE TODAS AS
MACHINAS FALLANTES!
É INCONTESTAVELMENTE
“ODEON”

A MELHOR!



Agencia geral no Brazil:

RUA DO OUVIDOR, 105

— Rio de Janeiro —

✿ CATALAGO A PEDIDO ✿

RIO DE JANEIRO

Noticia † geral, † historica † e † descriptiva † da † cidade
 POR

✻ ✻ ✻ ✻ Ferreira da Rosa ✻ ✻ ✻ ✻

EDIÇÃO DA PREFEITURA

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
 seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS DO

✻ ✻ ✻ ✻ **KÓSMOS** ✻ ✻ ✻ ✻

Brochura 15\$000
 Encadernação em marroquim. 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DO "KOSMOS"
 COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

À VENDA NA RUA DA ALFANDEGA N. 24

FILTROS MALLIÉ

✻ ✻ ✻ ✻ Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto ✻ ✻ ✻ ✻

(THEORIA PASTEUR)

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!

A maior facilidade para installação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

• A agua filtrada é de uma *limpidez perfeita* e de um *sabor agradavel*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ahi viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluímos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*

Agentes geraes para o Brazil: — **A. ABREU & COMP.**

• Rua da Quitanda N. 102 — Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro: — **A NOVA AMERICA E CHINA**

Rua do Ouvidor N. 39.

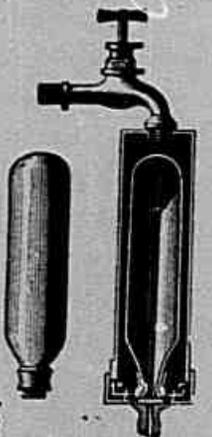
Depositarios em S. Paulo: — **MONTEIRO SOARES & COMP.**

Rua Direita — Canto do Viaducto.

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES



(Filtro sem pressão)



(Filtro de pressão)

DUBONNET ◉ MELHOR APERITIVO ◉

KOSMOS



NOVOS 
PROCESSOS

L. Musso & Cia

Rua Urugayana N. 10

RIO DE JANEIRO



TAPEÇARIAS E MOVEIS

22A RUA DA QUITANDA 22 B
ESQUINA DO BECCO DO CARMO

ARTHUR LEITÃO

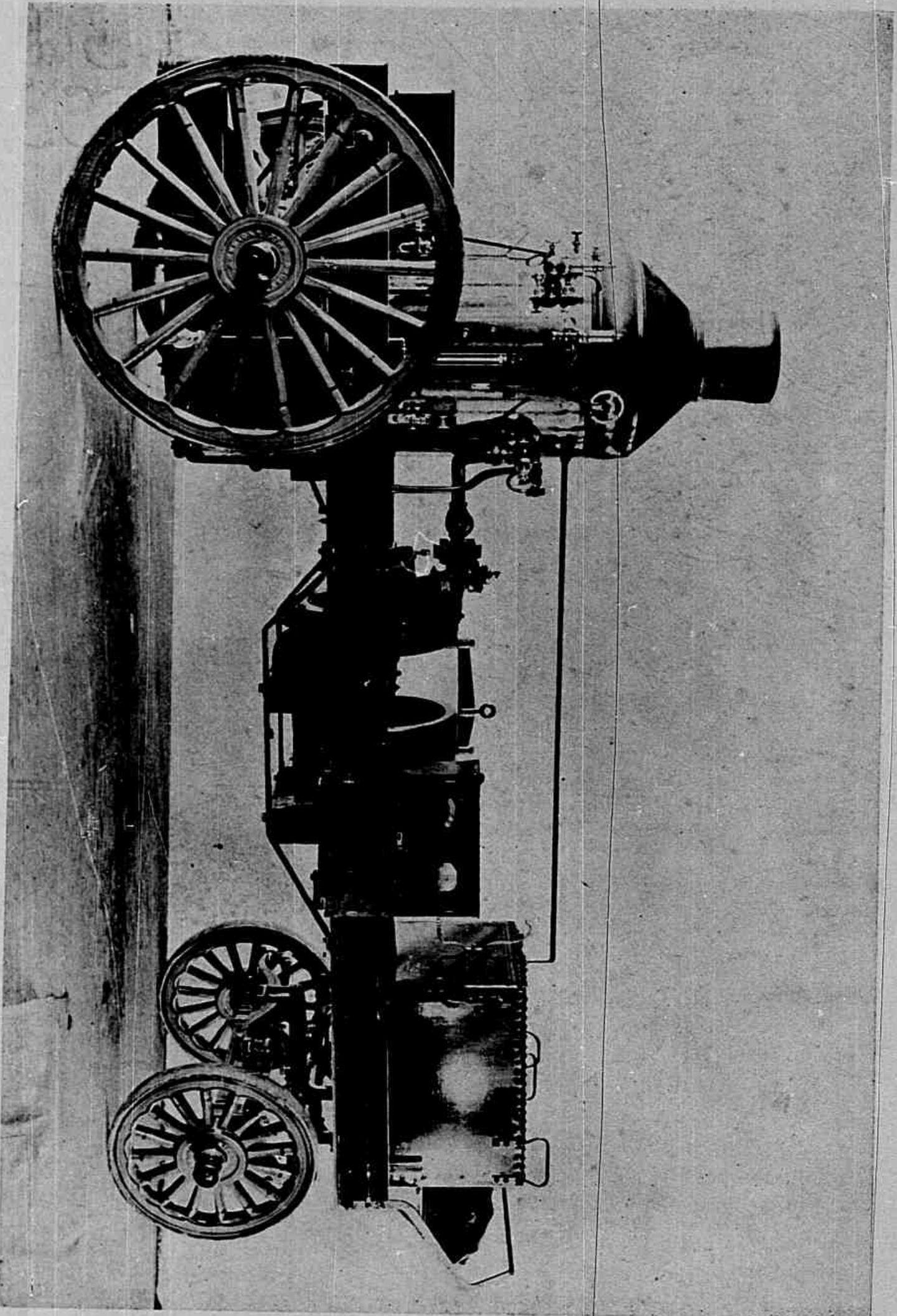
RIO DE JANEIRO



ESPECIALIDADE
EM CORTINAS, REPOSTEIROS
ARMAÇÔES PARA JANELLAS
CORTINADOS PARA CAMAS
FELLES, TAPETES, ESTEIRAS
E OLEADOS PARA FERRAR
SOALHOS
GRANDE VARIEDADE DE
MOVEIS E TODOS OS
ARTIGOS PROPRIOS
PARA ORNAMENTAR SALLA
TUDO BOM E BARATO

ESTE ESTABELECIMENTO TEM UMA BEM ORGANIZADA OFFICINA DE
ARMADORES E ESTOFADORES

GUINLE & COMP.



Installação portatil para illuminações electricas com capacidade para 50 lampadas de arco.

AO 1.º BARATEIRO E TOILETTE DAS CRIANÇAS

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Fazendas, Modas, Armarinho, Confecções, Roupas brancas e Tapeçarias



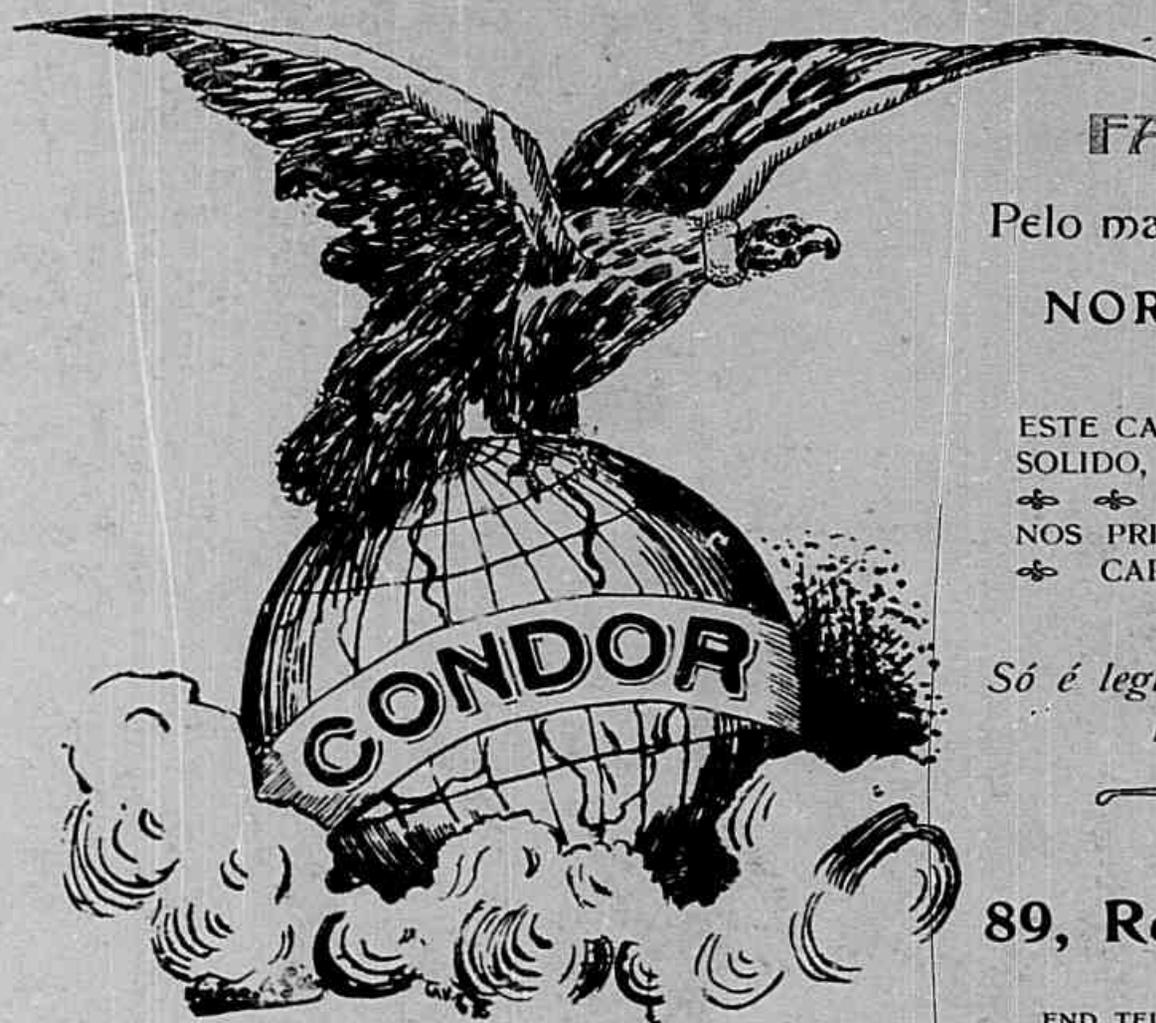
Especialidade em vestuários para crianças de ambos os sexos

Rodrigues, Mayrinck & Comp.

PARTICIPAM A SEUS AMIGOS E FREGUEZES QUE INAUGURARAM O NOVO PREDIO
AVENIDA CENTRAL Ns. 96, 98 e 100 — RUA DOS OURIVES N. 77-B

RIO DE JANEIRO

CALÇADO "CONDOR"



FABRICADO

Pelo mais aperfeiçoado systema

NORTE-AMERICANO

ESTE CALÇADO É O MAIS ELEGANTE,
SOLIDO, DURAVEL E IMPERMEAVEL.
✦ ✦ ✦ A' VENDA ✦ ✦ ✦
NOS PRINCIPAES DEPOSITOS DESTA
CAPITAL E DOS ESTADOS. ✦

*Só é legitimo o que tiver na sola a
marca CONDOR*

FABRICA:

89, Rua General Pedra

END. TELEG. «CONDOR» TELEPHONE, 935

CORREIAS PARA MACHINAS

Cortume de Agua Branca

MARX & COMP.

TELEGRAMMAS: «MARX»

Agua Branca — S. Paulo

CAIXA DO CORREIO, 286

Filial no Rio: 102 RUA DA ALFANDEGA

Fabricam as melhores solas do Brazil para sapateiros, Selleiros, etc. Vaquetas brancas, pretas Paulistas, pelles finas.

Têm a maior fabrica de CORRÊAS no Brazil. Fabricação especial de Corrêas para Dynamos de qualquer dimensão sem costura e sem fim

✦ **ACCEITA-SE PEDIDOS QUE TERÃO PROMPTA EXECUÇÃO** ✦

Corrêas superiores simples, duplas, triplas, tannino, chromo, mais barato que as estrangeiras superiores em resistencia e duração que as estrangeiras aqui importadas

CORRÊAS, PICKING BANDS, TENTOS, MANGUEIRAS E TODOS
✦ ✦ OS OUTROS ARTIGOS DO MESMO RAMO ✦ ✦

Odol

O melhor
para os
dentes



VENDE-SE

EM TODAS AS CASAS DE PERFUMARIAS, PHARMACIAS, ETC., DO BRAZ

UNICOS DEPOSITARIOS

LOUIS HERMANNY & COMP.

RUA GONÇALVES DIAS N. 65 - RIO DE JANEIRO

SPARKLET Brevemente à Vend

PURGEN

O PURGATIVO IDEAL

Saboroso, Efficaz

Não produz colicas
nem outros incommodos

Approvado e licenciado pela
Directoria Geral de Saude Publica



MARCA REGISTRADA

Suave, Economico

O mais adequado
para as creanças

Muito receitado pelas autoridades
medicas do Brazil e do Estrangeiro

PURGEN para creanças	Vidros com 15 pastilhas redondas, cor ds rosa
PURGEN para adultos	» » 15 » » amarellas
PURGEN forte	» » 6 » » »

À VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

UNICO IMPORTADOR NO BRAZIL



MARCA REGISTRADA

PAULO ZSIGMONDY

Rua General Camara, 78

RIO DE JANEIRO



MARCA REGISTRADA

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA



Edição da Prefeitura

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KÓSMOS—

Brochura 15\$000

Encadernado em marroquim . . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KÓSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**À VERDA DA
RUA DA ALFANDEGA, 24**